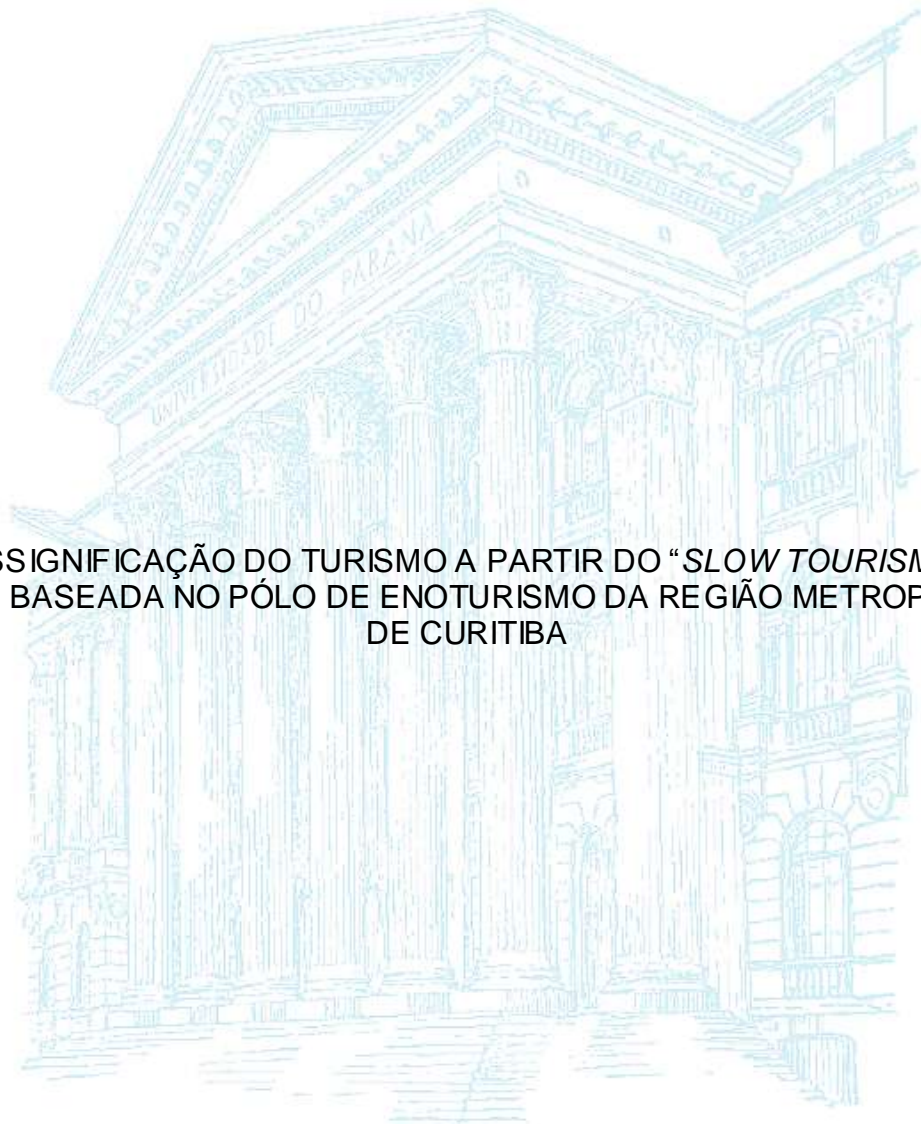


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO  
MESTRADO EM TURISMO

GRAZIELLE UENO MACCOPPI



A RESSIGNIFICAÇÃO DO TURISMO A PARTIR DO “*SLOW TOURISM*”: UMA  
ANÁLISE BASEADA NO PÓLO DE ENOTURISMO DA REGIÃO METROPOLITANA  
DE CURITIBA

CURITIBA  
2017

GRAZIELLE UENO MACCOPPI

A RESSIGNIFICAÇÃO DO TURISMO A PARTIR DO “*SLOW TOURISM*”: UMA  
ANÁLISE BASEADA NO PÓLO DE ENOTURISMO DA REGIÃO METROPOLITANA  
DE CURITIBA

Dissertação apresentada como requisito para a  
obtenção do grau de Mestre em Turismo pelo  
Programa de Pós-Graduação em Turismo do Setor  
de Ciências Humanas da Universidade Federal do  
Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Hauer Queiroz Telles

CURITIBA  
2017



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
Setor CIÊNCIAS HUMANAS  
Programa de Pós-Graduação TURISMO

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em TURISMO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **GRAZIELLE UENO MACOPPI** intitulada: **A resignificação do turismo a partir do Slow Tourism: uma análise do Pólo de Enoturismo da Região Metropolitana de Curitiba**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 12 de Junho de 2017.

DANIEL HAUER QUEIROZ TELLES  
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

CARLOS ALBERTO CIOZE SAMPAIO  
Avaliador Externo (FURB)

LILIANE CRISTINE SCHLEMER ALCANTARA  
Avaliador Externo (UFSCAR)

VANDER VALDUGA  
Co-orientador - Avaliador Interno (UFPR)

*Aos estudantes e professores do Turismo.*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus amores Jefferson, Laura, Pietro e Luiza. Nada faz sentido sem vocês.

A minha família (pai, mãe, Gi, Clé e “Ni”) fonte de amor e segurança de todas as horas. Pai, não houve um dia sequer que não chorasse a tua falta.

Aos meus irmãos de coração: Carol, Isa e Junior sempre prontos a dividir e a sorrir.

As minhas amigas de outras vidas: Tatiana Telles e Flávia Prudente Simas, vocês conseguem ler meu coração, gratidão pelos ouvidos atentos e as palavras de amor, compreensão e incentivo

As parceiras do Centro Universitário Internacional – UNINTER: Prof<sup>a</sup> Edilaine Cegan, Prof<sup>a</sup> Adriana Czajkowski, Prof<sup>a</sup> Carla Patrícia de Souza e Silva e Prof<sup>a</sup> Vanderléia Stece de Oliveira vocês são a acolhida de todos os dias.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal do Paraná, especialmente a Prof<sup>a</sup> Márcia Shizue Massukado Nakatani, pelas aulas “deliciosas” e pelo exemplo profissional.

Aos meus orientadores: Prof<sup>o</sup> Vander Valduga, Prof<sup>o</sup> Carlos Alberto Cioce Sampaio e Prof<sup>o</sup> Daniel Telles, muito obrigada pelas orientações e parceria.

Meu agradecimento mais que especial ao professor Vander Valduga, pela disposição, compreensão, paciência e incentivo sempre.

Aos colegas da turma 2015, vocês são fonte sem fim de energia e de companheirismo.

As “turismigas” Renata Custódio Klos, Claudia de Stefani, Valéria Albach, Raquel Pazini e Juliana Medaglia, agradeço a amizade, a torcida e a convivência.

A Marina Rossi Ferreira, pesquisadora e pessoa especial que trouxe luz pro meu caminho.

A Franciele Manosso, você é um anjo, obrigada pelo cuidado e dedicação na reta final deste trabalho.

***“Pouco conhecimento faz que as criaturas se sintam orgulhosas”.***

***Leonardo da Vinci***

## RESUMO

Partindo da premissa que o turismo é um fenômeno pertencente à contemporaneidade, se faz necessário discutir ultrapassando o seu entendimento enquanto função restrita do sistema econômico e incorporar novas abordagens de fortalecimento das relações socioculturais que o compõem. O movimento de desaceleração do tempo – *slow* surgiu na década de 80, como contestação e valorização do desfrute do tempo e desde então tem se propagado para diferentes contextos sociais, entre eles o turismo. Apesar de ser considerado como uma tendência contemporânea, as discussões científicas são incipientes e ainda carentes de aprofundamento teórico, apresentando-se aliado a outras práticas consolidadas de turismo. Assim estabeleceu-se como problemática de pesquisa: Verificar como as dinâmicas *slow* se apresentam no turismo? As dinâmicas *Slow Tourism* possuem aproximação com o Enoturismo? De que forma é possível evidenciar o tempo lento no Polo de Enoturismo da Região Metropolitana de Curitiba? A partir desta problemática, definiu-se como objetivo: Analisar o *Slow Tourism* enquanto prática capaz de ressignificar o fenômeno turístico. Além da discussão teórica, desenvolveu-se a pesquisa empírica elegendo o Enoturismo, como prática de aproximação. Analisaram-se empiricamente três vinícolas do Polo de Enoturismo da Região Metropolitana de Curitiba. A coleta de dados se deu a partir da observação participante de forma assistemática e de aplicação de entrevista semi-estruturada com os proprietários. Considera-se que as dinâmicas *slow* estão presentes nas vinícolas especialmente pela oferta: da experiência, a partir do conhecimento, elementos estéticos e evasão, da qualidade, com o silêncio, autonomia e segurança; dos sabores com a degustação dos vinhos e harmonização da culinária e da consciência socioambiental disposta pela restauração e valorização dos atributos histórico-culturais. Destaca-se no *Slow Tourism* a promoção do turismo sustentável e o incentivo às iniciativas locais, numa inversão de prioridades onde as condutas internas e de bem-estar da oferta turística sobressaem sobre a preocupação de satisfação das expectativas do turista.

**Palavras Chave:** Turismo, Lentidão, *Slow Tourism*, Enoturismo.

## **ABSTRACT**

Starting from the premise that tourism is a phenomenon belonging to contemporaneity, it is necessary to discuss overcoming its understanding as a restricted function of the economic system and to incorporate new approaches to strengthen the socio-cultural relations that comprise it. The slow - deceleration movement emerged in the 1980s as a challenge to and appreciation of the enjoyment of time and since then it has spread to different social contexts, among them tourism. Despite being considered as a contemporary trend, the scientific discussions are incipient and still lacking in theoretical depth, presenting itself alongside other already consolidated practices of tourism. Thus, it was established as a research problem: To verify how the slow dynamics present themselves in tourism? Do Slow Tourism dynamics approximate Wine Tourism? In what way is it possible to show the slow time in the Pole of Wine Tourism in the Metropolitan Region of Curitiba? From this problem, it was defined as an objective: To analyze Slow Tourism as a practice capable of re-signifying the phenomenon of tourism. In addition to the theoretical discussion, empirical research was developed by choosing Wine Tourism as a practice of approximation. Three wineries of the Wine Tourism Pole of the Metropolitan Region of Curitiba were empirically analyzed. The data collection was based on participant observation in an unsystematic way and the application of a semi structured interview with the owners. It is considered that the slow dynamics are present in the wineries especially by the offer: of the experience, from the knowledge, aesthetic elements and evasion, of the quality, with the silence, autonomy and security; Of the flavors with the tasting of the wines and harmonization of the culinary and the socio-environmental consciousness disposed by the restoration and valorization of the historical cultural attributes. Slow Tourism stands out in promoting sustainable tourism and encouraging local initiatives, in a reversal of priorities where the internal conduct and well-being of the tourism offer stand out from the concern of satisfying tourist expectations.

**Key Words:** Tourism, Slowness, Slow Tourism, Wine Tourism.



## **LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 1: FLUXOGRAMA DA PESQUISA .....	20
FIGURA 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....	22
FIGURA 3: MAPA ILUSTRATIVO DE DIVULGAÇÃO DO PÓLO DO ENOTURISMO. ....	29
FIGURA 4: SITUANDO O “SLOW” – TEMPO X ESPAÇO .....	46
FIGURA 5: ESTRUTURA DE FORMAÇÃO DO SLOW FOOD .....	57
FIGURA 6: ATUAÇÃO DO SLOW FOOD .....	57
FIGURA 7: NUVEM DE PALAVRAS A PARTIR DOS CONCEITOS SLOW TOURISM .....	75
FIGURA 8: DEFINIÇÃO DE SLOW TOURISM .....	76
FIGURA 9: ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DO SLOW TOURISM .....	78
FIGURA 10: DOMÍNIOS DA EXPERIÊNCIA .....	80
FIGURA 11: RELAÇÃO ENTRE QUANTIDADE DE ATRATIVOS x EXPERIÊNCIA .....	81
FIGURA 12: LOCALIZAÇÃO DE TREASURE BEACH .....	87
FIGURA 13: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA REGIÃO NÓRDICA .....	90
FIGURA 14: FOLDER DE DIVULGAÇÃO - VINÍCOLA LEGADO .....	97
FIGURA 15: ESTIMATIVA DE TEMPO PARA VINÍCOLA ARAUCÁRIA .....	101
FIGURA 16: ESTIMATIVA DE TEMPO PARA CAVE COLINAS DE PEDRA .....	103
FIGURA 17: ESTIMATIVA DE TEMPO PARA VINÍCOLA FRANCO ITALIANO .....	104

## **LISTA DE FOTOS**

FOTO 1: VILA DE PESCADORES EM TREASURE BEACH. ....	88
FOTO 2: ACAMPAMENTO OFERECIDO PELO HOTEL SPURCE .....	91
FOTO 3: PRODUTOS TRADICIONAIS COMERCIALIZADOS NOS MERCADOS VISITADOS .....	93
FOTO 4: VIVÊNCIAS NA FAZENDA DE CAFÉ .....	94
FOTO 5: EXPLICAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO VINHO, NA VINÍCOLA ARAUCÁRIA. ....	107
FOTO 6: MESA PREPARADA PARA O CURSO DE VINHOS. ....	108
FOTO 7: RECEPÇÃO DOS VISITANTES NA SEDE DA CAVE COLINAS DE PEDRA .....	109
FOTO 8: ACOLHIDA DOS VISITANTES NO INTERIOR DA SEDE .....	110
FOTO 9: SINALIZAÇÃO NA VINÍCOLA ARAUCÁRIA .....	111
FOTO 10: TRILHA E ÁREA DE DESCANSO .....	112
FOTO 11: INTERIOR DO TUNEL NA CAVE COLINAS DE PEDRA .....	113
FOTO 12: PRAÇA DE DESCANSO DA CAVE COLINAS DE PEDRA .....	115
FOTO 13: ÁREA DE DESCANSO NA CAVE COLINAS DE PEDRA .....	115
FOTO 14: VAGÃO DESATIVADO NA CAVE COLINAS DE PEDRA .....	116
FOTO 15: SALÃO DO ESPAÇO GASTRONÔMICO – VINÍCOLA FRANCO ITALIANO .....	117
FOTO 16: DISPOSIÇÃO DAS MESAS – VINÍCOLA ARAUCÁRIA .....	118
FOTO 17: VISITA DA ENTRADA – CAVE COLINAS DE PEDRA .....	119
FOTO 18: TANQUE AMBIENTAL – VINÍCOLA ARAUCÁRIA .....	121
FOTO 19: ENTRADA DO RESTAURANTE NA VINÍCOLA FRANCO ITALIANO .....	122
FOTO 20: ANTIGA ESTAÇÃO ROÇA NOVA .....	122
FOTO 21: SEDE DA CAVE COLINAS DE PEDRA E ATUAL ESTAÇÃO ROÇA NOVA .....	123
FOTO 22: BUFFET SERVIDO NA VINÍCOLA FRANCO ITALIANO .....	124
FOTO 23: ENTRADA SERVIDA NA VINÍCOLA ARAUCÁRIA .....	126
FOTO 24: EMPRATADOS EM PEQUENAS PORÇÕES – CAVE COLINAS DE PEDRA .....	127

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: MATRIZ METODOLÓGICA .....	18
QUADRO 2: ETAPAS DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	19
QUADRO 3: ESTILO DOS ARTIGOS POR TRATAMENTO TEÓRICO .....	24
QUADRO 4: PROCEDIMENTOS DE APROXIMAÇÃO COM A REALIDADE .....	25
QUADRO 5: CRITÉRIOS PARA A ANÁLISE EMPÍRICA .....	27
QUADRO 6: VINÍCOLAS DO POLO DO ENOTURISMO DA RMC .....	28
QUADRO 7: OPOSIÇÕES TEMÁTICAS ENTRE SLOW FOOD E O FAST FOOD .....	50
QUADRO 8: FILOSOFIA <i>SLOW FOOD</i> (SF) .....	52
QUADRO 9: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO <i>SLOW FOOD</i> (SF) .....	52
QUADRO 10: SÍNTESE IDENTITÁRIA DO SLOW FOOD (SF) .....	55
QUADRO 11: NÍVEL ORGANIZACIONAL E DE GESTÃO DO SLOW FOOD .....	56
QUADRO 12: MODIFICAÇÕES NAS DEFINIÇÕES DE TURISMO, SEGUNDO A OMT. ....	68
QUADRO 13: ABORDAGENS DO SLOW TOURISM .....	73
QUADRO 14: APROXIMAÇÃO COM OUTRAS PRÁTICAS DE TURISMO .....	86
QUADRO 15: EVIDÊNCIAS DE APROXIMAÇÃO ENTRE O <i>SLOW TOURISM</i> E O ENOTURISMO. .....	129

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1. PROBLEMA DE PESQUISA .....	14
1.2. OBJETIVOS DA PESQUISA.....	14
1.2.1. OBJETIVO GERAL .....	15
1.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	15
1.3. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO .....	15
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	17
2.1. TIPO DE PESQUISA.....	17
2.2. MATRIZ METODOLÓGICA.....	18
2.3. ETAPAS DA PESQUISA.....	19
2.4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
2.4.1. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA .....	22
2.4.2. PESQUISA DOCUMENTAL .....	24
2.4.3. VISITA E VIAGEM TÉCNICA .....	24
2.4.4. ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA E OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE .....	26
2.5. DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	27
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	31
3.1. O DESENVOLVIMENTO.....	31
3.1.1. REFLEXÕES PRELIMINARES .....	31
3.1.2. PROPOSTAS ALTERNATIVAS AO DESENVOLVIMENTO .....	33
3.1.2.1. DESENVOLVIMENTO COMO LIBERDADE.....	35
3.1.2.2. DESENVOLVIMENTO À ESCALA HUMANA .....	36
3.1.2.3. ECODESENVOLVIMENTO.....	37
3.1.2.4. DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL .....	39
3.1.3. TERRITÓRIO .....	40
3.1.4. LUGAR.....	43
3.1.4.1. AS APROXIMAÇÕES ENTRE O “LUGAR” E O “SLOW”.....	45
3.2. SLOW FOOD: COMPREENDENDO O CERNE DE DESACELARAR A PARTIR DE UM MOVIMENTO .....	47
3.2.1. ORIGEM E HISTÓRICO DO SLOW FOOD.....	47
3.2.2. ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO MOVIMENTO SLOW FOOD .....	51
3.2.2.1. REDE DE ASSOCIADOS.....	58
3.2.2.2. FUNDAÇÃO SLOW FOOD PARA BIODIVERSIDADE .....	58
3.2.2.3. FUNDAÇÃO TERRA MADRE .....	62
3.2.2.4. UNIVERSIDADE DE CIÊNCIAS GASTRONÔMICAS.....	64
3.2.3. SLOW MOVEMENT .....	65
3.3. SLOW TOURISM: O MOVIMENTO DE LENTIDÃO NO CONTEXTO DO TURISMO.....	67
3.3.1. DISCUTINDO OS CONCEITOS DO SLOW TOURISM.....	71
3.3.1.1. SLOW TRAVEL.....	71
3.3.1.2. SLOW TOURISM .....	72
3.3.2. ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DO SLOW TOURISM .....	77
3.3.2.1. LENTIDÃO .....	78
3.3.2.2. EXPERIÊNCIA .....	80
3.3.2.3. CONSCIÊNCIA SOCIOAMBIENTAL .....	82
3.3.2.4. QUALIDADE .....	83
3.3.2.5. SABORES.....	84
3.4. CASOS EMBLEMÁTICOS DO SLOW TOURSIM .....	85
3.4.1. TURISMO COMUNITÁRIO.....	86
3.4.2. TURISMO DE AVENTURA.....	89
3.4.3. TURISMO GASTRONÔMICO.....	92

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE.....	96
4.1 PRÉ-TESTE DO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS .....	96
4.2. OBSERVAÇÃO E ENTREVISTAS.....	98
4.2.1. Breve Contextualização das Vinícolas .....	98
4.2.2. Resultados da Observação.....	99
4.2.2.1 Lentidão .....	100
4.2.2.2. Experiência .....	105
4.2.2.3. Qualidade .....	116
4.2.2.4. Consciência Socioambiental .....	120
4.2.2.5. Sabores .....	123
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	130
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	132

## 1. INTRODUÇÃO

O turismo, em seu contexto atual, tornou-se sinônimo de geração de renda e de benefícios econômicos. Atualmente, ocupa a terceira posição como categoria de exportação mundial, atrás apenas dos combustíveis e produtos químicos, estima-se que, de acordo, com o seu histórico de crescimento, avance uma média de 3% ao ano pelos próximos quinze anos (UNWTO, 2016).

Apesar da posição de destaque, o turismo não pode ser observado somente sob a ótica mercantil, pois é um processo de produção social com interferência em outros campos de produção humana (MOESCH, 2001; LEMOS, 2002, SAMPAIO, 2011). Mesmo se considerarmos que pode estar sujeito a se transformar em mercadorias no circuito de valorização do capital, seu principal recurso são as relações humanas e sociais e sua dinâmica, é da comercialização destas relações que se geram os valores de troca no turismo (LEMOS, 2002).

Deste modo, considera-se o fenômeno do turismo como uma prática contemporânea e tecida de relações sociais. Onde, há uma constante organização/desorganização capaz de romper com os determinismos sistêmicos industriais e ser instrumento de novas interpretações condizentes com a atualidade (VALDUGA, 2012).

O turismo, justamente por sua contemporaneidade, segue na necessidade de ser discutido ultrapassando o entendimento enquanto função de um sistema econômico e buscando sua compreensão enquanto um processo sociocultural. Ao mesmo tempo em que se reconhece que o processo singular necessita de ressignificações, principalmente, ao que diz respeito às relações impositivas, aos códigos capitalísticos e aos valores colocados como bens culturais (MOESCH, 2001; PANOSSO NETO, NECHAR, 2014; TRIBE, 2008).

Frente à necessidade de um repensar na lógica de desenvolvimento e prática do turismo, observa-se nas relações estabelecidas pela sociedade, oportunidades latentes expostas ao olhar científico e, que podem fornecer contribuições importantes ao fenômeno.

No conjunto das novas abordagens surge, a partir dos anos 1980, um movimento de contestação sobre a lógica hegemônica de disseminação de empresas multinacionais. Trata-se de grupos minoritários que incitam a importância de se prover à desaceleração do tempo e novas relações com o espaço. De uma

maneira geral, uma antítese do que Harvey (2002) atribui à compressão espaço-tempo. Ou o que Habermas (2012) identifica como reação natural da sociedade no mundo da vida da modernidade e que recebe caráter de resistência ou caráter emancipatório, pela sua própria natureza.

O movimento da lentidão tem sua origem no *Slow Food*, postura associativa iniciada, de forma espontânea, em Roma, durante uma manifestação liderada pelo jornalista Carlo Petrini, que 'lutava' contra a instalação de uma rede norte-americana de *fast food*. Em alguns anos, o movimento passou a ser organizado sob a forma de associação internacional. De acordo com Petrini (2012) ao reconhecer o alimento como questão crucial e estratégica, o *Slow Food* foi estabelecido para promover padrões alternativos de produção e consumo e, nessa perspectiva, pode ser considerado um multiplicador de práticas que prezam a colaboração e a desaceleração.

Nesta conjuntura, os princípios foram disseminados para diferentes contextos sociais e entre eles o turismo no denominado *Slow Tourism*, que prevê a prática do turismo de maneira mais lenta e respeitosa. Ainda, uma temática pouco conhecida no meio científico, o *Slow Tourism* ou Turismo Lento está associado ao desenvolvimento de estratégias que respeitem o meio ambiente, que resgatem e valorizem as práticas sociais, e que se volte para oportunizar a experiência turística, incorporando a necessidade de novas interpretações do turismo e de padrões de comportamento social.

Busca-se neste trabalho o desafio de desvelar o *Slow Tourism* e contribuir com um novo olhar de observação ao fenômeno turístico. No Brasil, os estudos sobre o tema estão em fase inicial e se apoiam em práticas turísticas que primam por um ritmo mais lento, embasadas no envolvimento comunitário e nas tradições culturais, como no Enoturismo.

O enoturismo é um segmento da atividade turística que se baseia na viagem motivada pela apreciação do sabor e aroma dos vinhos e das tradições e cultura das localidades que produzem esta bebida, envolvendo o visitante na cultura e nos detalhes de produção da bebida (VALDUGA *et al*, 2007).

A partir de tal referência elegeu-se como observação empírica deste trabalho o Polo de Enoturismo do Paraná, onde as categorias principais de observação serão os elementos fundamentais do *Slow Tourism*. O Polo de Enoturismo é o resultado da união de oito vinícolas paranaenses que a partir da

Vinopar - Associação dos Vitivinicultores do Paraná lançaram um roteiro de promoção turística com o objetivo de divulgar e fortalecer o setor. Entre as atrações principais do Polo estão: o plantio e cultivo de uvas finas e o preparo e armazenamento do vinho. Dentre as oito vinícolas da associação, existem especialmente três que possui atendimento regular ao visitante, a partir dos seus restaurantes, justamente as escolhidas para o desenvolvimento da análise empírica (ZARUCH, 2016).

Cabe ponderar que não há intenção, em tal proposta, de demarcar oposições às diferentes formas de turismo, tampouco promover competição entre as temáticas, mas caminhar no acolhimento da necessidade de compreensão da realidade posta pelo comportamento dinâmico da sociedade moderna e do aprofundamento científico dos estudos turísticos. Com base nas exposições, estruturou-se uma pesquisa de base qualitativa e exploratória, com a seguinte problemática:

### 1.1. PROBLEMA DE PESQUISA

Sob a perspectiva da oferta turística, ou seja, daquilo que é oferecido ao consumo do turista, a dissertação construiu-se balizada pelos seguintes questionamentos: Como as dinâmicas *slow* se apresentam no turismo? As dinâmicas *Slow Tourism* possuem aproximação com o Enoturismo? De que forma é possível evidenciar o tempo lento no Polo de Enoturismo da Região Metropolitana de Curitiba?

A partir destes questionamentos, elegeram-se os seguintes objetivos da pesquisa:

### 1.2. OBJETIVOS DA PESQUISA

No presente tópico, serão apresentados os objetivos da pesquisa, conforme segue.

### 1.2.1. Objetivo Geral

Analisar o *Slow Tourism* enquanto prática capaz de ressignificar o fenômeno turístico.

### 1.2.2. Objetivos Específicos

- ✓ Analisar os princípios norteadores na concepção do conceito *Slow Tourism* e seus elementos fundamentais.
- ✓ Identificar e caracterizar os casos emblemáticos que denotem o *Slow Tourism* como movimento convergente em contexto mundial.
- ✓ Aproximar o *Slow Tourism* e o Enoturismo a partir do Polo do Enoturismo da Região Metropolitana de Curitiba.

## 1.3. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Para responder à problemática proposta pela pesquisa, a dissertação estruturou-se em cinco capítulos. No Primeiro Capítulo, denominado de introdução, apresenta-se o tema da pesquisa, a problemática e os objetivos. O Segundo Capítulo é composto pelo detalhamento dos procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa.

O Terceiro Capítulo é formado pela fundamentação teórica, que compreende:

- ✓ O esforço de contextualização do tema *slow*, tendo como perspectiva inicial as correntes progressistas de desenvolvimento, dentre elas: desenvolvimento como liberdade, desenvolvimento à escala humana, ecodesenvolvimento e desenvolvimento territorial.
- ✓ A partir dos componentes enaltecidos no desenvolvimento territorial, reconheceu-se a relevância da categoria “lugar” para a pesquisa. Aborda-se, portanto o “lugar” enquanto espaço possível para verificar de forma qualitativa as relações sociais e humanas dentro do contexto do turismo e da lentidão;
- ✓ O *Slow Tourism* e seus elementos fundamentais são apresentados na sequência;
- ✓ Finaliza-se a construção teórica, com a apresentação dos casos emblemáticos, encontrados no recorte da pesquisa.



No Quarto Capítulo descreve-se e analisa os dados coletados durante a realização da pesquisa empírica. E, por fim, o Quinto Capítulo é composto pelas considerações finais acerca da construção teórica adotada e dos limites da pesquisa empírica, sinalizando as indicações de pesquisas futuras dentro da temática.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo debaterá os procedimentos metodológicos empregados no desenvolvimento da presente dissertação, para que desse modo, possa-se compreender de que maneira os resultados foram compilados.

### 2.1. TIPO DE PESQUISA

A pesquisa qualitativa para Denzin e Lincoln (2006, p. 16) se caracteriza como “um campo de investigação que envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos e, como um conjunto de atividades interpretativas, não privilegia nenhuma única prática metodológica em relação à outra”.

Massukado (2008) corrobora tal contexto ao destacar que existem diferentes definições para a pesquisa qualitativa, assim como uma diversificação de técnicas de investigação e de métodos adotados.

A partir das problemáticas estabelecidas na pesquisa: Existe a oferta turística do tempo lento no Polo de Enoturismo da Região Metropolitana de Curitiba? Como ocorre a instrumentalização do tempo lento no Polo de Enoturismo da Região Metropolitana de Curitiba? O *Slow Tourism* está associado a uma nova forma de interpretação do fenômeno turístico? Compreende-se o estudo como uma pesquisa de natureza qualitativa e de caráter exploratório descritivo, com o uso de estratégias que envolvem diferentes instrumentos de coleta de dados (FLICK, 2004; DENZIN, LINCOLN, 2006; CRESWELL, 2010).

Neste sentido, pondera-se que a referida pesquisa possui uma vertente interpretativa que reforça o papel do pesquisador no uso das técnicas metodológicas a fim de garantir uma visão ampla, exploratória e descritiva, reforçando, desse modo, suas percepções frente ao objeto e a problemática (DENZIN, LINCOLN, 2006; CRESWELL, 2010). De tal modo, elegeu-se como premissa central a preocupação com a recente discussão científica a respeito da temática e buscou-se organizar os procedimentos metodológicos de maneira que contemplasse tanto o contexto mundial como o contexto local dos preceitos do *slow tourism*.

## 2.2. MATRIZ METODOLÓGICA

A Matriz Metodológica encontra-se descrita no Quadro 01 e, foi elaborada com o intuito de organizar os procedimentos metodológicos da pesquisa, para que desta forma, possa-se visualizar os instrumentos adotados, frente à problemática e objetivos estabelecidos.

<b>Matriz Metodológica</b>			
<b>Problemática:</b> Como as dinâmicas slow se apresentam no turismo? As dinâmicas Slow Tourism possuem aproximação com o Enoturismo? De que forma é possível evidenciar o tempo lento no Polo de Enoturismo da Região Metropolitana de Curitiba?			
<b>Objetivo Geral:</b> Analisar o <i>Slow Tourism</i> enquanto prática capaz de ressignificar o fenômeno turístico.			
<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Questão para a Coleta de Dados</b>	<b>Categoria</b>	<b>Instrumento de Pesquisa</b>
Analisar os princípios norteadores na concepção do conceito <i>Slow Tourism</i> e seus elementos fundamentais.	Como estão fundamentadas as bases teóricas do <i>Slow Tourism</i> .	<i>Slow Tourism</i>	Revisão Bibliográfica Sistematizada Pesquisa Documental Pesquisa Bibliográfica
Identificar e caracterizar os casos emblemáticos que denotem o <i>Slow Tourism</i> como movimento convergente em contexto mundial.	De que forma se dá a discussão entre o <i>Slow Tourism</i> e outras práticas de turismo?	Estudos de Caso significativos em contexto mundial	Revisão Bibliográfica Sistematizada Pesquisa Bibliográfica
Aproximar o <i>Slow Tourism</i> e o Enoturismo a partir do Polo do Enoturismo da Região Metropolitana de Curitiba.	Perceber de que maneira os elementos fundamentais do <i>Slow Tourism</i> são ofertados no Enoturismo?	Pesquisa Empírica em contexto local  Enoturismo  Vinícolas Paranaenses	Visitas e viagens técnicas  Entrevista Semiestruturada  Transcrição das Entrevistas  Observação Participante

QUADRO 1: MATRIZ METODOLÓGICA  
FONTE: Elaborado pela autora (2017).

A partir da apreciação da matriz metodológica da pesquisa, cabe nos próximos tópicos, descrever os processos metodológicos empregados para o desenvolvimento da dissertação.

### 2.3. ETAPAS DA PESQUISA

Apesar das diversidades de definições e de técnicas que compõem a pesquisa qualitativa, segundo Denzin e Lincoln (2006), o processo de construção é composto, basicamente, de cinco etapas, a saber: o pesquisador, as perspectivas teóricas, as estratégias de pesquisa, os métodos de coleta e análise e a interpretação e apresentação dos resultados.

Seguindo esta conjuntura, o Quadro 02 apresenta, de maneira detalhada, as cinco etapas para a construção dos procedimentos metodológicos da presente dissertação.

<b>Etapa</b>	<b>Procedimentos Metodológicos</b>
<b>1ª Etapa Apropriação dos Temas</b>	Revisão Bibliográfica Sistematizada dos Conteúdos Pesquisa Documental
<b>2ª Etapa Procedimentos Metodológicos</b>	Elaboração da Matriz Metodológica Fluxograma Delimitação do objeto de pesquisa Escolha e preparo dos instrumentos de coleta de dados
<b>3ª Etapa Qualificação</b>	Revisão e ajustes do projeto de pesquisa Aprofundamento bibliográfico
<b>4ª Etapa Pesquisa de Campo</b>	Visitas e viagens técnicas Casos Emblemáticos – contexto mundial Observação Participante e Entrevistas – contexto local
<b>5ª Etapa Análise e Interpretação dos dados</b>	Transcrição das Entrevistas Redação final Defesa

QUADRO 2: ETAPAS DA PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS  
FONTE: Elaborado pela Autora (2017).

A partir da elaboração das etapas da pesquisa e procedimentos metodológicos, desenhou-se o fluxograma, conforme representado na Figura 01.



FIGURA 1: FLUXOGRAMA DA PESQUISA  
 FONTE: Elaborado pela autora (2017)

A Etapa Um, denominada de Apropriação dos Temas, foi realizada devido, principalmente, a incipiência do tema tratado neste trabalho, o *slow tourism*. Portanto, julgou-se de fundamental importância a aproximação e a análise das pesquisas científicas desenvolvidas em contexto mundial, antecedendo a construção dos objetivos e delimitações da pesquisa. Para esta fase, elaborou-se o Estado da Arte<sup>1</sup>, a partir da utilização da técnica de Revisão Bibliográfica Sistematizada, a ser descrita posteriormente. Em tal contexto, cabe considerar que foi a partir do panorama global da temática, em que se percebeu a imaturidade e a necessidade de pesquisas científicas que substanciassem e contribuíssem com o seu avanço, que se construiu a problemática de pesquisa e as categorias teóricas fundamentais para o seu desenvolvimento.

A Segunda Etapa é caracterizada pela elaboração tanto da Matriz Metodológica quanto do Fluxograma Metodológico da pesquisa, no qual foi sendo apresentado o detalhamento da pesquisa, a delimitação do objeto de estudo e dos

<sup>1</sup> (...) Estado da arte é indispensável na constituição de um campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada. (ROMANOWSKI, ENS, 2006)

principais instrumentos metodológicos empregados para o desenvolvimento da presente dissertação.

Na Terceira Etapa foi realizada a qualificação do trabalho que se considera a metade do trabalho. Neste momento, pode-se contar com a contribuição de outros pesquisadores que, de certo modo, auxiliaram nos encaminhamentos da pesquisa e compartilharam suas impressões a respeito do que foi abordado até tal etapa. Logo, a partir desta etapa houve um maior aprofundamento do embasamento teórico e ajustes na Matriz Metodológica.

A Quarta Etapa caracterizou-se pela coleta de dados empírica, com a realização de visitas e viagem técnica de aproximação, observações participantes, finalizando com uma rodada de entrevistas. Por fim, a Quinta e, última etapa, baseia-se na análise e na interpretação dos dados coletados, para que se possam realizar as considerações pertinentes a respeito da temática.

#### 2.4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a definição do conjunto de procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, levou-se em consideração o que Dencker (1998, p. 21) adota como método. O qual é trabalhado como um “conjunto de regras ou critérios que servem de referência no processo de busca da explicação ou da elaboração de previsões em relação a questões ou problemas específicos, sendo à base da investigação científica”.

Utilizou-se do quadro comparativo, debatido por Massukado (2008, p. 21), como uma maneira de se compreender e desenhar as estratégias de investigação na pesquisa qualitativa. Portanto, em tal quadro destaca-se a “Observação Participante como uma possibilidade de verificar as expressões não verbais e observar eventos que os informantes não estão dispostos a revelar, além de ser constituída de flexibilidade e novos modos de ver a realidade”.

Conseqüentemente foram desenhados diferentes procedimentos metodológicos para a construção do presente trabalho, dentre eles: a Revisão Bibliográfica Sistemática, a Pesquisa Documental, a Visita e Viagem Técnica, Observação Participante e a Entrevista Semiestruturada, descritos nos subtópicos posteriores, conforme ilustra a Figura 2.



FIGURA 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA  
 FONTE: Elaborado pela autora (2017)

#### 2.4.1. Pesquisa Bibliográfica e Revisão Bibliográfica Sistemática

A pesquisa bibliográfica foi empregada para a realização do levantamento de informações existentes sobre o assunto, permitindo a aproximação com as variáveis envolvidas sobre a temática (GIL, 1991; DENCKER, 1998). Durante o seu desenvolvimento pode-se reconhecer algumas dificuldades, principalmente, no que diz respeito a encontrar materiais suficientes para o desenvolvimento teórico do trabalho, porque se trata de uma temática recente e pouco debatida academicamente, fatores tais que motivaram a busca por uma técnica complementar que fornecesse subsídios válidos para a manutenção do tema e para o aprofundamento científico proposto.

Tal técnica denomina-se de Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS) ou *Systematic Literature Review* (SLR), empregada para localizar e sintetizar a literatura, permitindo que outros pesquisadores façam o uso dos resultados com maior confiabilidade (ALBACH, 2015).

De tal modo, empregaram-se para a construção de tal técnica, as principais bases de dados de produção científica mundial, as quais: Periódico Capes, *Research Gate*, *Web of Science*, *Redalyc*, Publicações de Turismo e Scopus, tendo como recorte temporal o período de 2010 a 2016, e como palavras chave “*slow tourism*” e turismo lento. Além das bases de dados citadas, buscaram-se pesquisas

relacionadas à temática na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD, 2017), o que forneceu subsídios de tratamento teórico para o desenho e construção da fundamentação teórica do trabalho, bem como das construções de objetivos e demais delimitações da pesquisa. Embora, se atente à existência de outras bases científicas no universo acadêmico, optou-se pela escolha das bases descritas, pela universalidade e facilidade de acesso em contexto nacional. De tal modo, julga-se relevante mencionar que pesquisas complementares se fazem necessárias devido, principalmente, a inserção constante de novos artigos e a contemporaneidade da temática.

Para a construção do portfólio de pesquisa mencionado e trabalho na Etapa Um, criou-se uma pergunta norteadora: Qual é o tratamento teórico desprendido e a abordagem científica trabalhada pelo *Slow Tourism*? O objetivo de tal pergunta norteadora baseia-se na compreensão da maneira de como a temática vem sendo discutida cientificamente, bem como quais são suas principais lacunas. Tal referência foi desenvolvida por Dann, Nash e Pearce (1988<sup>2</sup> *apud* REJOWSKI, 1996), e utiliza os procedimentos metodológicos de estudos turísticos para classificar o estilo do artigo, principalmente, ao que se refere ao tratamento teórico desprendido ao estudo, sendo os quais classificados em: descritivo, base conceitual, modelos ou estatísticos, conforme demonstra o Quadro 03. Além do tratamento teórico, foram analisadas as palavras-chave, categorias de análise, metodologias adotadas e a área de conhecimento que envolve a pesquisa. Este procedimento metodológico serviu, também, como base para a eleição e descrição dos Casos Emblemáticos. Para a apresentação deste resultado, buscou-se relatar com base na pesquisa sistemática os destinos que adotaram o *Slow Tourism* como prática, descrevendo suas principais características e os desafios frente à prática.

---

<sup>2</sup> DANN, G., NASH, D.; PEARCE, P. Methodology in tourism research. *Annals of Tourism Research*, v. 15, nº 1, p. 1-28, 1988.



Estilo do Artigo – Tratamento Teórico do <i>Slow Tourism</i>	Periódico Capes	Redalyc	Research Gate	Web of Science	Scopus
<b>Descritivo:</b> não testam uma hipótese ou não buscam empiricamente validar o propósito de pesquisa.	06	03	00	03	04
<b>Base Conceitual:</b> baseado em trabalhos anteriores e, ligados por argumento e lógica de estudos prévios.	03	02	02	02	03
<b>Modelos:</b> extensão de um modelo para sistematização do comportamento de lazer turístico.	03	01	00	01	03
<b>Estatísticos:</b> utiliza-se de técnicas de estatística descritiva e inferência de alto nível.	00	00	00	00	01
<b>Total de Artigos Analisados por Tema</b>	<b>12</b>	<b>06</b>	<b>02</b>	<b>06</b>	<b>11</b>

QUADRO 3: ESTILO DOS ARTIGOS POR TRATAMENTO TEÓRICO

FONTE: Elaborado pela autora (2017).

O próximo tópico apresenta a pesquisa documental e a sua aplicação para o desenvolvimento do trabalho.

#### 2.4.2. Pesquisa Documental

A pesquisa documental foi desenvolvida a partir da análise dos documentos oficiais, pertencentes às seguintes organizações: *Slow Food Internacional* (2016); Manifesto *Slow Travel* (GARDNER, 2009), Ibravin (Instituto Brasileiro do Vinho) e Vinopar (Associação dos Vitivicultores do Paraná), disponibilizados para consulta pública.

#### 2.4.3. Visita e Viagem Técnica

Com a preocupação de desenvolver uma pesquisa teórica que se encontra atenta a prática e que, de certo modo, permitisse uma aproximação adequada com a realidade buscou-se, assim, compor os conhecimentos teóricos dos elementos *Slow Tourism* com a realização de visitas e uma viagem técnica, para familiarização com os elementos dentro do contexto do Enoturismo, conforme mostra o Quadro 04:

Descrição	Objetivo
Visita Técnica com os alunos da graduação em Turismo da Universidade Federal do Paraná, na disciplina de Enoturismo: vinícolas Franco Italiano, Família Fardo, Araucária e Cave Colinas de Pedra.	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Aproximação com o tema Enoturismo;</li> <li>✓ Conhecimento prévio das vinícolas e dos atrativos e serviços dispostos ao turista no Polo de Enoturismo do Paraná;</li> <li>✓ Fortalecimento da relação com os gestores e empreendedores.</li> </ul>
Viagem técnica ao Vale dos Vinhedos (RS): <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Visita às Vinícolas: Terragnolo, Torciello, Dom Laurindo;</li> <li>✓ Fazenda de Produção Orgânica de uvas e vinhos – Mariani;</li> <li>✓ Restaurantes filiados <i>Slow Food</i> – Osteria Della Colombina e Valle Rústico.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Aproximação com o tema Enoturismo;</li> <li>✓ Observação da oferta turística da principal região nacional de Enoturismo;</li> <li>✓ Aproximação com os serviços intitulados <i>slow</i> neste contexto.</li> </ul>

QUADRO 4: PROCEDIMENTOS DE APROXIMAÇÃO COM A REALIDADE  
 FONTE: Elaborado pela autora (2017).

Os procedimentos de aproximação com a realidade demonstraram-se fundamentais, principalmente, para subsidiar os critérios de análise definidos para as entrevistas bem como para o desenvolvimento dos critérios da observação participante. A partir das visitas técnicas nos empreendimentos pertencentes ao objeto de estudo, pode-se além de estabelecer aproximação com o campo, verificar, de maneira espontânea, o comportamento, as reações e as impressões, tanto positivas quanto negativas, frente ao conjunto de atrativos dispostos para o consumo no Polo de Enoturismo.

A Viagem Técnica realizada ao Vale dos Vinhedos durou quatro dias e seu objetivo principal baseou-se em perceber a forma que acontece a estruturação das vinícolas e dos serviços que compõem a oferta enoturística da região, atentando-se, especialmente, aos empreendimentos associados ao movimento *Slow Food*.

Com as visitas e a viagem técnica foi possível perceber os esforços das vinícolas em informar e desmistificar os processos de produção e preparo do vinho, tanto no Vale dos Vinhedos quanto no Polo de Enoturismo da Região Metropolitana de Curitiba. Ambas buscam trazer conhecimentos específicos para perto da demanda, isto é, tendem a tornar a visita em uma experiência completa. A partir destas aproximações, puderam-se eleger, com maior efetividade, os critérios de análise para a observação participante bem como para as entrevistas realizadas.

#### 2.4.4. Entrevista Semiestruturada e Observação Participante

As entrevistas semiestruturadas são formas mais livres de coletar dados e informações, mantendo a liberdade do entrevistado ao responder os questionamentos, porém, coloca sob a responsabilidade do pesquisador o discernimento e agilidade para interferir, caso necessário, para que não se perca o foco da conversa (FLICK, 2004).

A observação participante é um método comumente conhecido da pesquisa qualitativa e habitualmente empregado em conjunto com outras técnicas como entrevistas e questionários (DENCKER, 1998; FLICK, 2004; CRESWELL, 2010). Deste modo, a escolha pela observação participante ocorreu a partir da possibilidade de perceber, de maneira mais livre, como se desenrola a oferta dos elementos *Slow Tourism*, no contexto do enoturismo. De acordo com Creswell (2010), neste método, o pesquisador pode realizar os seus registros de forma espontânea, como um espectador, elevando ou não o nível da participação.

Os dois instrumentos de coleta de dados da pesquisa empírica foram elaborados tendo como premissa as visitas técnicas e a viagem realizadas pela pesquisadora. Tais visitas foram realizadas para que houvesse uma aproximação prática com a temática a ser estudada, bem como com os elementos fundamentais do *Slow Tourism*, os quais: qualidade, lentidão, consciência socioambiental, sabores e experiência de viagem (LUMDSON, GRATH, 2016; CAFFYN, 2012; PARASECOLI, LIMA, 2012; MOGOLLON, DE SALVO, DI CLEMENTE, 2012).

Um conjunto de características que compõem cada elemento fundamental de análise foi descrito no Quadro 05 e serviram de fio condutor nos processos de coleta de dados, assim como para a interpretação dos mesmos. Não se pretende seguir um roteiro estático, logo se buscou dar o tom de uma conversa para fortalecer a aproximação entre o pesquisador e o campo, evitando a rigidez ou formalidade neste processo, seguindo apenas o quadro descritivo dos elementos fundamentais do *Slow Tourism*<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> A construção teórica para se elencar os elementos fundamentais do *Slow Tourism* são apresentados no Capítulo 3 desta dissertação.

Fundamentos <i>Slow Tourism</i>	Descritivo dos critérios de análise
<b>Lentidão</b>	A experiência de imersão no atrativo/produto está diretamente relacionada ao tempo disponível. Buscou-se compreender de que maneira os atrativos motivam a permanência dos visitantes e o consequente desligamento.
<b>Experiência de Viagem</b>	Convívio e interação. Buscou-se neste quesito perceber de que forma existe a promoção de uma experiência de imersão e não apenas a visitação. Os incentivos de conhecimento do produto, interação com o processo de produção entre outros fatores que proporcionem um sentido de evasão durante a experiência.
<b>Qualidade</b>	Diretamente relacionada às anteriores, requer que o foco esteja voltado intimamente ao usufruto da experiência voluntariamente eleita, com relativa autonomia do sujeito. Neste sentido, pretende-se perceber de que maneira essa autonomia se dá, compreendendo-a como parte de requisitos prévios como segurança, tranquilidade, silêncio, atenção e empatia.
<b>Consciência Socioambiental</b>	Preocupação com a sustentabilidade. Exige ciência e consciência prévia à “aquisição” do produto <i>slow</i> , que carrega atributos de saudabilidade e bem-estar, com preocupação quanto a equidade e limitação dos recursos naturais e culturais. Para este quesito, pretende-se verificar de que maneira os atrativos remetem em seus produtos e serviços a preocupação com os atributos socioambientais.
<b>Sabores</b>	Elementos centrais derivados do <i>slow food</i> , relações que se estabelecem e restabelecem ao redor da mesa, de espaços de diálogo sem a restrição do tempo cronometrado e sem a “concorrência” de elementos do turismo altamente massificado. Determinados pelo incentivo ao desfrute do prazer alimentar, no desenvolvimento da capacidade perceptiva que conquista as variáveis da experiência e as combina em um sentimento consciente.

QUADRO 5: CRITÉRIOS PARA A ANÁLISE EMPÍRICA  
 FONTE: Elaborado pela autora (2017).

A partir do que se descreveu até o presente momento, o tópico seguinte apresentará a delimitação da pesquisa.

## 2.5. DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Para a análise do *Slow Tourism* entende-se ser fundamental a observação empírica. Pela temática ser recente, ainda não existe destinos ou produtos nacionais estruturados e comercializados com este apelo, embora se encontre casos emblemáticos espalhados pelo mundo.

Assim optou-se por desenvolver a pesquisa empírica em dois contextos distintos. O contexto mundial apresentado a partir da descrição de Casos Emblemáticos eleitos a partir da pesquisa bibliográfica sistematizada. E em contexto

local foram realizadas a observação participante e as entrevistas semiestruturadas, nas vinícolas do Polo de Enoturismo do Paraná.

De acordo com Valduga (2012; 2014) o enoturismo é uma atividade que tem como principal motivação a apreciação do vinho, bem como de seus processos produtivos que envolvem as tradições e a cultura do local. Por sua vez, o enoturismo no Estado do Paraná, passou a ser incentivado com a criação da rede Vinopar (Associação de Vitivicultores do Paraná), em 2015, e atualmente engloba treze vinícolas, sendo que oito delas pertencem à região metropolitana de Curitiba (RMC), conforme mostra o Quadro 06.

<b>Empreendimentos do Polo do Enoturismo da Região Metropolitana de Curitiba</b>	<b>Localização</b>	<b>Distância em quilômetros do centro da capital</b>
<b>Vinícola Araucária</b>	São José dos Pinhais	40
<b>Vinhos Santa Felicidade</b>	Curitiba	08
<b>Vinícola Franco Italiano</b>	Colombo	16
<b>Família Fardo</b>	Quatro Barras	30
<b>Cave Colinas de Pedra</b>	Piraquara	30
<b>Copasol Trentina</b>	Piraquara	27
<b>Família Zanlorenzi</b>	Campo Largo	30
<b>Legado</b>	Bateias	30,5

QUADRO 6: VINÍCOLAS DO POLO DO ENOTURISMO DA RMC

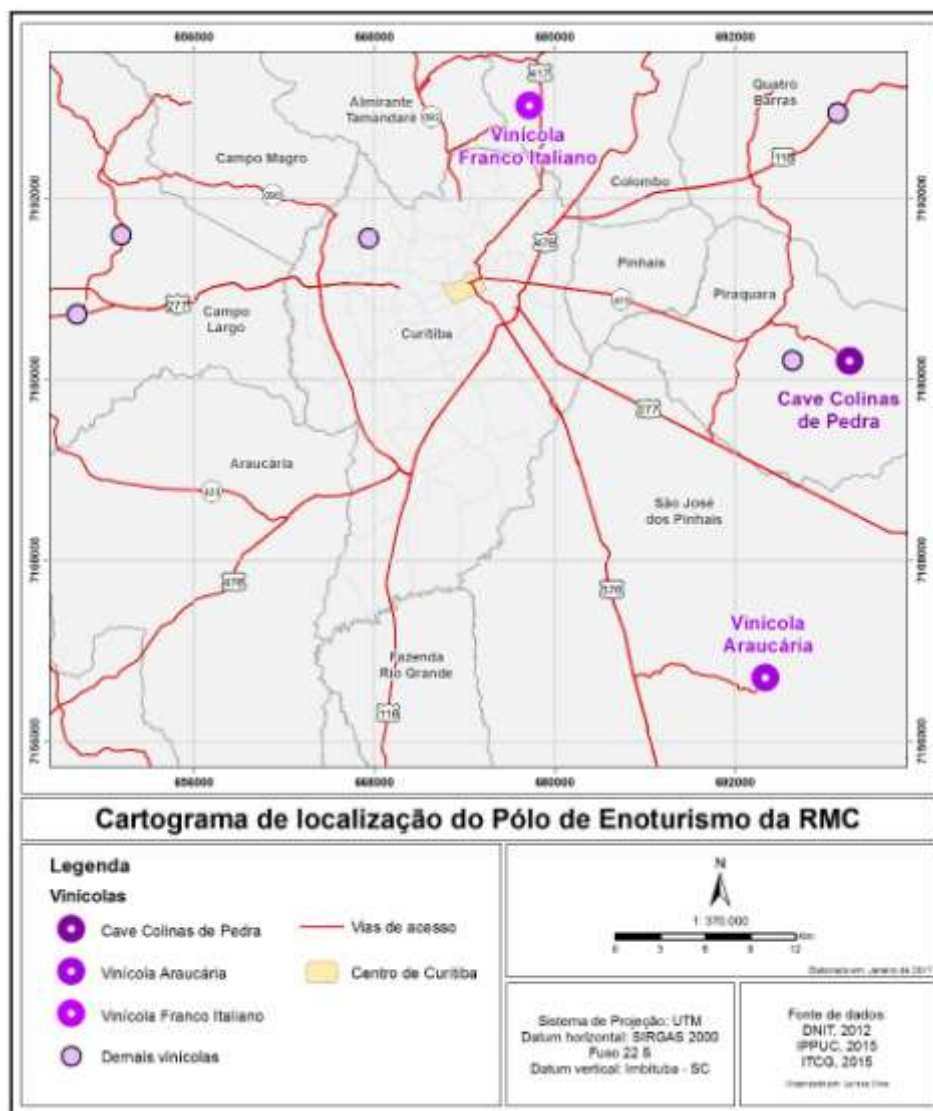
FONTE: Elaborado pela Autora (2017).

O Polo do Enoturismo da RMC foi lançado no Salão Paranaense de Turismo, em Março de 2016, evento que reúne profissionais do setor turístico e, é organizado e promovido pela Associação Brasileira das Agências de Viagens do Paraná (ABAV-PR). No evento foi lançado o material publicitário para divulgação, que contém a localização das vinícolas, conforme apresenta a Figura 03.



FIGURA 3: MAPA ILUSTRATIVO DE DIVULGAÇÃO DO PÓLO DO ENOTURISMO.  
 FONTE: VINOPAR (2015).

A partir do Polo de Enoturismo da RMC como referência, delimitou-se a pesquisa tendo como critério de corte, aquelas que possuem restaurante aberto ao público de forma regular, por entender que o fluxo turístico nestes empreendimentos seja mais representativo, sendo elas: Cave Colinas de Pedra, Vinícola Franco-Italiano e Vinícola Araucária, representados no Mapa 01.



MAPA 1: RECORTE ESPACIAL DA PESQUISA EMPÍRICA  
FONTE: Elaborado pela autora (2017).

A partir da delimitação do objeto de estudo, foram utilizadas duas técnicas distintas de pesquisa. A primeira foram as entrevistas semiestruturadas, direcionadas aos gestores ou proprietários das vinícolas, com a intenção de perceber pelo viés da oferta turística a disposição dos elementos fundamentais do *Slow Tourism* ao consumo do turista. A segunda, observação participante considerada fundamental para compreender como ocorre efetivamente a prática da atividade no que tange a oferta do *Slow Tourism* a partir do Enoturismo, além de oportunizar a percepção dos elementos fundamentais de tal pressuposto.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No presente capítulo foi apresentada a fundamentação teórica da pesquisa: ela contempla diferentes perspectivas sobre a ideia de desenvolvimento e sobre o movimento *slow*.

#### 3.1. O DESENVOLVIMENTO

Respeitando a complexidade e amplitude do tema - desenvolvimento, destaca-se que, neste capítulo, buscou-se refletir sobre as concepções de desenvolvimento que enaltecem a corrente progressista (BARQUERO, 2007; SEN, 2000; SACHS, 1993, 2002, 2004; MAX-NEEF, 2012; ALCÂNTARA, 2015).

É caracterizada por Rodrigues (2003) como àquela que entende o desenvolvimento como um processo de aprimoramento das condições de vida, felicidade individual e coletiva, ancorada na autonomia e na valorização das relações sociais. Essa escolha de reflexão se justifica pela aproximação com as propostas do movimento de desaceleração – *slow*, pois prima pela valorização do tempo, das relações sociais e da qualidade de vida em detrimento ao restrito enfoque economicista (PETRINI, 2005; ANDREWS, 2008).

##### 3.1.1. Reflexões Preliminares

Anterior às discussões sobre as formas alternativas de desenvolvimento, buscou-se realizar algumas reflexões acerca de tal temática sob o enfoque economicista, entendendo que este foi o subsídio principal para desencadear o surgimento de modelos contestatórios.

Neste sentido, inicia-se a reflexão compreendendo como o turismo é observado e estruturado sob a perspectiva econômica. Um número cada vez mais representativo de destinos turísticos são lançados, anualmente, em todo o mundo. Logo, a partir da análise do fluxo turístico, o progresso é medido por meio da criação de empregos, empresas, receitas de exportação e desenvolvimento de infraestruturas (UNWTO, 2015).



De acordo com o Relatório Anual de Turismo Internacional, publicado pela Organização Mundial do Turismo – UWTTO (2015), o segmento apresentou um crescimento ininterrupto ao longo dos anos demonstrando, desse modo, o fortalecimento do setor e a evolução na concepção desenvolvimentista, conforme ilustra o Gráfico 01.

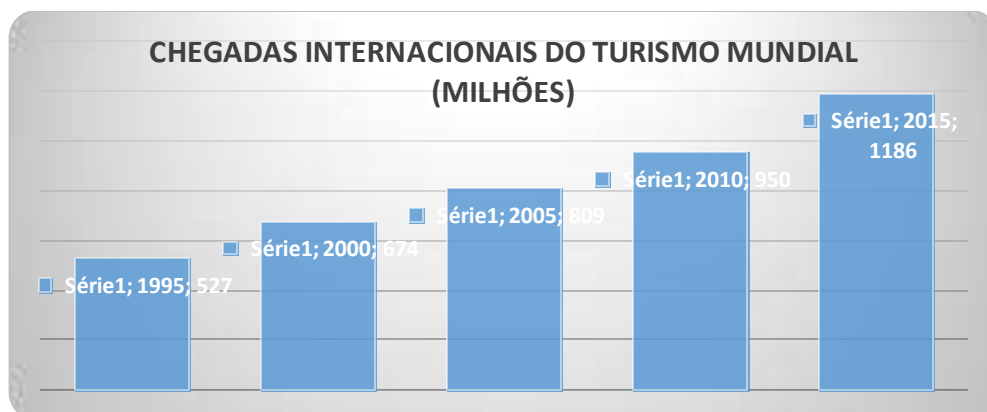


GRÁFICO 1: EVOLUÇÃO DE CHEGADAS INTERNACIONAIS  
 FONTE: Elaborado pela Autora (2017) com base em UNWTO (2015).

A partir do que se apresenta no Gráfico 01, cabe destacar que as estatísticas reforçam o reconhecimento do turismo enquanto atividade aliada ao crescimento econômico. O fluxo de turistas internacionais passou de 527 milhões em 1995, para 01 bilhão e 186 milhões em 2015. Conseqüentemente, a receita internacional obtida com o aumento do fluxo cresceu alcançando a cifra de US\$ 1 bilhão e 260 milhões de dólares, no ano de 2015 (UNWTO, 2015).

Vizeu *et al* (2012) apontam em tal contexto que é necessário considerar que o conceito de desenvolvimento possui estreita relação com as ciências econômicas, uma vez que o termo surgiu para descrever o processo de evolução e transformação da sociedade. Desta forma, pode-se afirmar que a força do pensamento sobre o desenvolvimento encontra-se direcionada aos fluxos econômicos e, basicamente, a expansão de capital, tão almejado pelos destinos turísticos.

Para Morin e Kern (2001), a concepção pelo viés econômico, denominada de técnico-econômica, encontra-se fragmentada, principalmente, no sentido de ignorar os problemas humanos da identidade, da comunidade, da solidariedade e da cultura. Assim, tais autores sugerem uma perspectiva distinta para se observar o

desenvolvimento, que se refere à possibilidade de bem-estar, de redução das desigualdades e de felicidade.

Corroborando tal âmbito, Sampaio (2002) destaca que os modelos alternativos ao desenvolvimento ocorrem no mundo da vida, nas experiências empíricas reforçando a necessidade do aumento de consciência e incremento de discussões, no sentido de reconfigurar o viés do desenvolvimento.

### 3.1.2. Propostas Alternativas ao Desenvolvimento

Barquero (2007) salienta que depois da Segunda Guerra Mundial, formatou-se um corpo diferenciado de desenvolvimento para trocar a estrutura de observação do desenvolvimento e partir para o encontro da satisfação e melhoria real da qualidade de vida da população.

De acordo com Sampaio (2000), a ideia do desenvolvimento sustentável surgiu na década de 70 a partir de uma ampla conscientização sobre os avanços da civilização industrial – tecnológica e do uso predatório dos recursos naturais. Por consequência, o conceito de desenvolvimento sustentável, de acordo com a Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, se baseia na eficiência de atender às necessidades do presente, sem comprometer a capacidade das novas gerações atenderem às suas próprias necessidades (CMMAD, 1991).

Para Calegare e Silva Junior (2011), a definição deste conceito possui uma larga trajetória, percorrida por meio de ações políticas e por um discurso global, validando a segurança e os interesses econômicos e políticos dos países de relevância econômica. Contribuindo com este pensamento, Fernandes (2006) critica o modelo da sustentabilidade por igualar os interesses comuns entre os diferentes países, apagando, assim, as diferenças regionais e universalizando os interesses dos países industrializados.

As críticas a respeito do desenvolvimento sustentável avançam, também, ao que tange o envolvimento das comunidades locais. Em tal ótica, Calegare e Silva Junior (2011) consideram que as comunidades são colocadas como objeto passivo de um projeto ocidental de desenvolvimento, a despeito da sua autonomia local. Pois,

Apesar de afirmar a aceitação da pluralidade, o desenvolvimento sustentável- DS baseia-se num sistema único de conhecimento, que coopta e desconsidera conhecimentos tradicionais ambientais sob o discurso da biodiversidade, biotecnologia e direitos à propriedade intelectual. A condução do DS acontece em função do modo de produção capitalista e da dinâmica dos mercados globais, com ferramentas consideradas eficientes para a superação da contradição entre sustentabilidade e capitalismo (CALEGARE; SILVA JUNIOR, 2011, p. 47).

Em concordância, Sachs (1993) adverte certas questões sobre o modelo, no sentido de comportar um discurso fomentado por países centralizadores do capital, considerados os principais responsáveis pelos padrões de consumo insustentáveis, impostos a sociedade, que insistem no enunciado de riscos ambientais globais e no compartilhamento de responsabilidades para o seu enfrentamento.

Diante do que se debate até o presente momento, o conhecimento que prevalece sob o conceito é de um desenvolvimento harmonizador com o capitalismo, pois deixa expor uma ambivalência na relação entre as condições históricas de sua emergência como ideia, pretensamente, reparadora da atual crise socioambiental e de seu real sentido de reforço da lógica do capital. De forma muito clara, essa ambiguidade assinala o caráter ideológico que o conceito apresenta (VIZEU; MENEGUETTI; SEIFERT, 2012).

Contudo no turismo, o desenvolvimento sustentável é reconhecido pela Organização das Nações Unidas - ONU de maneira positiva, principalmente pela geração de emprego e oportunidade de renda, redução da pobreza e inclusão social. Um exemplo deste reconhecimento veio com a eleição do ano de 2017 como o Ano Internacional do Turismo Sustentável, pela Organização Mundial do Turismo. Esta nomeação busca ampliar a compreensão e a conscientização da importância do turismo, sobretudo, no compartilhamento do patrimônio natural, cultural e na distribuição da riqueza proporcionada pelas viagens (UWTO, 2017).

Apesar das críticas que cercam o conceito de desenvolvimento sustentável, Sachs (2004) destaca os avanços alcançados na construção de uma epistemologia do termo. O primeiro progresso, de cunho epistemológico, refere-se aos critérios das dimensões de sustentabilidade, uma vez que diversos autores debatem acerca dos elementos relevantes e dispostos a ela. Enquanto, o segundo se relaciona a um repensar no uso do termo desenvolvimento, que fundamenta o surgimento de novas correntes (SACHS, 2004).

Conforme a argumentação apresentada por Calegare e Silva Junior (2011), faz-se necessário reconhecer que foi a partir do desenvolvimento sustentável, que as formas distintas de desenvolvimento (SEN, 2000; SACHS, 1993, 2002, 2004; MAX-NEEF, 2012) ganharam amplitude e visibilidade, fortalecendo, assim, o surgimento de novas interpretações, mais condizentes com a valorização humana.

Partindo-se do pressuposto que o movimento de desaceleração (*slow*) está associado às novas interpretações de desenvolvimento, as quais condizentes com a valorização das relações humanas, elegeram-se com base em Barquero (2007), algumas correntes progressistas para descrever suas principais características buscando contextualizar o surgimento do *slow*. São elas: desenvolvimento como liberdade (SEN, 2000), desenvolvimento à escala humana (MAX-NEEF, 2012), ecodesenvolvimento (SACHS, 1986a; 1986b; 1993; SAMPAIO, 2012) e desenvolvimento territorial (AMARAL FILHO, 2001; DALLABRIDA *et al*, 2004, ALCÂNTARA, 2015).

#### 3.1.2.1. Desenvolvimento como Liberdade

O desenvolvimento como liberdade, teoria apresentada por Amartya Sen (2000), utiliza da lógica liberal para recolocar a ideia de atuação do indivíduo de maneira livre. Logo, “consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de agente” (SEN, 2000, p. 10).

Para Sen (2000), a ampliação da liberdade deveria ser a finalidade do desenvolvimento, da mesma forma, poderia ser empregada como o meio principal para atingi-lo. Nesse sentido o autor expõe que para alcançar o desenvolvimento é necessário eliminar as fontes de privação das liberdades: a pobreza, a falta de oportunidades, a intolerância. Como instrumento para tal eliminação, Sen (2000) classifica as cinco liberdades instrumentais que perpassam desde o direito, as facilidades econômicas, as oportunidades sociais, as garantias de transparência até a segurança protetora, no papel da rede protetora do estado de segurança social, apresentando um aparato de estratégias para que se conceda segurança e liberdade para o indivíduo.

Segundo Calegare e Silva Junior (2011), no desenvolvimento para a liberdade as capacidades individuais estão interrelacionadas com o todo. Tanto os

fins quanto os meios colocam a liberdade no centro. Isto é, o Estado e a sociedade, como um todo, têm a função de promover as capacidades humanas a fim de que os indivíduos sejam livres para adequar e decidir o seu destino. Desse modo, o indivíduo, nesse processo, é considerado agente fundamental. Assim, “por essa compreensão, atenta-se à expansão das capacidades das pessoas de levar o tipo de vida que elas valorizam, tradições que querem seguir, como desejam agir, onde trabalhar, o que produzir, o que consumir, etc.” (CALEGARE *et al*, 2011, p. 50).

Em consequência, a síntese de Barquero (2007) afirma que o que importa neste tipo de desenvolvimento são as funções e as atividades que as pessoas verdadeiramente desejam e são capazes de realizar. Nesta perspectiva, é possível alcançar o desenvolvimento econômico a partir da utilização das capacidades das pessoas e dos recursos materiais, humanos e culturais que o território apresenta.

Devido à necessidade de alternativas para o desenvolvimento a partir das pessoas, Sachs (2002) apresenta uma ótica diferenciada para a compreensão da economia, referenciando o desenvolvimento para a liberdade, em que sugere uma economia de permanência. Nela, o crescimento econômico deveria servir para fornecer expansão das forças produtivas, para alcançar direitos plenos a toda população. A partir de tal ponto de vista, desenvolver uma economia de permanência é, justamente, reconhecer o direito das populações locais em utilizar os recursos naturais e culturais para o seu desenvolvimento, de maneira livre.

Então, percebe-se que o relevante, nos processos de desenvolvimento aliados à liberdade, é que tenham o enfoque nos indivíduos e no reconhecimento das suas capacidades e, conseqüentemente detenham o poder de decidir sobre as suas potencialidades. Sendo assim, remete-se a autonomia individual, ao que diz respeito à forma que estão dispostos a utilizá-la e na realização do seu projeto de vida, assim como, nos processos de desenvolvimento em que estão inseridos (SEN, 2000).

### 3.1.2.2. Desenvolvimento à Escala Humana

Max-Neef (2012) problematiza a satisfação das necessidades humanas e propõe o desenvolvimento privilegiando o ser humano e suas potencialidades, contrariando a economia acumulativa do ter e centrando-se no ser. Desta forma, o

respeito e os direitos humanos seriam a base para uma sociedade mais humanizada e fortalecida. Ou seja, Max-Neef (2012) preconiza o desenvolvimento à escala humana como mais uma tentativa de reinterpretar e ressignificar o desenvolvimento, a partir do indivíduo e não do capital.

Por conseguinte, pondera-se que o desenvolvimento humano é uma interpretação de desenvolvimento que, de certo modo, põe o homem no centro do desenvolvimento, porque as transformações e trocas de economia e de sociedade se produzem graças as suas capacidades criativas e empreendedoras. Consequentemente, mesmo que os recursos econômicos sejam reduzidos, as capacidades humanas se utilizam e se desenvolvem com a melhoria do bem-estar (BARQUERO, 2007).

Coriolano (2013) debate que as necessidades humanas são finitas, poucas e classificáveis, sendo estas que determinam a qualidade de vida de um lugar. Destaca-se que, muitas vezes, as formas tradicionais são abandonadas sem participação interna do lugar, por imposição de fora. Por este ângulo, o turismo seria um importante aliado ao desenvolvimento humano, especialmente pela maneira que organizam a produção, a qual é trabalhada de forma associativa, em arranjos produtivos locais, valorizando a participação efetiva dos envolvidos e integrando atividades econômicas que fortalecem a agricultura, a pesca e o artesanato, bem como outras atividades tradicionais que valorizam o lugar (CORIOLANO, 2013).

### 3.1.2.3. Ecodesenvolvimento

O termo ecodesenvolvimento surgiu, em 1970, com as discussões sobre a necessidade de equilíbrio entre os fatores econômicos, sociais e os recursos naturais. Entretanto, em 1987 com o Relatório de *Brudtland*<sup>4</sup>, a expressão foi substituída para desenvolvimento sustentável e, constitui as bases das políticas de desenvolvimento e das questões ambientais. Neste documento, debate-se a utilização das bases do ecodesenvolvimento, direcionando-as para o alcance dos objetivos referentes ao desenvolvimento sustentável, principalmente, para a

---

<sup>4</sup> Oficialmente denominado *Our Common Future* “Nosso Futuro Comum”, foi um dos primeiros documentos elaborado pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas, para a mudança de paradigma no desenvolvimento humano. Apresentado em 1987, propõe um rompimento com os padrões de produção e consumo, apresentando o desenvolvimento sustentável como caminho para a equidade entre meio natural, econômico e social. Fonte: Organização das Nações Unidas.

assimilação de estratégias e adaptações de acordo com as condições propostas (LEFF, 2009).

Para Sachs (1993), ecodesenvolvimento é o próprio desenvolvimento endógeno, que corresponde a uma proposta para subordinar o desenvolvimento com os princípios sociais e éticos, integrando as questões ecológicas ao nível instrumental, com soluções econômicas eficazes. Trata-se, desse modo, de um desenvolvimento caracterizado por soluções específicas para cada região, levando em conta não apenas dados ecológicos, mas culturais, necessidades imediatas e de longo prazo.

De acordo com Sampaio (2012), ecodesenvolvimento é um paradigma sistêmico que compreende os princípios da ecologia profunda como proposta de repensar os estilos de vida; da socioeconomia no sentido de ponderar as consequências sociais na ação econômica; e da economia humana, principalmente ao que se refere à premissa da inseparabilidade dos sistemas sociais e ecológicos.

As características de valorização humana se sobressaem as demais promovendo, de acordo com Sachs (1986a; 1986b; 1993), o deslocamento da lógica de produção para uma ótica das necessidades fundamentais da maioria da população. Trata-se, portanto, de um novo estilo de vida que possui um conjunto de valores próprios e um conjunto de objetivos escolhidos socialmente, bem como uma visão de futuro.

Para Sachs (1986a), a perspectiva do ecodesenvolvimento foi fundada na satisfação das necessidades básicas, na autonomia local, no equilíbrio ecológico e na competência econômica. Alcântara (2015), no que lhe concerne, destaca que a autonomia ocorre pela ação da sociedade civil, no sentido de identificar o problema e encontrar soluções, seja no âmbito local, microrregional ou regional. Neste sentido, é possível considerá-lo voltado para a ação. De tal modo que,

Um processo criativo de transformação do meio, com a ajuda de técnicas ecologicamente prudentes, concebidas em função das potencialidades deste meio, impedindo o desperdício inconsiderado dos recursos, e cuidando para que estes sejam empregados na satisfação das necessidades reais de todos os membros da sociedade, dada a diversidade dos meios naturais e dos contextos culturais (SACHS, 1986a, p.82).

O ecodesenvolvimento, considerado como uma das alternativas de desenvolvimento frente à lógica hegemônica neoliberal, além de fortalecer as bases

do desenvolvimento sustentável propagou-se e deu origem ao ecodesenvolvimento territorial<sup>5</sup>. Alcântara (2015), a partir de tal conjuntura, pondera que o ecodesenvolvimento territorial privilegia as bases do ecodesenvolvimento e, agrega o conceito de desenvolvimento territorial que considera princípios de economia associados a recursos, serviços e atores, todos de forma territorializada. Nesta perspectiva, aborda-se a seguir o desenvolvimento sob a perspectiva do território.

#### 3.1.2.4. Desenvolvimento Territorial

A respeito da formação do conceito de desenvolvimento territorial, Alcântara (2015) enfatiza que ele articula as noções de desenvolvimento e de território, sendo que o território não se define por sua escala, mas pelo seu modo de organização e pela forma com que os atores coordenam suas ações.

De acordo com Dallabrida *et al* (2004), tal pressuposto pode ser compreendido como o estágio de um processo de mudança estrutural, empreendido por uma sociedade organizada territorialmente. Logo, se alimenta a partir da potencialização dos capitais e dos recursos (materiais e imateriais) existentes no local, com vistas à melhoria da qualidade de vida de sua população.

Amaral Filho (2001) o considera como um processo endógeno, uma vez que é caracterizado como um modelo de desenvolvimento centrado nas comunidades locais, rurais e urbanas, que poderão desenvolver estratégias e criar ou captar meios para implantar processos permanentes de mobilização, organização e endogeneização de capacidades e competências. Nesta perspectiva, a compreensão aproxima-se do que apresenta Alcântara (2015), que percebe o desenvolvimento territorial como uma mudança paradigmática, capaz de assumir uma perspectiva interdisciplinar e/ou transdisciplinar a partir dos estudos sobre desenvolvimento regional.

Por consequência, a partir das diferentes abordagens do desenvolvimento territorial, deve-se enfatizar que para o conjunto de conceitos que envolvem o termo em relação a sua compreensão, “são destacados oito conceitos: Governança, Governança Territorial, Dinâmica Territorial do Desenvolvimento, Densidade

---

<sup>5</sup>Termo utilizado pelo Professor Paulo Freire Vieira (Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina), que considera o ecodesenvolvimento como processo de mudança gradual de estilos de vida (ALCÂNTARA *et al*, 2014).



Institucional, Inovação e Inovações Coletivas Territoriais, Cadeia de Valor e Desenvolvimento Territorial” (DALLABRIDA *et al*, 2004, p. 13).

Todo o conjunto de conceitos reafirma a amplitude do desenvolvimento territorial e a sua complexidade, bem como reforçam o papel do planejamento e da gestão, denotando um cuidado especial ao que se refere a sua manutenção. Precisamente,

O desenvolvimento territorial retoma o conceito de planejamento sistêmico, os conceitos de ecodesenvolvimento e desenvolvimento sustentável e a dimensão do território, recusando a ênfase na dimensão econômica e chamando a atenção para a dimensão ambiental, social e cultural do desenvolvimento, interdisciplinar, descentralizada, participativa e orientada para o longo prazo (ALCÂNTARA, 2015, p.64).

A partir do que se verifica acerca da relevância da integração do conceito de território ao desenvolvimento enfatizado por Alcântara (2015), a seguir aprofunda-se a sua discussão partindo do debate acerca do território, principalmente, mediante o reconhecimento dos elementos internos da comunidade tais como: potencial humano, tradições, sabedorias próprias e o seu modo de organização, fatores, também, valorizados pelo movimento de lentidão – *slow* (PETRINI, 2001; 2005; ANDREWS, 2008; KNOX, MAYER, 2006).

### 3.1.3. Território

O conceito de território é, atualmente, difundido por distintas áreas do conhecimento, tornando-o um tema de amplitude significativa e sensível a convergências. No âmbito da Geografia Humana, Sack (1986) destaca que a caracterização do território se encontra atrelada a funções estratégicas e políticas. Neste sentido, imbuído de materialidade e de objetividade podendo, portanto, ser modificado ou transformado em função do seu uso. Por conseguinte, tal ideia valida a amplitude e a presença da territorialidade em distintos contextos, independentemente de tamanho ou escala.

Haesbaert (2004) considera que o território sempre se baseou em contextos de duplo sentido, tanto material quanto simbólico estando, diretamente, relacionado com o poder, seja ele na acepção de apropriação ou de dominação. Para o autor, a noção de território apresenta-se substanciada por três linhas distintas: política, cultural e econômica. Portanto, na vertente política encontra-se arrolada as relações

de espaço-poder ou jurídica-política, caracterizado quando o território é visto como um espaço delimitado e controlado pelas forças de poder. A vertente cultural ou simbólico-cultural atrela-se a maneira mais subjetiva de apresentação do território, principalmente, como produto da valorização e da apropriação de um grupo em relação ao espaço vivido. Ao passo que, na vertente econômica, percebe-se a partir da fonte de recursos, dentro das classes sociais ou na relação capital-trabalho, prioritariamente, à valorização das relações econômicas (HAESBAERT, 2004).

Ther Ríos (2012), por sua vez, tece críticas a visão fragmentada atribuída na interpretação do território frente a sua relevância, principalmente, mediante à vertente econômica que prevê a redução para a gestão dos recursos e capacidades que o compõem. Para tanto, Ther Ríos (2012) propõe a aplicação de novos enfoques e métodos interdisciplinares, os quais sejam capazes de promover a reflexão e que, ainda, tornem-se passíveis de aplicação a realidade local imediata, de maneira ampla.

Haesbaert (2004) explicita que o território é complexo, múltiplo e diverso e, de tal maneira, complementa ao propor para o seu entendimento o distanciamento da lógica capitalista hegemônica afastando, assim, o risco de torná-lo unilateral. Haesbaert (2004) adverte que o território está imerso em relações de dominação e de apropriação, desdobrando-se entre o concreto da dominação político-econômica e a apropriação subjetiva da dominação cultural/simbólica. Assim, é necessário considerar que, pela dinâmica capitalista, a dominação cultural/simbólica está sujeita a ser transformada em mercadoria.

Alicerçado na percepção de Haesbaert (2004) sobre o território e seus desdobramentos, é possível cogitar que o movimento de desaceleração (*slow*) possa ser interpretado pela dominação cultural/simbólica e poderia, portanto, estar sujeito a ser apropriado como mercadoria pela dominação político-econômica.

Percebe-se, no entanto, que o território é uma categoria extensa, divergente e complexa, que denota um debate carregado de subjetividade. Desta maneira, além das três distintas vertentes apresentadas ao conceito de território, Haesbaert (2004) aponta que para a sua compreensão é fundamental percebê-lo de maneira dinâmica. Logo, para esclarecer sobre a dinâmica do território, o autor formula as concepções de (*des*) e (*re*) territorialização. A saber,

(...) os territórios sempre comportam dentro de si vetores de desterritorialização e de reterritorialização. Muito mais do que uma coisa ou objeto, o território é um ato, uma ação, uma relação, um movimento (de territorialização e desterritorialização), um ritmo, um movimento que se repete e sobre o qual se exerce um controle (HAESBAERT, 2004, p. 127).

Interpretando as definições de Haesbaert (2004), a desterritorialização é um movimento de abandono do território e a reterritorialização é o movimento de construção do território. Assim, de acordo com o autor, o território só se define em relação à territorialização, ou seja, o território é um complexo que atravessa a simplicidade de conceito estático, pré-definido e se junta às relações de poder onde se projetou, em uma complexa interdependência. Conseqüentemente,

A compreensão de território deve superar as divisões entre território físico, biológico, social e simbólico ou, que existe um território da geografia, da biologia, da sociologia ou das ciências jurídicas. O território suporta a complementaridade, o antagonismo e a interdependência, pois, sua gênese é o poder na condição de não permanência de tal poder, de possibilidades de não ser território (VALDUGA, 2011, p. 50).

Frente à complexidade e amplitude de tal conceito, verificou-se uma acentuada dispersão na compreensão da relação do espaço-tempo-indivíduo, proposto pela pesquisa. Assim, investigou-se a partir do conceito de lugar a complementaridade deste entendimento.

Foram com base nos estudos de Milton Santos sobre lugar, que se fortaleceram as possibilidades de compreensão do movimento de desaceleração – *slow*. Nesse sentido, sua colaboração para a presente discussão se torna pertinente, uma vez que a desaceleração diz respeito à busca por um tempo lento. Este, por sua vez, existente, ainda que sob uma condição subordinante, e não como opção de desenvolvimento. Para Santos (2006), no lugar é possível estabelecer uma força contra hegemônica, dando incentivo ao alternativo. Por isso, são nos lugares que se encontra o campo onde se absorvem as distintas velocidades sociais e as ordens emitidas pelo centro do poder. Colocando, dessa maneira, a importância dos lugares na força da sua resistência, bem como em reger a velocidade e, se adaptar à nova ordem ou manter-se afastado dela. Desta maneira,

No lugar, nosso Próximo se superpõe, dialeticamente, o eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando, definitivamente, as noções e as realidades de espaço e de tempo (SANTOS, 2006, p. 218).

(...) A literatura que glorifica a potência incluiu a velocidade como essa força mágica (...). Agora, estamos descobrindo que, nas cidades, o tempo que comanda, ou vai comandar, é o tempo dos homens lentos (SANTOS, 2006, p. 220).

De tal maneira, encontra-se no lugar a autonomia suficiente para se colocar o desenvolvimento econômico em outro patamar que não o prioritário, primando pela velocidade lenta de conduzir as ações dentro dele. Pela velocidade e compreensão das relações estabelecidas no espaço e no tempo, ambas dadas no lugar, Santos (2006) reitera a aproximação com o movimento de desaceleração – *slow*, proposto nesta pesquisa.

Partindo desta premissa discute-se, posteriormente, o conceito de lugar por se entender que é possível elegê-lo como categoria de análise empírica pela sua autonomia em reger internamente a velocidade das suas relações.

#### 3.1.4. Lugar

As discussões teóricas a respeito do lugar são abordadas por diferentes áreas do conhecimento, abarcando ao conceito distintas concepções. Para a realização de tal pesquisa, buscaram-se como parâmetros os conceitos discutidos pela Geografia, onde se entende o lugar como o produto da vivência e da experiência humana.

De acordo com Feiber (2008) é possível reconhecer a experiência humana no lugar, pois o homem, seus valores, bem como seus sentimentos são constituídos diariamente de maneira dinâmica a partir das trocas que realiza com o mundo em que se insere. Neste sentido, o lugar é formado pelo conhecimento, significados e valores atribuídos ao mundo real. Isto é,

(...) o lugar não fica restrito meramente ao visível e calculável, mas é moldado através de experiências cotidianas que se expressam na linguagem o tornando um ponto de referência medido por significados onde a identidade do indivíduo é reforçada e igualmente transformada (FEIBER, 2008, p. 29).

Em ratificação ao que se apresenta na discussão, Haesbaert (2013) justifica que o território, assim como o conceito de região, enfrenta um dilema, ou seja, um confronto dentro de uma visão racionalista e objetiva do espaço geográfico. Por outro lado, a paisagem, assim como o conceito de lugar, assume uma dimensão permissiva, logo mais subjetiva do espaço, tornando explícito o seu caráter simbólico e subjetivo. Tuan (1980; 1983), em tal contexto, destaca que espaço e lugar são diferenciados pelo grau de abstração, e o lugar é composto de maior estabilidade e de segurança, enquanto o espaço é caracterizado pela amplitude e pela liberdade.

Para Harvey (2002), o lugar é o espaço no qual as coisas acontecem. É onde, por gerações, realizam-se as ações políticas e as relações sociais. Os lugares, destarte, são espaços que abrigam valores e por este motivo nos identificamos com estes, de maneira individual e coletivamente. Assim,

Lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade (CARLOS, 1999, p. 29).

Tuan (1983), em conformidade com o debate apresentado, considera que o lugar pode ser compreendido como espaço que possui valor e significados construídos pela experiência. Em tal âmbito, o significado de espaço deve ser concebido de forma mais abstrata, e que, de certo modo, aquilo que se inicia como um espaço indiferenciado transforma-se em lugar, à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor, ou seja, no lugar é possível englobar as experiências e as aspirações do ser humano.

Tuan (1983), em sua obra, destaca também a dimensão do tempo, apresentada como componente básico e indissociável do espaço. Por meio do tempo, pode-se assumir o sentido de lugar na corrente humanista. Porque, é necessário tempo de vivência, de experiência neste lugar, deste modo, quanto maior for o tempo e as experiências vivenciadas, maior será o sentimento de pertencimento com o lugar. O lugar, portanto, não é algo fechado ou encerrado, é uma articulação de relações globais e, é esta articulação de relações que enfatiza a sua particularidade (MASSEY, 2008; HARVEY, 2002).

Por sua vez, tem-se, justamente, nas raízes do lugar a potencialidade e o empoderamento de estabelecer e respeitar os seus limites e se tornar único. “O lugar é globalmente ativo e mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo obtida através do lugar” (SANTOS, 2012, p. 161). Neste sentido, percebe-se a aproximação do conceito de lugar com o movimento de desaceleração – *slow*, que reconhece no tempo lento as relações sociais, sua principal virtude.

#### 3.1.4.1. As aproximações entre o “Lugar” e o “Slow”

Ao pensar na possibilidade de atravessar continentes e se locomover para locais inóspitos em questão de horas ou utilizar equipamentos eletrônicos fabricados em um país distante, ao mesmo tempo em que é possível assistir à programação noticiária ao vivo de outras partes do mundo também é possível vestir-se com roupas e alimentar-se com temperos e sabores próprios de outras regiões do mundo e até conversar de forma instantânea com amigos de qualquer localidade do globo.

A partir do que se debate, infere-se que se está imerso em um grande fenômeno onde os questionamentos sobre espaço, tempo e lugar assumem uma nova lógica dentro das sociedades hipermodernas<sup>6</sup>. Portanto, todas estas questões, pertencentes ao cotidiano, trazem justamente as indagações que subsidiam o surgimento do movimento de desaceleração – *slow*.

De acordo com Massey<sup>7</sup> (2000) este fenômeno, chamado de “compreensão de tempo-espaço”, surge da aceitação generalizada de pertencermos a um tempo de alta velocidade, de rupturas e de superação de barreiras que, de certo modo, exigem novas interpretações.

Pressupõe-se que existem outros elementos determinando nossa vivência no espaço, além das relações econômicas (MASSEY, 2000; HARVEY, 2006; SANTOS, 2008, 2012). Logo, pretende-se verificar, dentro de um determinado lugar,

---

<sup>6</sup> A sociedade hipermoderna ou hipermodernidade é o termo adotado na tentativa de demonstrar a extensão, a continuidade do período moderno da sociedade, numa referência ao seu extremo. Ao definir o uso deste termo, Lipovetsky (2007) descreve a sociedade centrada basicamente na expansão extrema das necessidades, fator que acarreta numa profunda e abrangente estrutura, que parte da reordenação das lógicas de mercado, perpassando pela produção de bens e serviços chegando até o consumo propriamente dito.

<sup>7</sup> MASSEY, D. A global sense of place. *Marxism Today*, jun., p. 24-29. In: MASSEY, D. *Space, place and gender*. Oxford: Polity, 1994.

os elementos da compreensão tempo-espço, que são capazes de aproximar os indivíduos com a experiência ofertada no lugar.

Nessa interpretação o que dá ao lugar sua especificidade não é uma história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num *locus* particular (MASSEY, 2000, p. 184).

De acordo com Massey (2000), cada lugar se caracteriza pela mistura de relações sociais variadas, tanto próprias do local, como mais amplas em uma grande mistura. Pois,

Há o fato de que essa mesma mistura em um lugar pode produzir efeitos que poderiam não ocorrer de outra maneira. Finalmente todas essas relações interagem com a história acumulada de um lugar e ganham um elemento a mais na especificidade dessa história, além de interagir com essa própria história imaginada como produto de camadas superpostas de diferentes conjuntos de ligações tanto locais quanto com o mundo mais amplo (MASSEY, 2000, p. 185).

Portanto, o entendimento de “lugar” passa a ser um ponto fundamental para tal debate, uma vez que, em primeira instância, a aceleração modifica e promove rupturas na forma como nos relacionamos com ele. Neste sentido, Massey (2000) sugere uma nova interpretação ao lugar, de forma que não se configure de maneira fechada e reacionária e, sim de dentro para fora, conforme demonstra a Figura 04, de forma fluída e sem escala.

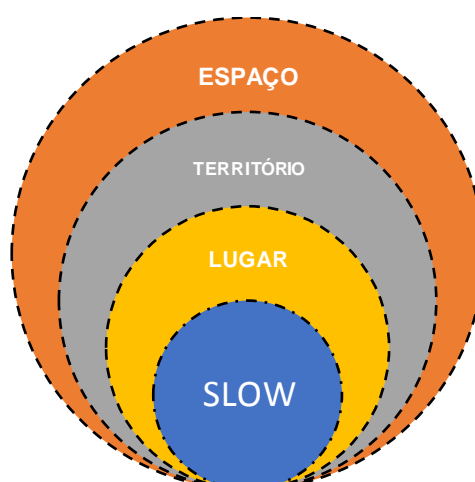


FIGURA 4: SITUANDO O “SLOW” – TEMPO X ESPAÇO

FONTE: Elaborado pela Autora com base em Tuan (1983); Massey (2000); Harvey (2006); Santos (2008; 2012).

Conforme demonstra a Figura 04 e partindo do pressuposto de tempo e espaço (MASSEY, 2000; HARVEY, 2006) pode-se considerar que o movimento de lentidão – *slow* ocorre no lugar e na intimidade das relações sociais, do uso e do consumo que lá estão. Em complemento, ao que se apresenta o presente tópico, será debatido, posteriormente, os preceitos do *slow food* e suas características.

### 3.2. SLOW FOOD: COMPREENDENDO O CERNE DE DESACELARAR A PARTIR DE UM MOVIMENTO

Este capítulo pretende apresentar, em seu conteúdo, o pressuposto do *Slow Food* (SF) enquanto movimento central para a discussão da desaceleração do tempo, difundido em diferentes contextos sociais, entre eles o turismo.

#### 3.2.1. Origem e Histórico do *Slow Food*

O *Slow Food* se origina na Itália, país de contexto histórico marcado pela ineficiência da gestão política, pelos altos índices de corrupção, e pela atuação da máfia local, bem como pelas ações terroristas incluindo-se, em tal contexto, a participação de grupos do partido comunista da Itália (ANDREWS, 2008).

Gentile (2016) debate que os movimentos de esquerda, na Itália, deram início as ações de protesto político e social que buscavam por alternativas distintas que a dos partidos políticos, dando fortalecimento, em tal conjuntura, as organizações, associações com formas mais autônomas de ação. A partir da vivência de tal cenário, em que muitos estudantes e operários, jovens e intelectuais de esquerda deram início a diferentes ações, principalmente com a organização de instituições mais autônomas e diretas. Este período histórico possuía uma atmosfera reivindicatória, de luta pela melhora da qualidade de vida, em que as ações políticas independentes e autônomas foram sendo geridas com este propósito. Conseqüentemente,



“o privado é político”, dominante nos debates das décadas de 1960 e 1970, conectava temas como a liberdade, o interesse pelas artes, o uso do tempo livre, o direito de todos, não apenas das classes burguesas à cultura, aos prazeres e a uma boa qualidade de vida. Justamente a qualidade de vida, incluindo o acesso a alimentos de qualidade e a sua valorização, ia se tornando uma questão de democracia, portanto uma questão de natureza e abrangência políticas (GENTILE, 2016, p. 34).

Nos anos 70, Carlo Petrini, Azio Citi e Giovanni Ravinale, jovens da esquerda ativista italiana, passaram a dedicar-se a iniciativas populares, entre elas a fundação de um periódico de esquerda e uma estação de rádio, a primeira independente na Itália. Em 1975, Carlo Petrini elegeu-se vereador em Bra, região reconhecida pelo raro cultivo de trufa branca e pela produção de vinhos na região do Piemonte, no norte da Itália. Tal fato deu fôlego aos jovens ativistas da época. Com o passar dos anos, a política dos jovens se voltou para ações de ordem cultural e de identidade regional, com o intuito de reforçar a preservação e a promoção das tradições camponesas, gastronômicas e a produção vinícola (ANDREWS, 2008).

A atuação de Petrini, Citi e Ravinale foi fundamental para motivar a criação de organizações e associações com o mesmo objetivo, permitindo o fomento de uma consistente rede de trocas (PETRINI; PADOVANI, 2005). *Arcigola* foi uma das associações criadas, na década de 80, que ganhou proporções, tornando-se um movimento nacional voltado para a defesa e promoção da gastronomia italiana, com o objetivo principal de resguardar as bases alimentares e de apresentar resistência ao processo de equalização alimentar, influenciada pela chegada das redes de *fast food* ao país (TENCATI; ZSOLNAI, 2009).

Andrews (2008) destaca que a década de 80, na Itália, foi marcada por mudanças sociais e econômicas com alta representatividade. Em tal conjuntura, o país após alcançar o crescimento industrial e econômico esperado, no período pós-guerra, passou a ser influenciado pela força neoliberal, com valores individualistas e de ascensão do consumo. Esta mudança comportamental refletiu na alimentação, com a vinda das grandes cadeias de *fast food* em todo país. Esta nova prática de consumo passou a ser observada, por muitos, como agressiva as tradições, pois era desconexa a cultura nacional e aos hábitos alimentares da população italiana.

A partir da atmosfera reivindicatória a qual vivia o país, um evento que marcou o histórico do SF, foi à organização de uma manifestação contra a instalação

do primeiro restaurante da rede norte-americana *McDonalds*,<sup>8</sup> em Roma. De acordo com Marrone (2011), o protesto contra o restaurante não se trata apenas de uma questão de paladar, mas de estilo de vida, onde se coloca em jogo a opinião pública da esquerda, tradicionalmente pouco interessada nos prazeres da boa mesa.

Assim o comer bem não é uma questão de burgueses e sim, sobretudo dos homens que reivindicam os direitos essenciais, cortando transversalmente os indicadores sociodemográficos relativos à renda, a sexualidade, a ideologia, a religião, ao grau de instrução, entre outros (MARRONE, 2011, p. 63, tradução nossa).

Com a repercussão da referida manifestação, as ações reivindicatórias passaram a contar com a participação de muitos intelectuais e artistas da época, entre eles Folco Portinari, escritor e poeta que redige um manifesto, que posteriormente tornou-se o Manifesto *Slow Food*. Este documento foi publicado, pela primeira vez, em um anexo do jornal de extrema esquerda *Il Manifesto*, no ano de 1987. Sendo reeditado, traduzido e amplamente publicado em outras revistas e periódicos, tornando-se o documento base do movimento *Slow Food* (MARRONE, 2011).

O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida. Somos escravizados pela rapidez e sucumbimos todos ao mesmo vírus insidioso: a *Fast Life*, que destrói os nossos hábitos, penetra na privacidade dos nossos lares e nos obriga a comer *Fast Food*. O *Homo Sapiens*, para ser digno desse nome, deveria libertar-se da velocidade antes que ela o reduza a uma espécie em vias de extinção. Um firme empenho na defesa da tranquilidade é a única forma de se opor à loucura universal da *Fast Life*. Que nos sejam garantidas doses apropriadas de prazer sensual e que o prazer lento e duradouro nos proteja do ritmo da multidão que confunde frenesi com eficiência. Nossa defesa deveria começar à mesa com o *Slow Food*. Redescubramos os sabores e aromas da cozinha regional e eliminemos os efeitos degradantes do *Fast Food*. Em nome da produtividade, a *Fast Life* mudou nossa forma de ser e ameaça nosso meio ambiente. Portanto, o *Slow Food* é, neste momento, a única alternativa verdadeiramente progressiva. A verdadeira cultura está em desenvolver o gosto em vez de atrofiá-lo. Que forma melhor para fazê-lo do que através de um intercâmbio internacional de experiências, conhecimentos e projetos? *Slow Food* garante um futuro melhor. *Slow Food* é uma ideia que precisa de inúmeros parceiros qualificados que possam contribuir para tornar

---

<sup>8</sup> É considerada a maior cadeia mundial de restaurantes de *fast food*. Com sede nos Estados Unidos da América, surgiu em 1940 e está presente em 119 países. Caracterizado pela venda padronizada de alimentos industrializados e de rápido preparo.

esse (lento) movimento, em um movimento internacional, tendo o pequeno caracol como seu símbolo (SLOWFOOD, 2017, s.p.)<sup>9</sup>.

Para Marrone (2011), o manifesto, apesar de ser um texto poético, apresenta um gênero discursivo de valores de fundo, evidenciando uma série de oposições temáticas, capazes de denotar a verdadeira essência *slow*. Estas oposições foram organizadas a partir do confronto entre a vida lenta e a vida acelerada e podem ser visualizadas no Quadro 07.

Vida lenta	Vida acelerada
<b>Caracol</b>	Máquina
<b>Comodidade</b>	Dinâmica
<b>Sabedoria nos provérbios</b>	<i>Slogan</i> publicitário
<b>Dimensão emocional</b>	Dimensão racional
<b>Apoio científico</b>	Apoio tecnológico
<b>Prolongamento</b>	Velocidade
<b>Alegria</b>	Histeria

QUADRO 7: OPOSIÇÕES TEMÁTICAS ENTRE SLOW FOOD E O FAST FOOD  
 FONTE: Elaborado pela Autora (2017) com base em Marrone (2011).

Com uma análise semiótica do manifesto, Marrone (2011) coloca as oposições de maneira sintética, no entanto, é necessário refletir que estas ocorrem a partir de um extenso conjunto de circunstâncias históricas, surgidas, prioritariamente, com o crescimento industrial do período pós-guerra, somadas a politização cultural e política, especialmente da Itália. O reflexo do alto grau de desenvolvimento econômico italiano trouxe, de certo modo, condutas neoliberais como: a ampliação da oferta de bens e serviços e as alterações sociais e econômicas, a partir de uma perspectiva mais individualista, fomentando mudanças de cunho social e cultural, significativos às tradições italianas (GENTILE, 2016).

Sobre a necessidade de refletir amplamente sobre os condicionantes do SF, Andrews (2008) enfatiza a década de 80, um período que ficou conhecido como a era da superficialidade, devido à mudança dos hábitos alimentares e pela ascensão da indústria de entretenimento e de lazer. Esta ascensão, segundo o autor, foi papel

<sup>9</sup> Manifesto *Slow Food*, escrito por Folco Portinari, em 1989, texto original publicado em italiano no anexo do jornal de extrema esquerda *Il Manifesto*. O manifesto foi traduzido para nove idiomas e é considerado o documento base das diretrizes do movimento.

da figura de Silvio Berlusconi e de seu monopólio dos canais de televisão italianos. A oferta de entretenimento fácil somado ao alto grau de estímulos de consumo advindo das propagandas e comerciais deve, de certo modo, ser considerados relevantes para subsidiar o movimento *Slow Food*, bem como, inspirar o manifesto e a crítica ao padrão acelerado de vida.

Utilizando dos princípios do manifesto, Carlo Petrini convoca a união de outras associações de postura crítica às experiências *Arcigola*. Então, em 10 de dezembro de 1989, a Associação Internacional *Slow Food* foi lançada, em Paris, por quatrocentos membros, pertencentes a dezoito países (PETRINI; PADOVANI, 2005; ANDREWS, 2008). Em sequência, será debatido a estrutura e o funcionamento de tal movimento.

### 3.2.2. Estrutura e Funcionamento do Movimento *Slow Food*

Para Gohn (2003) os movimentos sociais são compostos de ações sociais coletivas, de caráter sociopolítico e cultural, que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas.

Os movimentos sociais representam forças sociais organizadas que aglutinam as pessoas não como força-tarefa, de ordem numérica, mas como campo de atividade e de experimentação social, e essas atividades são fontes geradoras de criatividade e inovações socioculturais (GOHN, 2003, p. 14).

De acordo com Gentile (2016), o ideal que norteia as ações e os projetos do movimento é a defesa do direito universal ao alimento “bom, limpo e justo”, princípios que sintetizam instâncias múltiplas. Corroborando tal fato, Gentile (2016, p. 18) acrescenta, a tal discussão, os seguintes pontos:

Promoção do direito universal à alimentação saudável e de qualidade (bom); defesa da naturalidade dos produtos alimentares, das diversidades biológica e cultural ligadas a produção, preparo e consumo; promoção de formas produtivas em pequena escala (familiar, comunitária), ecologicamente corretas e capazes de respeitar os equilíbrios dos ciclos que ligam o sistema ambiente/homem/matéria-prima (limpo); denúncia das contradições globais entre fome e obesidade, carência e desperdício; respeito ao trabalhador e seu *know-how*, através da condenação de processos de produção e comercialização caracterizados por formas exploratórias (justo).

A partir da centralidade dos alimentos, o *SF* está organizado em uma rede de associados, formada prioritariamente por acadêmicos, produtores e cozinheiros, no sentido de estabelecer um sistema de qualidade, atendendo ao alimento bom, limpo e justo, conceito filosófico norteador, exposto no Quadro 08 (PETRINI, 2001; 2005; 2012).

<b>Bom</b>	Alimento bom é aquele capaz de dar prazer ao ser consumido. Atendendo aos critérios de autenticidade e naturalidade, aplicado a determinado momento, lugar e cultura.
<b>Limpo</b>	Alimento limpo é aquele que segue aos preceitos de sustentabilidade e respeito ao meio sócio ambiental, capaz de trazer bem-estar.
<b>Justo</b>	Refere-se a alimento que tenha cultivo, produção e comercialização respeitosa, justa e digna.

QUADRO 8: FILOSOFIA *SLOW FOOD* (SF)

FONTE: Elaborado pela Autora (2017) com base em *SLOW FOOD INTERNATIONAL* (2012).

Tendo como referência a filosofia do movimento, Tencati e Zsolnai (2012), descrevem suas características, sintetizadas no Quadro 09:

<b>Organização em Rede</b>	Refere-se a uma teia de redes, que promove formas alternativas de produção e consumo. A rede <i>SF</i> tem características <u>inovadoras</u> , à medida que representam a realidade real e viável, <u>alternativa</u> , por apresentar-se de maneira alternativa ao paradigma socioeconômico e <u>tradicional</u> , por se basear nos patrimônios culturais da comunidade local em todo o mundo.
<b>Múltipla abordagem</b>	Refere-se à organização estratégica da rede prevendo a sua atuação em três eixos norteadores (Pessoas – Planeta – Lugar) em distintas atividades. Os projetos de ação são fundamentados no alimento bom, limpo e justo e a rede atua na compatibilidade do consumo, produção e modo de vida real e sustentável.
<b>Engajamento</b>	Refere-se à confiança e ajuda mútua a nível local e global, fortalecendo as conexões entre cozinheiros, produtores e consumidores.
<b>Longo Prazo</b>	Visão de longo prazo, no trabalho de preservação e sustentação das experiências tradicionais com risco de extinção. Promovendo mudanças nos padrões de desenvolvimento para uma perspectiva de convivência e respeito a longo prazo.
<b>Adaptação ao meio ambiente</b>	Faz referência a priorização das bases de abastecimento dentro do mesmo território – núcleo de uma economia alimentar local, inserido no contexto social.

QUADRO 9: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO *SLOW FOOD* (SF)

FONTE: Elaborado pela Autora (2017) com base em Tencati e Zsolnai (2012).

Na compreensão de Tencati e Zsolnai (2012), o movimento *SF* segue um modelo de produção agroalimentar, baseado na colaboração e que visa maximizar a eficiência econômica e produtiva em torno do alimento. De acordo com os autores, torna-se fundamental para o *SF* reconhecer que o alimento é mais do que uma

mercadoria, pois sua produção e consumo estão fortemente relacionados com: a natureza, fatores sociais, culturais, históricos, políticos e institucionais. Assim, ao reconhecer o alimento como elemento central e estratégico, o movimento estabelece padrões alternativos de consumo e de produção, buscando uma prática colaborativa.

O *SF* está organizado em uma abordagem de gastronomia, conhecida como *neo-gastronomy* termo que significa atenção a partir do prazer e a experiência de comer e beber. Logo, destaca-se que tal premissa não está relacionada somente ao sabor, mas ao multissensorial e a complexidade, onde exige uma consciência maior dos fatores culturais, históricos, naturais, sociais, ecológicos, institucionais e produtivos (PETRINI, 2001; 2005).

Nesta perspectiva holística e sistêmica, a qualidade dos alimentos está profundamente enraizada na qualidade do ecossistema; a identidade material e não material da comunidade local envolvida no cultivo, criação e processos de produção; qualidade de vida global, de um elemento estrutural que é a convivencialidade<sup>10</sup> (TENCATI; ZSOLNAI, 2012, p. 349, tradução nossa).

No Brasil, o conceito que se aproxima com os preceitos da preservação da qualidade do ecossistema no âmbito da gastronomia é o da ecogastronomia, que se fundamenta para atender a princípios relacionados ao resgate do prazer da alimentação para atender aos princípios éticos e socioambientais. Este discurso envolve a proteção de espécies vegetais, raças animais e a defesa do meio ambiente, da cozinha típica regional, dos produtos e do prazer da alimentação (SLOW FOOD BRASIL, 2017).

A partir do conceito de ecogastronomia, o movimento *SF* procura se organizar para, desse modo, apoiar modelos agrícolas menos intensivos e mais saudáveis e sustentáveis, empregando o conhecimento das comunidades locais. Desta forma, acredita-se que as ações institucionais atendam ao princípio de salvaguardar alimentos, matérias-primas, métodos tradicionais de cultivo e transformação. Intitulado, portanto, como um movimento ecogastrônômico, o *SF* se coloca em uma postura de proteção dos alimentos, matéria-prima e métodos tradicionais de cultivo e transformação dos alimentos (SLOW FOOD BRASIL, 2017).

---

<sup>10</sup> Termo definido por Illich (1976), como forma autônoma de vivenciar as relações sociais imbricadas em determinados espaços. Tendo como referência a autonomia individual e a experiência vivenciada. Na sociedade convivencial, as ferramentas a estão a dispor do homem integrado na coletividade. “Convivencial, é uma sociedade em que o homem controla a ferramenta” (ILLICH, 1976, p. 13).

Em concordância, Tencati e Zsolnai (2012) ponderam sobre o prazer da comida, que deve ser compartilhado em uma expressão de sociabilidade. Segundo os autores, o *SF* prima pela cultura do alimento e do vinho, defendendo e salvaguardando a cultura, o patrimônio das comunidades locais e suas relações sociais com a biodiversidade inter-relacionada.

Nesta perspectiva, Marrone (2011) pondera a respeito de um debate mais amplo e profundo a partir das bases do *SF*, que engloba as formas de vida, envolvendo o cultivo e o fornecimento do alimento, ampliando as ideias de lentidão a uma dimensão geral que, de certo modo, remetem às experiências tanto individuais quanto coletivas proporcionadas pela alimentação.

De acordo com Petrini (2005), o *Slow Food* está centrado em três princípios fundamentais que permeiam a produção e o consumo de alimentos: o pequeno, o local e o lento. Tais conceitos se definem da seguinte maneira: o pequeno se refere à escala apropriada em termos sociais, ambientais e, também, econômicos que envolvem os alimentos; o local remete-se ao respeito aos alimentos e saberes próprios do lugar, honrando o ambiente e a comunidade envolvida e; por fim o lento atribuído à lentidão na maneira de viver, fundamental para a promoção de uma sociedade mais responsável, digna e que respeite os ritmos humanos (TENCATI; ZSOLNAI, 2009).

De um ponto de vista experiencial, Lee, Scott e Packer (2014) enfatizam que o alimento é o principal componente da experiência humana. Para os autores, o significado do alimento está na sua relevância para a sobrevivência, mas também na ligação entre o corpo e a terra proporcionados a partir dele. Neste sentido, os alimentos são compostos de significados comportamentais, individuais e coletivos.

Transportando a percepção da experiência para o mercado consumidor do *Slow Food*, Sebastiani, Montagnini e Dalli (2012) refletem acerca do empoderamento retratado pelos seus consumidores e a capacidade de reestruturação do mercado, a partir da organização do movimento e do apelo ético que o envolve. Dessa maneira, estudos de consumo demonstram a capacidade dos movimentos sociais e suas organizações em interpretar e coletivizar posições éticas de comportamentos individuais em ações coletivas, em um processo de construção de identidade coletiva (SEBASTIANI *et al*, 2012).

Com a intenção de resumir os propósitos do *SF*, elaborou-se o Quadro 10 onde se apresenta, de forma resumida, a premissa identitária do movimento.

<b>Conceito</b>	Segue o conceito da ecogastronomia: unificando a ética com o prazer da alimentação. Restituindo a dignidade cultural do alimento em favorecimento ao gosto, a preservação e ao uso sustentável da biodiversidade.
<b>Filosofia</b>	Apresenta como filosofia a centralidade no alimento bom, limpo e justo. (Bom) alimentação saudável, com o respeito a diversidade biológica e cultural, ligadas a produção, preparo e consumo. (Limpo) relacionado a formas produtivas em pequena escala, ecologicamente corretas e capazes de respeitar o equilíbrio dos ciclos entre homem/ ambiente/ matéria-prima. (Justo) condenação de processos de produção e comercialização caracterizados por maneiras desleais ou exploradoras.
<b>Missão</b>	A missão do movimento é promover a defesa da biodiversidade a partir do alimento.
<b>Eixo Norteador</b>	Educação do gosto; salvaguardar a agro biodiversidade e a cultura alimentar; promover o encurtamento da cadeia entre produtor e consumidor (coprodutor).

QUADRO 10: SÍNTESE IDENTITÁRIA DO SLOW FOOD (SF).

FONTE: Elaborado pela Autora (2017) com base em Petrini (2005); Andrews (2008); Gentile (2016); Slow Food Internacional (2017); Slow Food Brasil (2017).

Ainda, a respeito da identidade *Slow Food*, destacam-se as considerações de Mayer e Knox (2006), que enaltecem as ações do movimento no sentido de fomentar a construção da identidade coletiva, a partir da valorização do território.

A compreensão do território conecta os aspectos ambientais de um lugar à cultura e à história das pessoas que habitam o território e o utilizaram por gerações para a produção tradicional de alimentos. (...) O *Slow Food* dá ênfase ao local distintivamente por meio das conexões específicas do local com expressões tradicionais do alimento e seus caminhos de produção (...) (MAYER, KNOX, 2006, p. 326).

Desta forma, o *Slow Food* representa um movimento social ativo, que se estruturou a partir da problemática da alimentação e que busca maximizar a sua eficiência econômica, produtiva e representativa a partir da organização empresarial colaborativa relacionando aspectos socioculturais, históricos, políticos e institucionais (TENCATI; ZSOLNAI, 2012).

A fim de compreender a propagação dos princípios do movimento SF para outros contextos sociais como o turismo, optou-se pela construção de uma análise teórica que perpassa pelo seu histórico e estrutura, tendo como referência fundamental as relações no território, especialmente nos processos de valorização do lugar.

O movimento *Slow Food* é organizado em forma de Associação sem fins lucrativos, de abrangência mundial, sendo apoiado por seus membros, cerca de cem mil, espalhados em aproximadamente cento e sessenta países. Com o intuito



coordenar e gerir todas as atividades, o sistema institucional e os níveis organizacionais são estabelecidos em estatuto. De acordo com o Estatuto *Slow Food* (SLOW FOOD INTERNATIONAL, 2012), os níveis organizacionais da associação, bem como as atribuições de cada nível, servem para atender as instâncias nacionais ou internacionais, conforme o que se apresenta no Quadro 11, a seguir.

NÍVEL ORGANIZACIONAL	ATRIBUIÇÕES
<b>Congresso</b>	O mais alto órgão deliberativo da <i>Slow Food</i> , com formação a cada quatro anos. É constituído por delegados eleitos em cada região, com o objetivo de garantir a participação democrática nas decisões e nos órgãos executivos.
<b>Conselho de Administração</b>	Sua composição é a seguinte: 1) <u>Presidente</u> : eleito pelo Congresso e representante legal geral do <i>Slow Food</i> ; 2) <u>Comitê Executivo</u> : é o órgão operacional, responsável pela implementação das decisões do Congresso; 3) <u>Conselho</u> : é o órgão diretor da política da associação e serve de representante, garantindo a participação dos representantes; 4) <u>Secretário Geral</u> : é eleito pelo comitê executivo e apresenta entre as suas funções a de supervisionar a execução e as decisões do Comitê Executivo.
<b>Associações Nacionais</b>	Estabelecida quando os membros do <i>Slow Food</i> dentro de um país formam uma associação nacional. Representando e coordenando as atividades a nível nacional e ganhando autonomia para participar do processo decisório a nível internacional. O estabelecimento da Associação Nacional, parte dos Convívios para o Conselho e autorizada pelo Comitê Executivo. Devido ao grande número de associados, alguns países contam com diretorias nacionais, são eles: Alemanha, Austrália, Brasil, Coréia do Sul, Estados Unidos, França, Holanda, Japão, Quênia, Reino Unido e Suíça.
<b>Regionais e Macrorregionais</b>	Consideradas formas intermediárias de organização realizadas pelo Comitê Executivo, atendendo a requisitos específicos ou grupo-alvo. Seguem o mesmo regulamento das Associações Nacionais.
<b>Convívio</b> <sup>11</sup>	É a estrutura onde os membros realizam efetivamente as atividades da associação e deve ser formado pelo mínimo de 20 participantes.

QUADRO 11: NÍVEL ORGANIZACIONAL E DE GESTÃO DO SLOW FOOD

<sup>11</sup> O termo pode sofrer alteração de acordo com o idioma do país. Os usos mais comumente utilizados são convívium, convívia, convívium leaders, convívium committees, assembly e convívium congresso. (SLOW FOOD INTERNATIONAL, 2012).

FONTE: Elaborado pela autora (2017) com base em Slow Food International (2012).

A partir da análise da estrutura organizacional do movimento, percebe-se uma preocupação da associação em atuar e fazer-se presente tanto no nível internacional quanto nacional, principalmente no contexto regional/local. Ainda que o *Slow Food* Internacional seja conhecido como órgão responsável pelas políticas macro, as instâncias nacionais e regionais operam com autonomia de gestão, sobretudo a partir dos convívios, sendo capacitadas a identificar e trabalhar dentro das necessidades e especificidades da sua localidade.

De acordo com o *Slow Food* International (2017), o movimento é estruturado em forma de rede, a partir dos seus associados, ou seja, da estrutura ativa e participante dos membros locais nos convívios. A Rede *Slow Food* é formada da seguinte maneira: Rede de Associados, Rede Jovem *Slow Food*, Rede Terra Madre e pela Universidade de Ciências Gastronômicas, conforme apresenta a Figura 05.

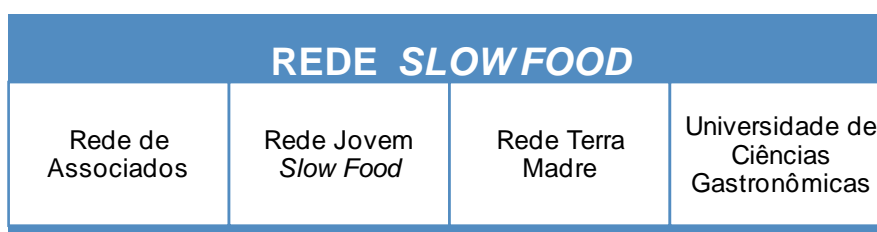


FIGURA 5: ESTRUTURA DE FORMAÇÃO DO SLOW FOOD

FONTE: Elaborado pela Autora (2017) com base em Slow Food International (2017).

Por consequência, a partir da formação das redes, a associação subdivide-se em três frentes prioritárias de atuação, as quais: a Fundação *Slow Food* para a Biodiversidade, a Fundação Terra Madre e a Universidade de Ciências Gastronômicas, conforme descrito na Figura 06.



FIGURA 6: ATUAÇÃO DO SLOW FOOD

FONTE: Elaborado pela Autora (2017) com base em Slow Food International (2017).

A partir da análise da divisão estrutural do *Slow Food*, descreve-se a seguir as atividades e características mais relevantes de cada área, prioritariamente, a respeito de suas atuações.

#### 3.2.2.1. Rede de Associados

Considerado uma associação, o *Slow Food* trabalha a partir de seus associados. Logo, cada um é parte de um convívio, isto é, pertence a um núcleo local, que desenvolve a filosofia a partir de eventos e atividades organizadas em comunidade. Os convívios, por sua vez, são considerados como a espinha dorsal do movimento, pois são responsáveis em aproximar e articular os produtores dos consumidores. As atividades são distintas e variam de uma simples refeição compartilhada, degustações, visitas a produtores locais e fazendas, conferências, até eventos e festivais. Desta forma, a partir dos convívios, acredita-se que a rede de associados, seja capaz de fortalecer, conjuntamente, a divulgação e a promoção da filosofia *Slow Food* (SLOW FOOD INTERNATIONAL, 2017).

Atualmente, são 1.500 convívios espalhados em todo o mundo. No Brasil, são 59, sendo que no Paraná existem três unidades, dentre elas duas em Curitiba e uma em Palmeira, microrregião de Ponta Grossa, cerca de 70 quilômetros da capital. Todas as unidades são consideradas como a expressão local da filosofia *Slow Food* (SLOW FOOD BRASIL, 2017).

#### 3.2.2.2. Fundação *Slow Food* para Biodiversidade

A Fundação *Slow Food* para a Biodiversidade foi fundada no ano de 2003. Logo, cabe destacar que a mesma apoia e financia os projetos voltados para a preservação da biodiversidade e as tradições gastronômicas no mundo. Conseqüentemente, defende um modelo sustentável de agricultura que respeite o meio ambiente, a identidade cultural e o bem-estar animal, bem como pleiteia o direito da comunidade em decidir o que plantar, produzir e comer (PETRINI; PADOVANI, 2005).

Atualmente, a Fundação está presente em mais de cem países, envolvendo milhares de produtores, com o desenvolvimento de atividades de assessoria técnica, treinamento, intercâmbio de produtos e comunicação. Mesmo sendo parte do *Slow Food*, a Fundação possui autonomia estatutária, econômica e administrativa. Desta forma, é independente para gerir e fomentar o desenvolvimento de projetos que visem o atendimento de seus princípios norteadores. Com base nos trabalhos realizados e nos resultados alcançados com os projetos, a Fundação elabora e publica, anualmente, um Relatório Social, em que se apresentam, de maneira detalhada, as atividades realizadas, e as fontes e o emprego dos recursos (SLOW FOOD INTERNACIONAL, 2017).

Dentro dessa perspectiva, enfatiza-se que os projetos apresentam-se agrupados em cinco eixos norteadores, sendo eles: Presidia; a Arca do Gosto; Jardins na África; Mercados da Terra e Aliança de Chefs. Além dos eixos norteadores, cabe apontar que existem outros projetos complementares sendo desenvolvidos pela Fundação, tais quais: *Slow Food Travel* e os Rótulos Narrativos.

#### ➤ **Slow Food Travel**

O projeto foi lançado em julho de 2016 e, prevê a visitação a lugares onde existam tradições gastronômicas; sabores artesanais; práticas diferenciadas de produção; preparo e consumo alimentar e; que, ao mesmo tempo, valorize a história e as relações culturais do alimento com o lugar. Este projeto almeja, essencialmente, o desenvolvimento de um novo modelo de turismo, composto por encontros e intercâmbios com os agricultores, produtores e trabalhadores de diferentes saberes, no sentido de atribuir a eles a função de narradores de suas histórias e condutores dos viajantes. Segundo o Documento Slow Travel (2016), o objetivo final do projeto é a educação e o aumento da conscientização dos visitantes sobre a conservação da biodiversidade e do patrimônio cultural, que engloba a identidade da gastronomia local, para que haja o desenvolvimento de um modelo mais sustentável de turismo.

Por ser um projeto dentro do movimento *Slow Food*, sua continuidade está vinculada, diretamente, ao convívio local, que submete ao Slow Food Internacional a candidatura do destino. O *Slow Food* Internacional, por sua vez, reserva-se o direito de aceitar ou refutar tal proposta, estudando, caso a caso, a candidatura e a sua relação com o alimento, bem como, suas estruturas locais de uso.

Destaca-se, portanto, que o critério fundamental para a candidatura de um destino ao projeto *Slow Food Travel* é a relação que o local estabelece com o alimento, que obrigatoriamente deve ser uma relação típica, tradicional ou artesanal (SLOW FOOD TRAVEL, 2017).

A Relação Tradicional faz referência a regiões que possuem uma relação com os alimentos ligados, principalmente, à memória e à identidade da comunidade envolvida no projeto, tendo como ligação um período histórico médio superior a 70 anos. Em tal contexto, a Relação Típica é atribuída a regiões onde os alimentos cultivados não são necessariamente nativos, mas são cultivados na área por um longo período de tempo, a tal ponto que caracteriza o contexto local em que é cultivado. A Relação Artesanal, por sua vez, é atribuída a regiões que possuam alimentos específicos em que existe a supervisão do produtor em todas as fases de produção, necessariamente há aplicação de habilidade e destreza transmitida através de sua família ou aprendida com outros artesãos locais (SLOW FOOD TRAVEL, 2017).

Os projetos *Slow Food Travel* focam no significado do alimento produzido, valorizando o local e a real potencialidade de promoção do alimento, sob a perspectiva da tradição histórica e da particularidade social dos valores envolvidos. Além do critério referente à relação do local com o alimento, ainda está previsto nas diretrizes: os preceitos gerais de hospitalidade que envolve desde a acomodação até as refeições a serem servidas; os de promoção e educação ao visitante e; àqueles para a comunicação e divulgação do destino *slow* (SLOW FOOD TRAVEL, 2017).

Desta maneira, a Fundação *Slow Food* para a Biodiversidade incentiva a prática do turismo, estabelecendo uma aproximação do viajante com a biodiversidade alimentar e, com a compreensão cultural a partir do reconhecimento da gastronomia local. Atualmente, existe apenas um destino cadastrado no projeto, sendo o qual: Caríntia, um estado da região Sul da Áustria (SLOW FOOD TRAVEL, 2017).

#### ➤ **Presidia**

Conhecido, anteriormente, como *As Fortalezas Slow Food*, tal documento reúne os projetos de valorização e assistência técnica e científica a pequenos produtores. Destaca-se que cada projeto é elaborado a fim de identificar um alimento

fortaleza, respeitando as especificidades locais e de produção, e as ameaças de extinção daquele alimento. A partir da identificação, prepara-se um protocolo de produção, que possui a pretensão de rastrear o alimento e garantir que os métodos tradicionais sejam preservados. A elaboração deste protocolo pretende, também, extinguir uso de aditivos químicos, mantendo métodos de respeito e bem-estar *animal*; defesa de raças e das variedades vegetais locais; além da utilização de embalagens ecológicas e de favorecimento de energias renováveis. Atualmente, existem 516 alimentos protocolados no Presidía, subdivididos em 19 tipos diferentes, dentre eles 57 alimentos de origem indígena e quatro considerados raros (SLOW FOOD, 2017).

➤ **Arca do Gosto**

Criada em 1986, consiste em trabalhar no cadastro e acompanhamento de alimentos que possuem risco de extinção, sendo estes pertencentes à cultura, a história e as tradições de uma região. Este projeto resulta na inclusão do alimento a uma lista, que visa enfatizar a preocupação dos estudiosos quanto à extinção e; convidar a todos para tomar medidas de proteção. O registro é subdividido em categorias e por país, atualmente alcançou-se 4.188 produtos cadastrados e reconhecidos em mais de 80 países. No Brasil, são 168 produtos cadastrados que englobam grãos, frutas, hortaliças, vegetais e cereais, que são tradicionais nas distintas regiões do país (SLOW FOOD, 2017).

➤ **Dez Mil Hortas na África**

O projeto, lançado em 2010 no continente africano, tem como desafio a criação de hortas junto a escolas, vilarejos e periferia, adotando técnicas de compostagem, uso da água, variedades vegetais locais e pesticidas naturais. O mesmo tem a intenção de constituir uma fonte de garantia para o fornecimento de alimentos frescos e saudáveis às comunidades carentes, promovendo a melhora da qualidade de vida e incentivando a economia das regiões, a partir da sensibilização sobre a biodiversidade alimentar e valorização da terra. Segundo a Fundação, até

março de 2017, estão sendo assistidas 2.500 hortas, em 37 países africanos (SLOW FOOD, 2017).

➤ **Mercados da Terra**

Tal projeto é considerado uma rede mundial de mercados de agricultores, que objetiva a disponibilização ao consumidor de produtos cultivados e comercializados, seguindo a filosofia *Slow Food*. É visto, ainda, como um importante momento de encontro e troca entre os produtores e, de fortalecimento da economia local. Atualmente, são 59 mercados em funcionamento, em 17 países. No Brasil, não há nenhum mercado registrado pelo movimento, até o momento da pesquisa (SLOW FOOD, 2017).

➤ **Aliança de Cozinheiros**

É reconhecida como uma rede mundial de cozinheiros que trabalha incorporando aos seus preparos alimentos pertencentes aos projetos Arca do Gosto e Presidia, ambos pertencentes ao contexto do *Slow Food*. Desta maneira, acredita-se que o trabalho dos *chefs* valoriza e fornece visibilidade ao alimento, salvaguardando a biodiversidade alimentar almejada pela Fundação. No Brasil, existem, atualmente, dezoito *chefs* pertencentes à Aliança de Cozinheiros, dentre eles apenas quatro atuam na Região Sul, os quais: dois em Florianópolis, Santa Catarina e dois no Rio Grande do Sul, representando um em Porto Alegre, e um em Garibaldi.

3.2.2.3. Fundação Terra Madre

A Fundação Terra Madre, criada em 2004, denomina-se como uma rede de comunidades do alimento. Tal fundação reúne produtores, acadêmicos e cozinheiros, todos visando uma aliança que estabeleça um sistema de base de alimentos, dentro dos preceitos do *Slow Food* que são: o alimento bom, limpo e justo (ANDREWS, 2008).

O objetivo principal da Fundação Terra Madre é tornar visível os produtores e as comunidades que atentem ao preceito da sustentabilidade do alimento e do meio ambiente. O trabalho ocorre a partir da promoção de eventos periódicos que buscam divulgar as culturas alimentares associadas a áreas geográficas específicas. Cabe, em tal ponto, destacar que se realiza o Encontro Mundial da Rede Terra Madre, sendo o mesmo organizado de dois em dois anos. Há, ainda, outros encontros, os quais difundidos em nível nacional e regional, que ocorrem regularmente para incentivar e fortalecer os princípios da filosofia (SLOW FOOD INTERNACIONAL, 2017).

Andrews (2008) acrescenta que os eventos promovidos pela Rede Terra Madre tornaram-se fundamentais para o desenvolvimento de uma vertente política do movimento, além de auxiliar na apropriação pública da imagem e da identidade do *Slow Food*. Os encontros converteram-se, também, em um espaço para que o movimento possa discutir e compartilhar caminhos colaborativos, de maneira coletiva. Os resultados destas discussões foram sendo incorporadas em questões maiores, como métodos para a agricultura sustentável, discussões sobre as crises ambientais e até condutas e políticas governamentais.

Por esta razão, a Fundação Terra Madre enfatiza e busca a participação dos membros em inúmeras discussões. É possível, portanto, reconhecer uma duplicidade entre os pequenos produtores, os ativistas e intelectuais e a Fundação Terra Madre. Logo, reconhece-se no encontro a possibilidade de expressar anseios, dificuldades e desejos, o que certamente seria uma grande dificuldade se não contassem com a centralidade de um movimento de abrangência mundial. Estes elementos somam-se para endossar a relevância social e política do *Slow Food*, a partir da Fundação Terra Madre (ANDREWS, 2008).

Desta forma, a Rede Terra Madre almeja dar visibilidade ao trabalho desenvolvido pelos produtores, fortalecendo, assim, os princípios do alimento bom, limpo e justo e, valorizando a cultura alimentar do lugar. A Rede trabalha, essencialmente, a partir do incentivo as alianças entre os agricultores locais e os transformadores, com o intuito de contribuir para cadeias alimentares que operam localmente (PETRINI, 2009; SLOW FOOD INTERNACIONAL, 2017).



### 3.2.2.4. Universidade de Ciências Gastronômicas

A Universidade de Ciências Gastronômicas (UNISG) foi criada em 2004 e tem como objetivo desenvolver um centro de pesquisa e formação aos interessados na renovação de métodos agrícolas e na proteção da biodiversidade, seguindo a filosofia *Slow Food*, que contempla a seguinte perspectiva: alimento “bom”, “limpo” e “justo”. Este projeto almeja a consolidação de uma relação mais orgânica entre a gastronomia e a complexidade da ciência agrícola (PETRINI, 2012; UNISG, 2017).

A Universidade é uma instituição privada que conta com a cooperação das autoridades das Regiões de Piemonte e Emília Romagna, no Norte da Itália. Possui duas sedes, uma em Pollenzo e outra em Colorno, na região de Parma, e oferece sete cursos, sendo um de graduação, um de especialização e cinco em nível de mestrado. A Universidade trabalha embasada na internacionalização, para isso conta com vínculo e convênios de cooperação internacional com 47 universidades no mundo (UNISG, 2017).

Para Petrini (2012), a Universidade de Ciências Gastronômicas, juntamente com a Rede Terra Madre, representam o cerne do movimento *Slow Food*, pois são os responsáveis em gerar projetos, sendo os quais fruto do progresso alcançado pelo movimento. Em tal sentido, salienta-se que:

A partir da universidade abre-se a possibilidade de oferecer um futuro mais promissor para os jovens, transformarem-se a si mesmos, assim como o local onde estudam e efetuam suas trocas. O lugar para explorar o território do desconhecido é o conhecimento, um lugar para desenhar novos paradigmas úteis, para além dos bosques da academia (PETRINI, 2012, p. 63, tradução nossa).

Reconhecendo a relevância acadêmica para o fortalecimento do movimento e das discussões acerca da valorização da gastronomia, o *Slow Food* Brasil possui parceria com universidades para o desenvolvimento de pesquisas científicas, destacando-se que, atualmente, são onze parceiras<sup>12</sup>. Além da sua participação no ambiente acadêmico, o movimento atua, desde 2000, com iniciativas isoladas de

---

<sup>12</sup> Universidade Comunitária de Pernambuco, Universidade de Brasília, Universidade de Sorocaba, Universidade do Vale do Itajaí, Universidade Estadual do Sudeste da Bahia, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de São Carlos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (GENTILE 2016, p. 86).

cooperação acadêmica, legitimadas em 2004 com a assinatura de um acordo de cooperação entre o movimento e os membros do Ministério do Desenvolvimento Agrário, para o incentivo da agricultura familiar (GENTILE, 2016).

No subcapítulo posterior serão debatidas as questões a respeito do *slow movement* e seus preceitos.

### 3.2.3. *SlowMovement*

Os estudos a respeito do movimento *slow* estão, de acordo com Carp (2012), embasados na teoria da resiliência. Brandão, Mahfoud e Nascimento (2011) salientam que a teoria da resiliência possui três correntes distintas de definição, a saber: a anglo-saxônica, a inglesa e a latino-americana. As concepções adotadas pelos ingleses e anglo-saxões entendem tal conceito como resistência ao estresse; enquanto que para os pesquisadores latinos, a resiliência possui uma dupla definição, que engloba tanto a resistência ao estresse, sendo esta mais utilizada no estudo das ciências exatas como à relacionada ao processo de superação e de recuperação, comumente utilizado pelas ciências humanas e sociais.

Em tal conjuntura, adotando a abordagem anglo-saxônica, Carp (2012) desenvolve seus estudos relacionando à teoria da resiliência com o movimento *slow*, a partir da experiência da vida cotidiana, compreendendo que os indivíduos se encontram no limite, principalmente, em relação ao uso do tempo e o seu bem-estar. Assim, considera-se a “lentidão” ou o abrandamento do tempo o viés de ligação com a dimensão social. Neste sentido, para a autora, a lentidão se torna a categoria que legitima o uso da teoria da resiliência nos estudos do movimento *slow*. Porque,

A teoria da resiliência está presente nas ciências sociais nas práticas sociais, econômicas, políticas e culturais, emergindo da experiência da vida cotidiana, atribuindo a relação do indivíduo com o seu bem-estar, como fundamental a longo prazo (CARP, 2012, p. 101, tradução nossa).

Ao debater a Teoria da Resiliência e o Movimento *Slow*, Carp (2012) pondera que as consequências sociais são sempre evidenciadas nos lugares, onde os indivíduos realizam suas trocas, portanto, submetidos constantemente a novas adaptações. Assim, pensar na resiliência e no movimento *slow*, obrigatoriamente, engloba a perspectiva do lugar, das relações mais autênticas e do fator tempo, para

que as mudanças dos hábitos cotidianos passem a pertencer efetivamente ao bem-estar, com vistas a um futuro mais sustentável (CARP, 2012).

Por outro lado, é necessário reconhecer que existe uma tentativa de auto solucionar os problemas da experimentação do tempo na vida líquido-moderna, estando esta contida na base da criação de movimentos e grupos, que podem trazer o sentimento de comunidade e se apresentar como uma forma de luta contra os efeitos da experimentação e do uso do tempo contemporâneo (BATISTA *et al*, 2013).

Esse modo de agir atacaria a raiz dos paradoxos da contemporaneidade, segundo os quais os indivíduos estão permanentemente aflitos com as possibilidades de usufruto da própria liberdade. Seus direitos são, quase sempre, sufocados pelo senso de dever: as férias são proibidas, os momentos de lazer são culpáveis, as paradas necessárias para a manutenção da saúde são vetadas pelo sentimento de responsabilidade dos indivíduos com os propósitos da produtividade. (BATISTA *et al*, 2013).

Honoré (2012), por conseguinte, considera o movimento *Slow* uma verdadeira revolução cultural de combate ao ritmo acelerado da sociedade moderna e defende que não é o ritmo lento que deve prevalecer, mas sim a velocidade certa para os afazeres diários, correspondendo em satisfação e qualidade. O objetivo principal, de sua obra, encontra-se no despertar da lentidão a fim de que a sociedade não seja colocada como escrava do seu tempo e busque pela resistência e autonomia em relação a ele. O autor recebe muitas críticas, pois mora em uma grande cidade e faz uso continuamente das redes sociais, para divulgar sua rotina. Porém, ressalta que não é o combate a velocidade dos recursos tecnológicos que estão em discussão e, sim o uso consciente do tempo para a qualidade de vida e a satisfação pessoal.

Em complementaridade ao que se debate no presente tópico, Carp (2012) enfatiza que existem dois modelos *slow* que merecem destaque em relação à complexidade de ações, os quais: o *slow city* e *slow life*. No contexto das cidades e do desenvolvimento urbano enquadra-se o *Slow City*, denominado, ainda, de *Cittaslow* ou Cidade Lenta, que para Knox e Mayer (2006, p. 321) representa o pensar na cidade a partir da sustentabilidade, ou seja, seria a implantação das bases locais e dos princípios associados para prover a habitabilidade e a qualidade de vida. Logo, destaca-se que, em 2016, a Associação Cittaslow (2017) contemplava

225 cidades que seguem os preceitos de lentidão, as quais localizadas em 31 diferentes países.

Seguindo a mesma perspectiva, Carp (2012) descreve a iniciativa do Japão, país reconhecido pelo ritmo acelerado de produção econômica, que desde 2003 busca desenvolver como estratégia o afastamento à eficiência econômica e a aproximação com a sustentabilidade, a partir do bem-estar de seus moradores. O trabalho iniciado pela prefeitura de uma pequena cidade, chamada Iwate, despertou a elaboração e adoção de uma conduta coletiva de lentidão. Sendo assim, ressalta-se que a declaração japonesa possui oito eixos, entre eles: o trânsito, vestimenta, moradia, alimentação, indústria e educação. Desta forma, as cidades e seus moradores caminham em busca de um objetivo comum, a *Slow Life* que é uma conduta de vida mais respeitosa, equilibrada e sustentável.

Além dos movimentos devidamente organizados, existem iniciativas isoladas que utilizam da filosofia de lentidão para propagar seus ideais, utilizando como principal recurso à *internet* e as redes sociais. Estes movimentos modernos são descritos por Carp (2012) como programas de resistência às qualidades aceleradas da vida cotidiana e que, embora, pareçam singulares denotam um latente descontentamento social com os modelos atuais.

Carp (2012) descreve, inclusive, que o movimento *slow* consiste em uma proposta de ver respostas transformadoras à velocidade da vida cotidiana, onde em sua configuração mais ampla incluem-se: bibliotecas, escolas, leitura, turismo, gastronomia, ciência, entre tantos outros codinomes, à medida que ganha adeptos que partilham da mesma filosofia, nos mais diferentes segmentos. A partir do que se aponta, cabe apresentar no próximo capítulo, o *slow tourism* e seus preceitos.

### 3.3. SLOW TOURISM: O MOVIMENTO DE LENTIDÃO NO CONTEXTO DO TURISMO

Ao observar o fenômeno turístico, percebe-se que ele é dinâmico e caracterizado por uma constante transformação. A construção histórica do conceito, em suas diversas interpretações, demonstra que sua dinamicidade contribui para a compreensão e renovação do desenvolvimento de suas práticas, bem como do reconhecimento das características que fundamentaram seu desenvolvimento.

De acordo com Valduga (2011), as abordagens do turismo divergem em relação ao seu objeto de estudos e epísteme. Especificamente, na América Latina, ganharam destaque abordagens sistêmicas e estruturalistas, resultante de um olhar funcionalista e reducionista, trazido pelos manuais e programas de desenvolvimento.

Esta dinâmica fica clara com as modificações conceituais que o Turismo sofreu no decorrer dos anos e com a falta de um consenso sobre sua definição. O debate acadêmico acerca do que é o turismo e sobre os elementos que o compõem, está na origem da existência de múltiplas definições, cada uma destacando aspectos diversos da mesma atividade (PAKMAN, 2014, p. 4).

Mesmo considerando que os propósitos da Organização Mundial do Turismo são a padronização de estatísticas e a uniformização dos critérios para fins de produção, Pakman (2014) apresenta as modificações nas definições de Turismo, conforme o Quadro 12.

Ano	Definição de Turismo
<b>1937/38</b>	Toda pessoa que viaja, por um período de 24 horas ou mais, para um país diferente daquele de sua residência habitual
<b>1963</b>	Atividade desenvolvida por uma pessoa que visita um país diferente daquele de sua residência habitual, com fins distintos do de exercer uma ocupação remunerada, e por um período de tempo de pelo menos 24 horas.
<b>1991</b>	O turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens a e estadias em lugares diferentes de seu entorno habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, tendo em vista lazer, negócios ou outros motivos.
<b>1999</b>	O turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens a e estadias em lugares diferentes de seu entorno habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, tendo em vista lazer, negócios ou outros motivos não relacionados ao exercício de uma atividade remunerada no lugar visitado.
<b>2008</b>	O turismo, enquanto fenômeno impulsionado pela demanda, refere-se às atividades dos visitantes e a seu papel na aquisição de bens e serviços. Também pode ser considerado a partir da perspectiva da oferta, e nesse caso o turismo passa a ser entendido como um conjunto de atividades produtivas concebidas para atender fundamentalmente os visitantes. Um visitante é uma pessoa que viaja a um destino principal diferente ao de seu entorno habitual, com duração inferior a um ano, com qualquer finalidade principal (lazer, negócios ou outro motivo pessoal) que não seja ser empregado por uma entidade residente no país ou lugar visitado.
<b>2008</b>	O turismo é um fenômeno social, cultural e econômico, que envolve o movimento de pessoas para lugares fora do seu local de residência habitual, geralmente por prazer.

QUADRO 12: MODIFICAÇÕES NAS DEFINIÇÕES DE TURISMO, SEGUNDO A OMT.

FONTE: Elaborado pela autora (2017) com base em Pakman (2014).

Ao analisar as definições, é possível reconhecer a fragilidade científica da área turística que esteve, por muito tempo, condicionada a uma definição

sistematizada para atender as demandas estatísticas mundiais, mesmo reconhecendo os esforços para a formulação de uma definição consensual (PAKMAN, 2014).

Neste sentido, muitos pesquisadores descreveram a evolução histórica do turismo, utilizando-se principalmente de uma vertente instrumentalizada associada aos índices de crescimento econômico (TRIGO, 1993, 1999; REJOWSKI, 1999, 2002; BARRETTO, 2003). Conforme expõe Trigo (1993) foi a partir de 1960 que o turismo mundial explodiu como possibilidade de prazer para milhões de pessoas e passou a representar sinônimo de fonte de lucros e investimentos, com status garantido no mundo das finanças internacionais.

Rejowski (2002), utilizando-se do instrumental fornecido por vários autores que pesquisaram a evolução do turismo, buscou sintetizar as fases marcantes da atividade, segundo ela: Época de Transição (1900-1949), Grandes Transformações (1950-1973) e Novos Cenários (1974-2005), todas marcadas pelo enfoque do desenvolvimento econômico.

A Época de Transição foi representada por um crescimento tímido do turismo, onde a Primeira e Segunda Guerra Mundial foram os principais atores deste cenário. Apesar dos avanços das indústrias associadas aos meios de transporte, a recessão abalou a atividade em contexto mundial (REJOWSKI, 2002).

As destruições descritas, nesta época, podem ser consideradas como impulsionadoras para a fase seguinte. Segundo Rejowski (2002), no período denominado de Grandes Transformações, observou-se a estruturação e a profissionalização do turismo de forma expressiva. Os dados estatísticos evidenciavam o crescimento vertiginoso do turismo em todo mundo e, com o incremento das receitas e do fluxo turístico muitas empresas aproveitaram a atmosfera e investiram na diversificação de produtos e na expansão dos seus negócios, inclusive no setor imobiliário. Foi, neste momento, que as grandes redes e cadeias prestadoras de serviços de hospedagem, transportes e alimentação se fortaleceram mundialmente com o uso dos recursos de padronização (REJOWSKI, 2002).

No período denominado por Rejowski (2002) de Novos Cenários, a partir de 1974, o turismo foi permeado pelos processos de globalização, de avanço tecnológico, de velocidade e de transformação. Em concordância, Beni (1996) destaca o período pelos aglomerados de atrativos turísticos que foram sendo

formatados de forma concentrada para enfrentar a concorrência dos mercados internacionais. Nesse sentido, Rejowski (2002) comenta que em termos de configuração, esses aglomerados acentuavam a internacionalização e a consolidação das empresas multinacionais do setor turístico, impulsionando cada vez mais as fusões, configurando um cenário de hiperconcorrência.

A década de 70, por sua vez, ficou caracterizada como cenário extremamente competitivo e o hiperconsumo do turismo como realidade, sendo considerados fatores de preocupação: o esgotamento do meio ambiente, natural, social e cultural, juntamente, com os discursos de formas alternativas de desenvolvimento da atividade, que passaram a permear as discussões acerca do turismo, incluindo questões sobre a desaceleração (BENI, 1996; TRIGO, 1999; BARRETTO, 2003).

Neste contexto efervescente de crescimento do turismo, o ideal *slow* de desaceleração teve sua origem. Partindo da gastronomia, o movimento de desaceleração vislumbrava o resgate e a preservação das tradições culinárias, como modo de conter a aceleração social e preservar as práticas de convivência humana estabelecida a partir do alimento, iniciativa que se consolidou com a criação do movimento *Slow Food* (PETRINI, 2001; PETRINI, PADOVANI, 2005).

Do *Slow Food* emergiram diferentes perspectivas, ancoradas nos mesmos pressupostos, de valorização do tempo lento e de preservação da convivência humana, entre elas: *Slow City*, *Slow Tourism*, *Slow Wine*, *Slow Beer*, *Slow Sex*, *Slow Science*, entre outras. Cada abordagem possui seu arcabouço teórico próprio, porém todas respeitam os mesmos princípios de desaceleração do tempo, de convívio social e respeito às relações de sustentabilidade (CARP, 2012; MAYER, KNOX, 2006).

Pretende-se, neste capítulo, apresentar as bases teóricas que subsidiam o *Slow Tourism* e, que denotam a esta prática uma diferenciação em relação a outras formas postas de turismo. Neste sentido, parte-se das principais características e definições, para os elementos fundamentais, até a aproximação com outras práticas. É preciso reconhecer que para pensar sobre a lógica do *Slow Tourism*, torna-se fundamental admitir a complexidade do turismo, enquanto fenômeno social, portanto, imbricado de relações que ultrapassam os condicionantes mercadológicos.

### 3.3.1. Discutindo os Conceitos do *Slow Tourism*

A discussão acerca do conceito *Slow Tourism* é recente, especialmente, no Brasil e, desafia os pesquisadores na formatação de uma definição consensual. Neste sentido, é relevante destacar que existe uma confusa utilização dos termos *Slow Travel* e *Slow Tourism* para designar as viagens lentas, fato que corrobora para o distanciamento do consenso.

#### 3.3.1.1. *Slow Travel*

Segundo Gardner (2009) e Germann Molz (2009), o *Slow Travel* está associado à prática de viagens lentas, tendo como referência central as ações dos turistas no destino. Em concordância com a centralidade das ações do turista, Dickinson e Lumsdon (2010) debatem a respeito da forma com que o turista usufrui da sua viagem, que envolve desde a escolha dos meios de transporte, de baixa emissão de gás carbônico, a estadia, utilizando-se de meios de hospedagem alternativos, e o desfrute da gastronomia local, com os alimentos preparados e consumidos no mesmo ritmo que os moradores locais. Além das ações no destino, Lumsdon e McGrath (2011) destacam o contexto geográfico, uma vez que esta prática favorece destinos próximos ao local de moradia ou com distâncias relativamente curtas, que possam ser realizadas sem o uso de meios de transporte menos poluentes.

De acordo com Dickinson e Lumsdon (2010), o *Slow Travel* surgiu de maneira contestatória ao turismo de massa e o decorrente uso excessivo do avião, e seguiu se fundamentando em práticas capazes de promover a diminuição da emissão de gás carbônico, por referência as mudanças climáticas advindas do século XXI. Neste sentido, os autores atribuem ao conceito à necessidade de um cenário diferenciado, que contemple um novo sistema de turismo embasado em: redução das viagens, desenvolvimento do turismo *low-carb* e enriquecimento do turismo de experiências, reafirmando a centralidade nas escolhas do turista (DICKINSON, LUMSDON, 2010).

Em consonância com que se apresenta na discussão, Bauer e Panosso Neto (2014) ratificam esta centralidade, quando definem o *Slow Travel* como uma



prática embasada na mudança do conceito de viagens e no comportamento dos viajantes em fazer e vivenciar o turismo e, não apenas como um segmento e/ou uma modalidade de lazer.

Conforme Gardner (2009) é possível considerar que existe, nesta prática, uma abordagem filosófica que permeia o ritmo mais lento e o prazer estético, onde envolve as escolhas dos turistas e privilegia o consumo da mobilidade turística. Isto é, são viagens caracterizadas por um momento de relaxamento e de reengenharia do tempo, onde se aplica a capacidade de transformar o tempo em mercadoria de abundância e não de escassez (GARDNER, 2009).

### 3.3.1.2. *Slow Tourism*

Gardner (2009) e Germann Molz (2009) destacam que o *Slow Tourism* são viagens lentas, que possuem como referência central a organização e a estrutura dos serviços dispostos ao consumo. Ou seja, o enfoque está na organização e nos limites dados pela oferta turística e, não no comportamento do turista.

Reafirmando a discussão do conceito sob a perspectiva da organização da oferta turística, Lipman e Murphy (2012) destacam dois modos distintos de identificar o *Slow Tourism*. O primeiro se relaciona com a essencialidade do destino em oferecer infraestrutura para o uso de meio de transporte *low-carb*<sup>13</sup> e, o segundo em apresentar como componente central a comunidade local.

Nas considerações de Lumsdon e McGrath (2011) existe uma abordagem holística em que o destino e o retorno, a oferta e a demanda se complementam, e, portanto, se tornam integrais, não cabendo distinção para o *Slow Travel* e o *Slow Tourism*.

Para Staciu (2014), *Slow Tourism* é a prática de turismo centrada na qualidade em detrimento da quantidade de experiências do turista, proporcionando profunda interação com a comunidade e concedendo a utilização sustentável dos recursos locais. Em consonância a tal perspectiva, para Moore (2012) significa viagens que evitam o lazer rápido concedido por meio dos pacotes de turismo e pelo cumprimento de cronogramas e passeios pré-estabelecidos. Ou seja, são viagens

---

<sup>13</sup>*Low-carb* é um termo utilizado para referir a utilização de meios de transporte de baixa emissão de poluentes, como o gás carbônico CO<sub>2</sub>.

baseadas na liberdade do tempo, no respeito local e na identidade do turista e do visitado.

Mogollón, De Salvo e Di Clemente (2012) ponderam que o *Slow Tourism* é produto de uma evolução do *Slow Travel*. Na compreensão de tais autores, o conceito foi transformado com o passar dos anos, incorporando a redução da emissão de gás carbônico a outros elementos como: a lentidão, a consciência socioambiental e a experiência no destino.

A partir das abordagens recentes, pode-se dizer que até o momento não há uma concordância rigorosa nos pressupostos teóricos do *Slow Tourism*. De acordo com Guiver e McGrath (2016), o conceito pode apresentar distintas abordagens, conforme demonstra o Quadro 13.

Abordagens	Principais Autores
<b>Destino Turístico</b>	Caffyn (2012), Timms e Conway (2012)
<b>Tipos de alojamento</b>	Matos (2004)
<b>Motivação de viagem</b>	Fullagar, Markwell e Wilson (2012)
<b>Consciência de escolha</b>	Gardner (2009)
<b>Justiça social e Sustentabilidade</b>	McGrath e Sharpey (2016); OhAssaf e Baloglu (2014); Hall (2009)

QUADRO 13: ABORDAGENS DO SLOW TOURISM

FONTE: Elaborado pela autora (2017) com base em Guiver e McGrath (2016).

Fullagar, Markwell e Wilson (2012) enfatiza que, inicialmente, o termo *Slow Tourism* encontrava-se associado às viagens com meios de transporte de baixa emissão de carbono, ou seja, excluindo as viagens aéreas. Contudo, novos elementos foram sendo incorporados ao conceito, especialmente os benefícios sociais e econômicos gerados com o fluxo de turistas lentos ao destino.

Neste sentido, Conway e Timms (2012) destacam as vantagens do *Slow Tourism* como prática capaz de promover o turismo sustentável e o incentivo às iniciativas locais, justamente, por adotar como prática o conceito de desenvolvimento lento e permitir a promoção socioeconômica e a equidade. A presença de tal fator pode caracterizar a inversão sobre a lógica do turismo de massa, que se converte na preocupação com a satisfação do turista a partir do bem-estar da oferta turística. Assim, o *Slow Tourism* está relacionado à disponibilização da lentidão para experiências qualitativas e prazerosas, a partir dos benefícios que o destino pode proporcionar aos interessados (CONWAY, TIMMS, 2010; 2012).

Conway e Timms (2012) justificam estes benefícios utilizando as perspectivas da sustentabilidade econômica e ambiental. Quanto à sustentabilidade econômica, os autores partem do pressuposto que faz referência ao aumento dos multiplicadores locais e das atividades produtivas associadas ao turismo, como o próprio mercado local, a diversificação e a articulação da economia local.

Percebe-se a partir da vida rápida um desenvolvimento rígido, pautado no aumento do fluxo, do tamanho e da escala com foco na produção e consumo. Em alternativa está o crescimento suave que promove melhorias na eficiência qualitativa promovendo o desenvolvimento econômico, e não meramente estimulado para acumulação do capital. Não somente o *slow tourism* como as distintas abordagens do movimento *slow*, primam pelo desenvolvimento dos recursos locais e da melhoria da eficiência a partir dos níveis de produção, consumo e retornos qualitativos (CONWAY, TIMMS, 2012, p. 73, tradução nossa).

Ao que se refere à sustentabilidade ambiental, Conway e Timms (2012) denotam ao *Slow Tourism* um viés de parceria, por compartilhar dos objetivos do ecoturismo de proteção e manutenção da biodiversidade, avançando para a relevância da população local no controle e gestão dos seus recursos. Em síntese, Conway e Timms (2010; 2012) compreendem o *Slow Tourism* como uma prática mais inclusiva de sustentabilidade e convivencialidade, se concentrado em combater a perda do distintivo em relação ao lazer, primando pela sensação de lugar, hospitalidade, descanso e recuperação.

Nesta perspectiva, é possível afirmar que se espera explicitamente do *Slow Tourism* a participação e envolvimento da comunidade local, trazendo maturidade e experiência na prestação do serviço de qualidade, rico em cultura e conhecimento postos pelo seu próprio ritmo de vida, costumes e experiências (CONWAY, TIMMS, 2012).

Em concordância com o fundamental papel do envolvimento local, Parasecoli e Lima (2012) destacam a necessidade de ampliação do debate que englobe a proposta de um novo modelo de turismo que atenda ao *Slow Tourism*. Neste sentido, sugerem como ponto central do modelo a gastronomia sustentável, que conta com a participação crucial da comunidade local.

A gastronomia sustentável é aquela capaz de considerar ingredientes, pratos e práticas, como parte de uma tradição viva que não pode ser isolada por questões mais amplas de desenvolvimento comunitário, incluindo o turismo (PARASECOLI, LIMA, 2012, p. 78, tradução nossa).

Por este ângulo, o turismo gastronômico seria capaz de prover a aproximação entre os turistas e a comunidade local, além de enaltecer os preceitos do *Slow Tourism*.

Afinal, quando comemos, ingerimos o mundo exterior e permitimos que ele entre em nós. Caso comamos produtos locais, fazemos os lugares que estamos visitando uma parte de nós mesmos. É evidente que qualquer abordagem de bolha para o turismo nega aos turistas a possibilidade desta experiência (PARASECOLI, LIMA, 2012, p. 79, tradução nossa).

A partir dos diferentes conceitos apresentados neste capítulo, elaborou-se uma nuvem de palavras<sup>14</sup>, para demonstrar visualmente as categorias comumente apresentadas no conceito do termo.



FIGURA 7: NUVEM DE PALAVRAS A PARTIR DOS CONCEITOS SLOW TOURISM

FONTE: Elaborado pela autora (2017) com base em Gardner (2009) Germann Molz (2009); Staciu (2014); Moore (2012); Mogollón, De Salvo, Di Clemente (2012); Guiver, McGrath (2016); Fullagar, Markwell, Wilson (2012); Conway, Timms (2012).

O que se percebe com a exposição do conjunto de categorias apresentadas a partir dos conceitos do *Slow Tourism* (Figura 07) é que as práticas não são novas e que os debates acerca dos recursos locais, do envolvimento da comunidade local e de experiências qualitativas são a partir dele unificados e trazidos novamente para discussão, somados agora de uma categoria de conotação especial: o tempo lento.

O debate a partir do tempo lento no turismo (LUMSDON, MCGRATH, 2011), deriva do *Slow Food* e de outros movimentos que adotaram o discurso de

<sup>14</sup> Nuvem de palavras é uma técnica de recurso gráfico, para descrever visualmente os termos mais frequentes utilizados em um determinado texto.

desaceleração, como o *Slow City* (KNOX, MAYER, 2006) que valoriza a lentidão como elemento capaz de proporcionar equilíbrio e motivar o consumo lento (HALL, 2009).

A partir dos pressupostos apresentados pelos diferentes conceitos apresentados, definiu-se para este estudo o seguinte conceito de *Slow Tourism*: é a prática de turismo que permeia a sustentabilidade e a convivencialidade e que prima pela relação e pela valorização do lugar e da hospitalidade<sup>15</sup>, tendo como premissa a entrega e o desfrute do tempo para alcance da experiência turística, conforme ilustra a Figura 08.



FIGURA 8: DEFINIÇÃO DE SLOW TOURISM  
 FONTE: Elaborado pela autora (2017).

A convivencialidade, de acordo com Ilich (1976), está atrelada ao conceito de *Slow Tourism* pela valorização das relações pessoais em detrimento das relações minimizadas ao usufruto do produto. Diz respeito, então, ao conhecimento compartilhado, a troca de experiências, ao convívio social proposto pela prática e ao reconhecimento da dependência do outro para o alcance do desfrute e da satisfação. O amplo conceito de sustentabilidade deve, em tal momento, ser restringido às práticas de turismo que tenham condutas socioambientais respeitadas e em equilíbrio com o meio ambiente. A valorização do lugar está relacionada ao reconhecimento do espaço visitado e das relações de identidade e de afetividade

<sup>15</sup> Entende-se por hospitalidade “a múltipla forma de acolhimento, de alianças, da formação de vínculos, como o lado oposto da rivalidade, da competição”. É basicamente receber e acolher o “outro” no seu espaço (BUENO, 2016).

que são enaltecidas a partir da prática dentro dele. E a hospitalidade, aparece para compor o conceito de *Slow Tourism*, devido à preocupação com a sensação de acolhimento e de aconchego.

A partir da definição do conceito percebe-se, nos elementos fundamentais do *Slow Tourism*, a necessidade de aprofundamento a fim de respaldar o desenvolvimento deste estudo, analisados a seguir.

### 3.3.2. Elementos Fundamentais do *Slow Tourism*

Partindo do princípio que o conceito de *Slow Tourism* ainda é recente e que existe uma dificuldade inerente ao seu consenso, se faz relevante reiterar que para a identificação dos elementos fundamentais, tal obstáculo prosseguiu. Neste sentido, reconhece-se que existe a necessidade de ampliar a discussão sobre a essencialidade do *Slow Tourism* a partir da expansão do seu aprofundamento teórico.

De acordo com a construção conceitual de Lumsdon e McGrath (2011), o *Slow Tourism* possui três fatores-chave: lentidão, experiência de viagem e consciência socioambiental. Contudo, através de sua origem, o movimento *Slow Food* contempla teorias como: as de Caffyn (2012) e Parasecoli e Lima (2012), que consideram como elemento imprescindível os sabores, alimentos e bebidas, que representem a tipicidade do local.

Para Mogollón, De Salvo e Di Clemente (2012), existe além da lentidão, experiência de viagem e consciência socioambiental, outro elemento a ser considerado como primordial: a qualidade. Para tais autores, a qualidade é atribuída pela percepção de segurança, de autonomia, tranquilidade e de silêncio, capaz de representar um elo de conversão entre um objeto, tornando-se algo único e insubstituível.

Para este estudo considera-se, para compreensão do *Slow Tourism*, a junção dos elementos fundamentais de Lumsdon e McGrath (2011), Caffyn (2012), Parasecoli e Lima (2012) e Mogollón, De Salvo e Di Clemente (2012), denotando à lentidão maior relevância, pois se acredita que somente a partir dela passa a ser possível unificar os demais elementos e configurar a prática *slow*, conforme representa a Figura 09.



FIGURA 9: ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DO SLOW TOURISM

FONTE: Elaborado pela autora (2017) com base em Lumsdon, McGrath (2016); Caffyn (2012); Parasecoli, Lima (2012); Mogollón, De Salvo e Di Clemente (2012).

A partir da Figura 09 verifica-se a sistematização e representação dos pilares fundamentais do *Slow Tourism*, onde a lentidão é verificada como o ponto central, abarcando e dando sustentação aos demais elementos. Os próximos tópicos debaterão, de maneira abrangente, os elementos fundamentais do *slow tourism*.

### 3.3.2.1. Lentidão

A lentidão encontra-se relacionada a uma percepção crítica do tempo, que se estabelece com um papel fundamental de abrandamento, base da filosofia *slow*. Neste sentido, perpassa a maneira de fazer, que prima pela simplicidade e pelo desligar da vida cotidiana, condizentes com a experiência de viagem (PETRINI, 2001; PETRINI, PADOVANI, 2005; HONORÉ, 2012).

Segundo Carp (2012), os estudos sobre a lentidão estão embasados na teoria da resiliência, sob o enfoque das ciências sociais emergindo para as experiências cotidianas. Continuamente, a autora tece críticas aos avanços tecnológicos e o conseqüente distanciamento das relações humanas por considerar que o próprio corpo humano sofre com as conseqüências de uma vida acelerada e distante do meio natural. Assim, Carp (2012) propõe a lentidão como experiência capaz de reaproximar o corpo com a natureza e estabelecer modificações no modo de agir e de estruturar a vida cotidiana.

A variável de lentidão desempenha um papel significativo na transformação de um sistema: ou seja, além de controlar a resiliência é também parte fundamental para a criação de um novo sistema com novas formas de ação (...) (CARP, 2012, p. 101).

Existem, desse modo, muitas atividades adequadas às práticas de lentidão, tal qual Carp (2012) exemplifica: a agricultura orgânica, a culinária, a arquitetura de restauração, o planejamento urbano, a educação, entre outras, onde se observa, na maioria delas, o envolvimento de processos colaborativos e participativos. Os processos colaborativos aparecem presentes tanto no planejamento quanto na gestão e na política, dando indicativos relevantes de que a transformação, com base na resiliência, possui estreita relação com as ações de cooperação mútua (CARP, 2012).

De acordo com Honoré (2009), o movimento de lentidão está em processo de formação, não tendo uma sede, um *site* ou um partido político que unifique e instrumentalize a sua prática, no entanto, apresenta ações que reafirmam o seu crescimento. Porque são iniciativas espalhadas em todo o mundo, denotando que a lentidão incorpora uma ampla filosofia. Entre as ações apresentadas por Honoré (2009) estão: o Clube da Preguiça, no Japão; a Fundação Longo Agora, dos Estados Unidos e a Sociedade Europeia para a Desaceleração do Tempo.

Retificando o crescimento das ações de lentidão no turismo, para Lumsdon e McGrath (2011), destaca-se que o reconhecimento de tal premissa é antigo e partiu dos estudos sobre motivação de viagem e benefícios psicossociais gerados pela prática, especialmente nos campos da sociologia e da psicologia. No entanto, recentemente o tema passou a ser discutido como fio condutor central e recebeu novas vertentes de discussão, que ultrapassam os benefícios pontuais gerados ao comportamento da demanda e atingem diretamente a forma de organizar e estruturar a oferta turística (LUMSDON, MCGRATH, 2011).

Elegeu-se, desse modo, a lentidão como elemento central por representar o caminho proposto pelo *Slow Tourism*, pois é a partir dela e do reconhecimento do tempo lento que é possível valorizar os modos de fazer e saborear os alimentos (PETRINI, 2001; PETRINI, PADOVANI, 2005; PARASECOLI, LIMA, 2012), respeitar as relações de sustentabilidade do meio socioambiental (CONWAY, TIMMS, 2010; CAFFYN, 2012; DICKINSON *et al*, 2010; GUIVER, MCGRATH, 2016; LARSEN, 2016; HALL, 2012), desfrutar do silêncio (MOGOLLÓN, DE SALVO, DI CLEMENTE,



2012), e entregar-se de forma experiencial (CONWAY, TIMMS, 2010; LANNOY, 2016).

### 3.3.2.2. Experiência

De acordo com Caru e Cova (2003), a experiência está relacionada com a subjetividade atribuída ao processo de construção ou transformação das emoções de uma pessoa. Por este ângulo, o ambiente corporativo, especialmente o marketing apropria-se das teorias da experiência para compreender o comportamento humano em benefício do consumo de bens e serviços que forneçam a conexão entre as experiências e as emoções (BIZINELLI *et al*, 2013).

Pine e Gilmore (1999) elencando os domínios da experiência turística enquadram este processo subjetivo em quatro eixos: entretenimento, aprendizagem, estética e evasão. A linha horizontal determina o nível de participação do consumidor classificando-o como passivo ou ativo, enquanto, a linha vertical classifica o nível de associação do turista frente à experiência, podendo ser denominada como absorção e imersão. Na compreensão de Pine e Gilmore (1999), para a indução a uma experiência completa e inesquecível é fundamental a presença dos quatro domínios da experiência: aprendizagem; entretenimento; estética e evasão, conforme ilustra a Figura 10:

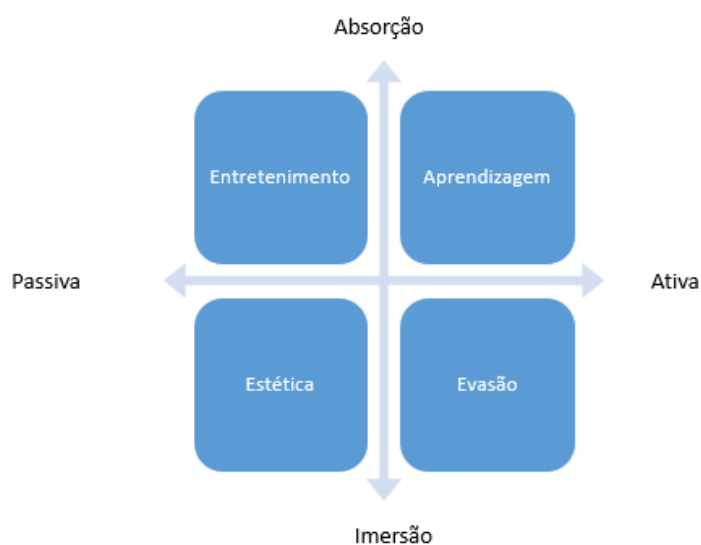


FIGURA 10: DOMÍNIOS DA EXPERIÊNCIA

Fonte: Elaboração própria com base em Pine e Gilmore (1999).

A aprendizagem é uma dimensão que prevê a participação ativa do turista e está relacionada ao conhecimento compartilhado com os visitantes. A evasão está relacionada à necessidade de fazer o cliente se entregar e se tornar imerso naquele momento, naquela oferta, apropriando-se dos sentidos humanos. O entretenimento é o aspecto mais passivo dentro da experiência, relacionado à impressão geral do empreendimento, formatada a partir da qualidade dos serviços e produtos até o sentimento relacionado à acolhida e a segurança. A estética pertence aos elementos capazes de transformar o ambiente de forma convidativa a entrega da experiência, concerne ao cenário envolvente (PINE, GILMORE, 1999).

A experiência no *Slow Tourism* está relacionada com as percepções sentidas pela demanda turística a partir do tempo despendido com os meios de transporte, a gastronomia e a visitação de patrimônios (GUIVER, MCGRATH, TORRINGTON, 2016).

Ao que tange aos meios de transporte, a experiência faz alusão, essencialmente, a escolha do modo de transporte para o deslocamento. Nesse sentido, de acordo com Dickinson e Lumsdon (2010), o avião se resume a priorizar o trânsito rápido sobre o trânsito rico em experiência, realizado por meio de transporte mais lento.

A respeito da visitação de atrativos, Lumsdon e McGrath (2011) esclarecem que a experiência, em tal contexto, está diretamente relacionada com a quantidade de atrativos visitados. Quanto menor a quantidade de atrativos visitados em uma viagem lenta, melhor a qualidade da visitação e, conseqüentemente, maior a experiência e desfrute do *Slow*. A Figura 11 ilustra a relação entre a quantidade de atrativos e a experiência, no *Slow Tourism*.

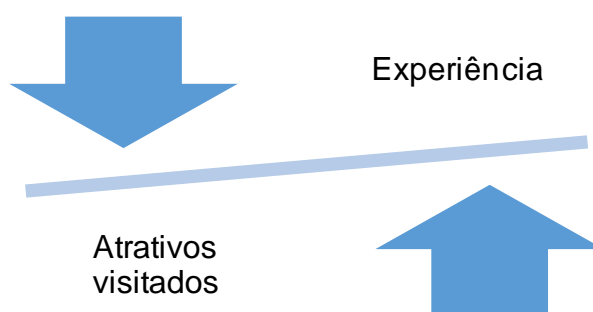


FIGURA 11: RELAÇÃO ENTRE QUANTIDADE DE ATRATIVOS x EXPERIENCIA  
FONTE: Elaborado pela autora (2017) com base em Lumsdon e McGrath (2011).

Corroborando tal colocação, Caffyn (2012) considera que a experiência está associada em realizar conexões lentas e em ser o protagonista da viagem, ou seja, baseia-se em "fazer conexões reais e significativas com pessoas, lugares, alimentos, patrimônio e meio ambiente" (CAFFYN, 2012, p.78, tradução nossa).

Sob a perspectiva da demanda turística, Guiver e McGrath (2016) apresentam a experiência como elemento decisivo na escolha pela prática do *Slow Tourism*. Isto é, a experiência individual está acima de qualquer uma das preocupações inerentes ao *Slow Tourism*, seja a consciência sobre seu impacto, a ética ou as relações socioambientais.

### 3.3.2.3. Consciência Socioambiental

Percebida e discutida a partir dos estudos iniciais desta prática, a consciência socioambiental está presente desde o debate inicial do *Slow Travel* sobre a escolha dos meios de transporte, as formas de deslocamento, a emissão de poluentes na atmosfera e as mudanças climáticas (DICKINSON, LUMSDON, ROBBINS, 2010; LUMSDON, MCGRATH, 2011), até às ações de impacto ambiental e de valorização do patrimônio histórico e cultural e os modos de vida das comunidades tradicionais dos destinos (HALL, 2009; BUCKLEY, 2011; DICKINSON, LUMSDON, ROBBINS, 2010; 2011; STACIU, 2014).

Destaca-se, no entanto, que a relação entre turismo lento e consciência socioambiental é, também, ambígua. Em alguns estudos, como de Dickinson, Lumsdon e Robbins (2010), foi possível identificar que a consciência socioambiental não é o motivo de viagem, mas o caminho a ser percorrido pela sua prática. Ou seja, nos motivos de viagem entre os turistas mais lentos, a tentativa de reduzir os impactos negativos do turismo ou, o contato mais próximo com a comunidade local nos diferentes serviços turísticos, tornam-se fundamentais.

Para Caffyn (2012), o turismo lento, com a sua proposta de maior convívio, pode estar direcionado para a "venda" de destino, como os *slogans* do verde ou eco-destinos, embora reconheça que certamente nesta prática exista aproximação efetiva com as práticas locais de maneira mais sustentável. Guiver e McGrath (2016) concordam que a sustentabilidade e a consciência socioambiental podem ser um

subproduto benigno do turismo lento, mas não a percebem como um motivo de viagem.

O que se evidencia, a partir da análise dos diferentes pesquisadores, é que o *Slow Tourism* incentiva um profundo respeito pelo lugar visitado, uma valorização da sua singularidade e a vontade de se adaptar ao local, em uma lógica distinta da adaptação do local para a demanda turística.

#### 3.3.2.4. Qualidade

A subjetividade presente no conceito de qualidade denota uma grande dificuldade em definir sua dimensão. Por um longo período o conceito esteve fortemente atrelado aos produtos manufaturados, motivando seus estudos para procedimentos e critérios de padronização em contexto industrial (PALADINI, 2010). No setor de serviços, os conhecimentos acerca da qualidade permeiam o gerenciamento da melhoria no atendimento e a satisfação dos desejos do cliente a partir de variáveis como a velocidade, a competência, a flexibilidade, a segurança, o conforto entre outras (CARVALHO, PALADINI, 2012).

É possível perceber uma dificuldade em determinar a qualidade dos serviços, pelos próprios critérios de subjetividade estabelecidos no seu conceito, fato que remete ao cliente certa soberania neste processo (BIZINELLI *et al*, 2013).

Conforme González, Gândara e Brea (2006), a dificuldade de determinação da qualidade dos serviços sobrepõe-se no mercado e na busca incessante pelo conhecimento do cliente, bem como no aprimoramento constante deste conhecimento, segundo os autores são estas as estratégias fundamentais para a oferta de serviços de qualidade, especialmente no turismo.

De acordo com Bizinelli *et al* (2013, p. 353)

A qualidade da experiência turística está centrada nas histórias e experiências vivenciadas. Os empreendimentos devem concentrar as suas ações para que possam proporcionar aos consumidores experiências memoráveis no âmbito emocional, físico, intelectual e espiritual.

Germann Molz (2009) discutiu a qualidade no *Slow Tourism*, sob a perspectiva do visitante e apresenta a problemática central na quantidade de atrativos visitados e a falta de sensibilidade no tocante ao desequilíbrio entre turistas

e destino. Logo, para tal autor é necessário o distanciamento de destinos turísticos com grande fluxo ou com elevado número de oferta de atrativos.

Em concordância, para Bagnoli (2016) a qualidade está explicitamente ligada ao limite. O próprio turista está mais consciente e busca por atividades com baixo impacto ambiental, social e econômico nos seus deslocamentos. Uma viagem inspirada pela filosofia da lentidão remete a responsabilidade e limite exatamente como deseja este novo perfil de turistas. A ideia é consumir o tempo, é saborear o tempo em vez de simplesmente controlá-lo é estabelecer uma relação de intimidade e de aproximação com ele (HONORÉ, 2009; BAGNOLI, 2016).

É possível compreender, portanto, que a qualidade no turismo lento, encontra-se atrelada e caracterizada, de acordo com Mogollón, De Salvo e Di Clemente (2012), pelas possibilidades oferecidas ao turista para o desfrute do tempo e da lentidão. Neste sentido, a segurança, a privacidade, o silêncio e a autonomia são compostos relevantes, pois exprimem a qualidade e são capazes de atribuir a devida valorização do tempo (GERMANN MOLZ, 2009; MOGOLLÓN *et al*, 2012).

#### 3.3.2.5. Sabores

Os “Sabores”, aqui considerados essenciais ao *Slow Tourism*, são atribuídos aos elementos relacionados à experiência alimentar. De acordo com Perullo (2013), a experiência gustativa está associada a experiência alimentar a partir do prazer, da sabedoria e do conhecimento. O acesso à experiência alimentar é capaz de promover uma atitude que se define como sabedoria do paladar, uma capacidade perceptiva que conquista as variáveis da experiência e as combina em um sentimento consciente e de satisfação (PERULLO, 2013).

Desta forma, considera-se que a experiência alimentar não, necessariamente, é uma experiência de construção, mas de acolhimento, pois, “é possível experimentar apenas desfrutando ou apenas conhecendo, é possível sentir um prazer quase instantâneo como um prazer meramente intelectual pelo alimento saboreado” (PERULLO, 2013, p. 179).

Entre os temas comuns relacionando o *Slow Tourism* a partir dos Sabores, revela-se a importância de diferentes sentidos para se apreciar o destino de maneira lenta, onde os sabores apresentam-se de forma primária, bem como são

considerados uma maneira de se absorver a cultura e desfrutar do lugar de forma prazerosa (LUMSDON, MCGRATH, 2011; SMITH, 2012, PARASECOLI, LIMA, 2012).

Considerando que é uma integração bastante complexa, vale ressaltar que este estudo não tem a intenção de aprofundar as discussões sobre a perspectiva da experiência alimentar, mas considera fundamental o seu reconhecimento para a sua interpretação.

Destaca-se, ainda, que embora se apresente os cinco elementos fundamentais do *Slow Tourism*, é necessário almejar a sua compreensão de maneira ampla. Neste sentido, enfatiza-se que existem inúmeras categorias que fornecem subsídios para a sua discussão, indicativos de pesquisas futuras mais aprofundadas. No entanto, buscou-se observá-lo a partir das dinâmicas sociais, analisando tal fenômeno enquanto reprodução social, capaz de interferir de maneira qualitativa na instrumentalização da oferta e da demanda turística.

### 3.4. CASOS EMBLEMÁTICOS DO *SLOW TOURSIM*

Demonstrar de que maneira o *Slow Tourism* acontece, nas mais diversas localidades, é o principal objetivo do presente capítulo. Contudo, não há a intenção de enaltecer nenhum dos casos, tampouco de analisar detalhadamente a sua exposição, porém tem-se o intuito de demonstrar a efetividade de práticas que apresentem como premissa a lentidão, as quais se encontram espalhadas em todo o mundo e que, de certo modo, receberam reconhecimento científico.

Para eleição dos casos descritos, utilizou-se, sobretudo, a Pesquisa Bibliométrica Sistemática,<sup>16</sup> realizada mediante o uso do termo *Slow Tourism* em quatro bases de dados de produção científica mundial, as quais: Periódico CAPES, *Research Gate*, *Web of Science*, *Redalyc*, *Scopus* e Publicações de Turismo, para tal empregou-se como recorte temporal o período de 2010 a 2016, empregando-se como palavras chave “*slow tourism*” e turismo lento. Em tal contexto, cabe ressaltar,

---

<sup>16</sup>A Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS) ou Systematic Literature Review (SLR) é uma técnica para localizar e sintetizar a literatura, permitindo que outros pesquisadores façam o uso dos resultados com maior confiabilidade (ALBACH, 2015).

sobretudo, que pesquisas complementares foram necessárias, devido à contemporaneidade da temática.

A partir deste levantamento expõem-se, no Quadro 14, os casos descritos cientificamente, sob a perspectiva da oferta turística. Os artigos científicos que apresentaram casos descritivos, no âmbito das motivações de viagens e comportamento do consumidor não foram considerados para esta etapa. Optou-se por descrever os casos que apresentam a oferta comercial do *slow*, sob a perspectiva do empreendimento turístico pela similaridade com os objetivos propostos nesta dissertação.

Tipo de Turismo	Título	Autor
<b>Turismo Comunitário</b>	Re-branding alternative tourism in the Caribbean: The case for “slow tourism”	CONWAY, D; TIMMS, B, 2010.
<b>Turismo Gastronômico</b>	Experiências com a gastronomia local: um estudo de caso sobre o movimento Slow Food e o turismo gastronômico na cidade de Recife - PE	MARTINS, U; GURGEL, L; MARTINS, J, 2016.
<b>Turismo de Aventura</b>	Nordic Slow Adventure: Explorations in Time and Nature	VARLEY, P; SEMPLE, T, 2015.

QUADRO 14: APROXIMAÇÃO COM OUTRAS PRÁTICAS DE TURISMO

FONTE: Elaborado pela Autora (2017) com base em Conway, Timms (2010); Martins, Gurgel, Martins (2016); Varley, Semple (2015).

A partir da identificação dos casos descritos pela pesquisa sistemática, verificou-se que as práticas avaliadas cientificamente, possuem associação a outros tipos de turismo, conforme demonstra o Quadro 08. A partir de tal premissa descrevem-se, a seguir, os casos emblemáticos que, de certo modo, podem ser considerados relevantes, desde uma perspectiva da oferta turística *slow* no contexto mundial.

#### 3.4.1. Turismo Comunitário

O turismo comunitário de acordo com Sampaio (2005) é aquele estruturado a partir das condições da comunidade para atender suas próprias necessidades, o que geralmente se dá em áreas ambientalmente sensíveis ou protegidas. Em conformidade para Coriolano (2013) o turismo comunitário é o turismo desenvolvido de forma associativa a partir dos arranjos produtivos locais e realizado para atender as necessidades dos próprios moradores. Assim, com base nas definições do turismo comunitário de Sampaio (2005) e Coriolano (2013), considera-se que

estamos diante de uma prática fundamentalmente associada a participação da comunidade, da cooperação e do associativismo.

A associação do turismo comunitário com o *Slow Tourism* é discutida e apresentada por Conway e Timms (2012), no artigo científico que tem como objetivo apresentar qualitativamente a prática do *Slow Tourism* enquanto um gênero progressivo de turismo alternativo, em locais remotos do Caribe. Na percepção dos autores, esta seria uma alternativa de uma nova forma de turismo que, de certo modo, promove a identidade de forma progressiva e inclusiva.

De acordo com Conway e Timms (2012), o turismo comunitário é aquele estruturado com base nos preceitos e desejos da comunidade local, respeitando os seus limites e não ultrapassando o seu bem-estar. A partir deste entendimento, os autores descrevem a maneira que o turismo comunitário se desenvolve em *Treasure Beach*, região Sudoeste da Jamaica, localizada conforme apresenta Figura 12.



FIGURA 12: LOCALIZAÇÃO DE TREASURE BEACH

FONTE: Elaborado pela autora (2017) com base no Google Maps (2017).

Treasure Beach é uma região composta por uma série de pequenas aldeias de pescadores, distante aproximadamente duas horas do aeroporto de *Montego Bay*, sua costa norte é banhada por um mar azul e areias brancas. Logo, tal localidade é relegada a praias de areias marrons e grande volume de pequenos barcos pesqueiros (CONWAY, TIMMS, 2012).

Dentro de tais possibilidades, a região realiza uma prática de turismo, que no entendimento de Conway e Timms (2012), caracteriza-se como *Slow Tourism*. Os autores ponderam que o seu principal atrativo são os modos de vida local, que inclui



hospedagem em casas locais e o convívio com as diferentes práticas de pesca e rotina com os afazeres agrícolas, os quais os moradores estão habituados a realizar. Assim, o foco da visita a *Treasure Beach* é o experimentar e interagir com a comunidade local, sendo que todo o dinheiro arrecadado com o turismo é revertido para a própria comunidade (CONWAY, TIMMS, 2012).

A organização e gestão da atividade são realizadas em parceria com uma organização não governamental de desenvolvimento comunitário, chamada *BREDS* – *Treasure Beach Foundation*. A organização surgiu em 1998, e é dirigida por membros da comunidade para benefício próprio, seu principal instrumento de divulgação e arrecadação baseia-se em um portal de *internet* que reúne os projetos, divulga os eventos comunitários, além de arrecadar e cadastrar novos voluntários (BREDS, 2017). Em relação ao projeto de turismo comunitário, a organização motivou a criação de um site, denominado *Treasure Beach*<sup>17</sup>, para a divulgação dos atrativos da região, bem como a organização das poucas hospedagens e disponíveis (TREASURE BEACH, 2017).



FOTO 1: VILA DE PESCADORES EM TREASURE BEACH.  
FONTE: Retirado de Treasure Beach (2017).

O portal de comunicação foi criado em 2000, depois de um furacão que devastou a região, com o objetivo principal de reconstruir as áreas devastadas e fornecer subsídios de sobrevivência básica a comunidade. Desta forma, os moradores perceberam no turismo mais uma alternativa de renda e possibilidade de

<sup>17</sup> Disponível em <[www.treasurebeach.net](http://www.treasurebeach.net)>. Acesso em 25/04/2017.

permanecer sem deixar a região. A partir da análise do *website* é possível conhecer a história da região, acessar os modos de vida local, visualizar uma ampla galeria de fotos, além de se comunicar com outros visitantes e com a própria comunidade, em um fórum de comentários (TREASURE BEACH, 2017). De acordo com Conway e Timms (2012), para manter a essência de comunidade muitas informações e a própria comunicação entre os moradores são instrumentalizadas dentro deste portal.

A presença na *internet*, a tecnologia da informação e a promoção turística, foram importantes elementos no desenvolvimento comunitário de *Treasure Beach*, uma vez que facilitaram o envolvimento da comunidade no desenvolvimento do turismo lento. Logo, são essas sinergias que tornam o conceito de turismo lento um poderoso descendente da concepção sobre o novo turismo, reformulado para a era moderna (CONWAY, TIMMS, 2015).

#### 3.4.2. Turismo de Aventura

O artigo de Varley e Semple (2015) contribui para o *Slow Tourism*, empregando como referência o turismo de aventura nos países nórdicos<sup>18</sup>. Em um primeiro momento, os autores, em seu trabalho, apresentam as características do turismo de aventura, depois se concentram na importância das dimensões de viajar ao ar livre, discutindo o conceito escandinavo de *friluftsliv*<sup>19</sup> e sua aproximação com os pensamentos decorrentes dos movimentos do *Slow Food* (VARLEY, SEMPLE, 2015).

---

<sup>18</sup> Países nórdicos referem-se aos países da região norte da Europa, composto por Noruega, Suécia, Finlândia, Islândia e Dinamarca. Caracterizada por regiões montanhosas de clima frio onde a prática de esportes em meio às montanhas é característica. A região também se destaca pelos altos índices de Desenvolvimento Humano, de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, relatório que combina: expectativa de vida, anos médios de estudo e padrão de vida per capita (PNUD, 2017).

<sup>19</sup> Termo utilizado para designar prática de lazer ao ar livre e em contato com a natureza, especialmente utilizado na Noruega e países nórdicos.



FIGURA 13: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA REGIÃO NÓRDICA  
 FONTE: Elaborado pela autora (2017) com base em Google Maps (2017).

A partir do aporte apresentado pela filosofia *Slow Food*, os autores realizam suas análises ao apresentar os elementos essenciais do turismo de aventura *slow*.

(1) Transformação: descoberta do "verdadeiro eu"; (2) Descoberta: o resultado final de exploração e a saída da zona de conforto; (3) profundo apreço: apreciando algo maior, algo mais do que atemporal que nossos encontros cotidianos; (4) Engajamento: para além de um encontro passivo para algo que é ativo, as pessoas de se envolver com diferentes origens, culturas e visões de mundo; (5) Teia da Vida: ver a nós mesmos como parte de uma rede interconectada da natureza; (6) Algo real: algo que só pode realmente ser experimentado por estar lá e (7) Legado: passando sobre as histórias, ideias e crenças (EASTO, WARBURTON, 2010 *apud* VARLEY, SEMPLE, 2015, p. 75).

A partir das premissas destacadas, Varley e Semple (2015) tecem suas críticas sob o formato do turismo de aventura que, de certo modo, se desenvolve no limiar entre a catástrofe e a adrenalina, por ignorar o potencial experiencial dentro de um contexto mais amplo.

Com a análise dos elementos essenciais do turismo de aventura, percebe-se que esta prática requer um compromisso alto do participante, principalmente no que diz respeito ao tempo e ao desejo de entrega. De acordo com Varley e Semple (2015), a disposição de tempo do turista é o ponto principal para permitir que o processo de imersão no ambiente natural decorra de forma completa. Assim, a duração e o ritmo compassivo são ingredientes fundamentais do turismo de aventura – *slow*.

De acordo com Varley e Semple (2015) atributos tais como: a qualidade da convivência, a tradição, a autenticidade, a experiência e a conexão entre pessoas e lugar, além da exploração do tempo prolongado, são essenciais. Pode-se considerar, portanto que o turismo de aventura *slow*, relaciona-se com as formas de aventura que partilham de muitos dos principais valores do movimento de lentidão, como a convivialidade, a valorização das relações com o lugar e a própria experiência.

Para enaltecer seus estudos, Varley e Semple (2015) descrevem uma das práticas que consideram abranger os padrões do turismo de aventura *slow* da região, sendo a qual um empreendimento hoteleiro único e diferenciado, denominado *Hotel Spruce*. Cabe ponderar que trata-se de um hotel itinerante que percorre áreas protegidas da Noruega, com o objetivo de oferecer uma hospedagem baseada no lazer, no convívio com a natureza – *friluftsliv* e na experiência. O empreendimento dispõe de atividades de aprendizagem, partilha e de contemplação ao ar livre. Os valores cobrados pela diária incluem o pernoite ao ar livre em sacos de dormir, as refeições, a convivência com o guia local e a experiência de contato intenso com o meio natural (HOTEL SPRUCE, 2017).



FOTO 2: ACAMPAMENTO OFERECIDO PELO HOTEL SPURCE  
FONTE: Retirado de Hotel Spruce (2017)

A noção aparente do paradoxo entre o turismo de aventura convencional e o *slow*, de acordo com Varley e Semple (2015), pode ser observada a partir do apelo comercial. Pois, enquanto uma busca comercializar a excitação, a adrenalina e a competitividade, o outro propõe as dificuldades e benefícios da vida ao ar livre e a experiência a partir do contato com a natureza e o desprendimento do tempo. Assim,

É a passagem do tempo durante a viagem que apresenta a perspectiva multirrelacional, é o tempo sendo sentido pela luz e pela escuridão, pelas oscilações da maré, pelas condições meteorológicas. É o tempo percebido pelo cansaço, pelo sono, pelo esforço, pela recompensa da paisagem, da história, do patrimônio e tradição (IGNOLD, 2010 *apud* VARLEY, SEMPLE, 2015, p. 82).

O turismo de aventura *slow* está próximo de uma perspectiva multirrelacional entre tempo, natureza, corpo em movimento e interação a partir das experiências e significados ofertados pela própria natureza, onde o tempo é um componente inevitavelmente experiencial (VARLEY, SEMPLE, 2015).

### 3.4.3. Turismo Gastronômico

De acordo com o Relatório Global da Organização Mundial do Turismo sobre o Turismo Gastronômico 88,2% dos destinos turísticos do mundo consideram a gastronomia um elemento estratégico na definição de sua imagem e sua marca. O turismo gastronômico tem-se revelado particularmente importante para o turismo. Não só porque o alimento e a bebida são o ponto central de qualquer experiência turística, mas também porque o conceito de turismo gastronômico evoluiu para abranger práticas culturais e incluir no seu discurso os valores éticos e sustentáveis do território, da paisagem, do mar, da história local, valores e patrimônio cultural (UNWTO, 2017).

Segundo Gândara, Gimenes e Mascarenhas (2009, p. 181) o turismo gastronômico é “uma vertente do turismo cultural no qual o deslocamento de visitantes se dá por motivos vinculados às práticas gastronômicas de uma determinada localidade”. Incorporando os valores tradicionais de respeito pela cultura, pela tradição, autenticidade e sustentabilidade.

O turismo gastronômico pode representar uma oportunidade para revitalizar e diversificar o turismo, promover o desenvolvimento econômico local, a partir do envolvimento de muitos setores profissionais e contribuir para a promoção e preservação das tradições e diversidades locais preservando as autenticidades (UNWTO, 2017).

É possível, portanto, considerar que o turismo gastronômico está aliado a uma prática dinâmica, capaz de prover a preservação do passado, a partir da

culinária e do patrimônio cultural intangível que envolve os alimentos desde o cultivo até o preparo.

O reconhecimento do turismo gastronômico como fonte de preservação do passado, não exime a esta prática a sua relevância frente o futuro de destinos. De acordo com UNWTO (2017) os viajantes estão cada vez mais experientes e em busca de degustação intensa capaz de promover a experiência, a aprendizagem e a imersão em novas culturas, o que coloca neste sentido o alimento, os sabores a mais instintiva e imersiva riqueza de experiências únicas.

A relação entre o *Slow Tourism* e o turismo gastronômico, é apresentada por Martins, Gurgel e Martins (2016) em um artigo científico que analisa os atrativos turísticos organizados pelo movimento *Slow Food* de Recife, Pernambuco, em parceria com uma agência de viagens. Dentre os passeios descritos estão um roteiro urbano, que visita os mercados tradicionais dentro da cidade e um roteiro até uma fazenda de café, na região de Taquaritinga do Norte, aproximadamente 200 quilômetros de distância de Recife (MARTINS *et al*, 2016).

O roteiro urbano apresenta como objetivo visitar os mercados populares da cidade, Mercado Público de São José, Mercado Público da Boa Vista e Mercado Público da Madalena. Por se desenvolver no centro da cidade oportuniza ainda a visita a vários atrativos relacionados ao patrimônio histórico e cultural da cidade. Neste roteiro os participantes conhecem os produtos tradicionais da região, são encorajados a provar os diferentes sabores e degustam da culinária típica da cidade.



FOTO 3: PRODUTOS TRADICIONAIS COMERCIALIZADOS NOS MERCADOS VISITADOS  
FONTE: SLOW FOOD RECIFE (2014 *apud* MARTINS *et al*, 2016).

O roteiro Saboreando o Café é desenvolvido em uma fazenda de café orgânico na região de Taquaritinga do Norte e é acompanhada por um barista, demonstrando todo o processo de produção e preparo do grão, desde a planta no pé até a degustação do café.



FOTO 4: VIVÊNCIAS NA FAZENDA DE CAFÉ  
 FONTE: SLOW FOOD RECIFE (2014 *apud* MARTINS *et al*, 2016).

As experiências apresentadas na pesquisa têm como objetivo principal a valorização dos produtos locais e a preservação cultural a partir da gastronomia. Desse modo, a instrumentalização dos roteiros ocorre a partir de um número mínimo de interessados, sob a responsabilidade da agência de viagens, que contrata os serviços terceirizados necessários para a execução do roteiro, além de entrar em contato com os produtores locais para poder ajustar os detalhes da visita. Importante destacar que a agência conhece os preceitos do *Slow Food* e trabalha exclusivamente em passeios condizentes com tal filosofia (MARTINS *et al*, 2016).

De acordo com Martins *et al* (2016), o turismo gastronômico permite perceber que a motivação do turista se encontra atrelada ao contexto de viver experiências com a gastronomia do destino visitado. O que abrange uma visita aos produtores de alimentos, eventos e festivais de gastronomia, restaurantes e locais específicos para a prova de alimentos.

Os autores destacam, ainda, que o turismo gastronômico pode ter uma contribuição significativa no processo de valorização do local, como uma resposta ao aumento da concorrência no contexto global. Porque, o interesse pelos produtos locais aponta não só para manutenção da diversidade do patrimônio, mas também reforça a identidade cultural local e o orgulho da comunidade (MARTINS *et al*, 2016).

Com a apresentação dos casos emblemáticos de destaque na pesquisa em contexto mundial, prossegue apresentando a interpretação dos dados coletados na

pesquisa empírica em contexto local, a partir do oferecimento dos elementos de identificação pelas vinícolas do Polo de Enoturismo da Região Metropolitana de Curitiba.



#### **4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE**

Segundo Creswell (2010), toda técnica para a análise e interpretação de dados pode ser considerada como uma metodologia de interpretação sistematizada em processos que apresentam como objetivo principal a extração de dados e informações.

A etapa de coleta de dados foi realizada a partir de observação participante qualitativa assistemática (CRESWELL, 2010; RICHARDSON, 2011), com anotações livres do pesquisador e através de entrevistas gravadas em áudio e posteriormente transcritas integralmente. Toda a pesquisa empírica foi organizada de acordo com os critérios da análise empírica, representadas no Quadro 05, e confrontadas com os conteúdos teóricos equivalentes. Conforme destaca Gibbs (2009), pode-se atribuir a credibilidade da pesquisa a partir da confrontação de quadros teóricos, que permitem a interpretação a partir de uma análise comparativa, denotando um alto grau de reflexividade.

Em concordância a tal premissa Flick (2004) destaca a relevância de determinada bagagem teórica para a utilização da análise de conteúdo. Pois, é uma das técnicas conhecidas como clássica e é muito utilizada na interpretação de material textual, independente da sua fonte ou origem, sendo capaz de dar sentido ao texto (FLICK, 2004).

Com o objetivo de validar a escolha dos instrumentos metodológicos, bem como dos critérios de análise desenhados, optou-se pela realização de um pré-teste, aplicando a observação participante e a entrevista, descritos na sequência.

##### **4.1 PRÉ-TESTE DO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**

O objetivo do pré-teste é de reformular, se necessário, os instrumentos de coleta de dados, para se garantir a efetividade da pesquisa (FLICK, 2004; CRESWELL, 2010).

Sendo assim, realizou-se a observação participante e a entrevista na Vinícola Legado, localizada na Avenida Engenheiro Raul Azevedo de Macedo, 5.800, no município de Campo Largo, RMC. Esta vinícola pertence ao Polo de

Enoturismo, porém não possui restaurante com atendimento regular ao público, sendo esse o motivo de não pertencer à esta pesquisa, enquanto objeto de estudo.

Com a realização do pré-teste foi possível verificar que os objetivos da pesquisa estavam em consonância com os critérios de análise. No entanto, foi necessário prover pequenos ajustes na composição dos itens. Com a observação foi reafirmada que a motivação principal do deslocamento até as vinícolas está diretamente atrelada à degustação do vinho e em torno dele existem outros elementos que perpassam a relação gastronômica de forma significativa, enaltecendo o critério Sabores e Lentidão.

Na vinícola Legado, não há restaurante com funcionamento regular, mas existem projetos com essa previsão. A vinícola continuamente promove eventos para atrair o público e contam com a oferta em determinadas épocas do ano, de *picnic*, serviço que permite que o visitante leve os alimentos que quer consumir no local, condicionando o desfrute ao consumo dos vinhos da Vinícola Legado (MARCON FILHO, 2017<sup>20</sup>).



FIGURA 14: FOLDER DE DIVULGAÇÃO - VINÍCOLA LEGADO  
 FONTE: VINÍCOLA LEGADO (2016).

Em consequência, verificou-se, também, a relevância de manter os mesmos critérios de análise, tanto para a observação participante quanto para a entrevista

<sup>20</sup> MARCON FILHO, J. Enólogo e gestor da vinícola Legado. Entrevista. Campo Largo, 2017.

semiestruturada, justamente por fornecer subsídios de análise mais coerentes para confrontação dos dados levantados.

## 4.2. OBSERVAÇÃO E ENTREVISTAS

Os dados empíricos foram coletados primeiramente a partir de uma rodada de observação participante qualitativa assistemática e posterior realização das entrevistas semiestruturadas. De posse das informações optou-se pela análise e interpretação de maneira conjunta, onde se apresentam as observações realizadas em forma de relato e imagens complementando quando oportuno com as falas dos entrevistados, utilizando como referência central os critérios de análise definidos na metodologia.

### 4.2.1. Breve Contextualização das Vinícolas

Para elucidar a apresentação e a interpretação dos dados levantados, realiza-se uma breve contextualização das vinícolas investigadas na pesquisa.

#### ➤ **Vinícola Araucária**

Está localizada em São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba e iniciou suas atividades em 2007, tendo como objetivo ideológico produzir vinhos finos e demonstrar que Curitiba e Região possuem condições de produzir vinhos de excelência, assim, como outras regiões do país. A ideia principal do empreendimento está em valorizar os produtos e o potencial de Curitiba e do Paraná em ser um grande produtor de vinho (ADUR, 2017<sup>21</sup>). O projeto conta com: o cultivo de uvas viníferas, a produção do vinho; o restaurante Galha Azul, área de lazer e chalés para hospedagem, ainda em construção. Segundo Adur<sup>22</sup> (2017) o empreendimento é gerido por um grupo de empresários que estão satisfeitos com o retorno dos investimentos.

---

<sup>21</sup> ADUR. Entrevista concedida para a realização da pesquisa. Curitiba. 2017.

➤ **Cave Colinas de Pedra**

A Cave Colinas de Pedra encontra-se localizada em Piraquara, região metropolitana de Curitiba e inaugurou suas atividades em 2015, com a maturação de espumantes elaborados no Rio Grande do Sul. O processo de descanso e complexidade da bebida é executado em um túnel ferroviário desativado construído em 1883. A Cave além do túnel de maturação, conta com restaurante para até 60 pessoas e área de lazer. O empreendimento é gerido pelo proprietário e sua família.

➤ **Vinícola Franco Italiano**

É a mais antiga dentre as vinícolas analisadas, localiza-se em Colombo, região metropolitana de Curitiba, foi fundada em 1973, por Dirceu Rausis, imigrante francês e sua esposa Ivone, imigrante italiana. O casal deu origem à produção de vinhos coloniais na região assim que se instalaram e com as inovações tecnológicas e a contribuição da nova geração passaram a adaptar sua produção para vinhos finos e, atualmente contam com a comercialização de vários rótulos além de restaurante com capacidade para 130 pessoas.

#### 4.2.2. Resultados da Observação

A observação foi registrada por meio de anotações livres e fotografias, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, empregando a análise de conteúdo. De acordo com Richardson (2011, p. 224) “análise de conteúdo trata-se de compreender melhor um discurso, de aprofundar suas características e extrair os momentos mais importantes”.

A intenção principal desta etapa era de vivenciar os serviços oferecidos nas vinícolas e verificar o uso e a disponibilização dos elementos fundamentais do *Slow Tourism* por parte dos empreendimentos. Outras questões naturalmente constituíram a observação, como: o perfil do público, a infraestrutura básica ao turista, o acesso, os produtos com maior consumo e a forma de relacionamento entre os funcionários e clientes.

Todas as observações ocorreram no mês de janeiro de 2017 e foram conduzidas de maneira livre e espontânea, não tendo um roteiro rígido pré-estabelecido a ser seguido, tampouco era do conhecimento dos empreendimentos que a observação acontecia - colocando desta forma, a pesquisadora no papel de consumidora, assim como os demais clientes. Em concordância, Richardson (2011) complementa que o método da observação, naturalmente traz a responsabilidade da técnica para o observador, que é o responsável em refletir sobre os processos e, posteriormente sistematizá-los enquanto o objeto estudado fica sujeito à passividade, ou seja, não demanda a ele nenhum esforço além do que o natural da sua atividade.

Desta forma, em todas as observações buscou-se manter a mesma postura de consumidora, buscando perceber os elementos *slow* e participando ativamente de todas as etapas e processos em que o turista está sujeito, com o olhar atento para o desligamento e entrega ao desfrute do tempo lento.

As entrevistas foram realizadas com os proprietários/gestores das vinícolas sendo conduzidas de maneira informal, sem perguntas fechadas, o que trouxe maior grau de liberdade para que o entrevistado falasse livremente sobre o empreendimento. Verificou-se que esta técnica de entrevista não estruturada fornece respostas em profundidade e permite certo grau de detalhamento das questões levantadas, remetendo a necessidade de postura objetiva por parte do entrevistador, para que as informações não se dispersassem durante a conversa.

O relatório da observação e a análise das entrevistas estão organizados pelos elementos fundamentais do *Slow Tourism*, contendo trechos em narrativa, para exprimir com fidelidade as percepções adquiridas durante o processo e trechos transcritos das entrevistas.

#### 4.2.2.1 Lentidão

A lentidão, como critério de análise, está diretamente atribuída à disposição dos processos lentos para o desfrute do turista. Neste sentido, o tempo de permanência e a velocidade nos processos dispostos foram os elementos de relevância na observação deste critério.

A partir da discussão histórica no conceito de *Slow Tourism*, a prática lenta se associa à distância percorrida entre origem e destino assim como a consequente

escolha dos modais de transporte (DICKINSON, LUMSDON, 2010). Desta forma compreende-se que o tempo gasto com o deslocamento até as vinícolas deva ser considerado. Para esta análise tomou-se como referência a Praça Santos Andrade na região central de Curitiba para estimar o tempo gasto do centro da cidade até cada uma das vinícolas, as estimativas apresentadas nas figuras foram realizadas considerando o tráfego normal de sábado próximo às 11 horas da manhã, utilizando-se o *website GoogleMaps*.

Para chegar até a Vinícola Araucária, conforme demonstra a Figura 15 estimou-se cerca de 1 hora de carro.

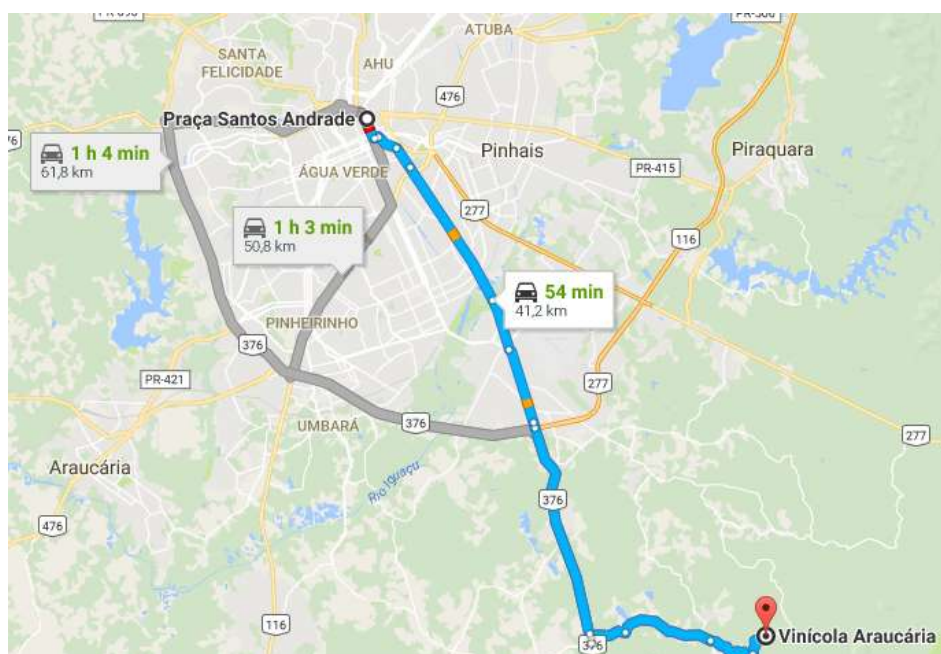


FIGURA 15: ESTIMATIVA DE TEMPO PARA VINÍCOLA ARAUCÁRIA  
 FONTE: Elaboração própria, com base em Googlemaps (2017).

De acordo com Larsen (2016) existe um argumento implícito feito pelo turista que associa o tempo gasto no trânsito a menos tempo de férias e de descanso e que existe, neste sentido, uma associação com a questão da frequência no destino. Assim, quanto menor a distância entre a origem e o destino, mais qualitativa seria a viagem e o descanso.

*No trajeto de Curitiba até a Vinícola Araucária, existe pavimento asfáltico em todo trecho, com sinalização visível e bem conservada desde a BR 376, no sentido Curitiba – Joinville. O bom estado das estradas de acesso poderia oportunizar a utilização de outros modais de transporte, como a bicicleta. No dia da visita não*

*havia nenhum visitante utilizando a bicicleta, embora os funcionários relatassem que frequentemente grupos de visitantes utilizam deste modal e que aconteceu um evento regional reunindo grande número de ciclistas na vinícola (A AUTORA, 2017<sup>23</sup>).*

De acordo com Fullagar *et al* (2012), o turismo de eventos ciclísticos deve ser considerado como uma possibilidade particular de *Slow Tourism*.

Um evento ciclístico é uma jornada incorporada que cria uma relação temporal diferente com os lugares e culturas locais; O contexto coletivo de uma excursão em grupo oferece um sentimento de convívio e os participantes negociam seu desejo de mobilidade e experiência de viagem de forma mais natural (FULLAGAR, 2016, p. 100, tradução nossa).

A mobilidade é parte integrante do turismo lento por considerar a necessidade da utilização de meios de transporte mais limpos, como os ônibus, bondes, trens e bicicletas, que além de permitir diferentes escalas de envolvimento com a comunidade e com a paisagem, são emissores zero de carbono (DICKINSON, LUMSDON, 2010; DICKINSON, LUMSDON, ROBBINS, 2011; FULLAGAR, 2012). Neste sentido, Dickinson e Lumsdon (2010) enaltecem o uso da bicicleta reconhecendo-a como uma alternativa viável e conciliadora do *Slow Tourism*, com os problemas climáticos.

*Para chegar até a Cave Colinas de Pedra, apesar da distância ser menor, o trajeto conta com um trecho em estrada de chão, além de um trecho sinuoso, exigindo uma velocidade menor e maior cautela no percurso (A AUTORA, 2017), conforme demonstra a Figura 16.*

---

<sup>23</sup> Narrativa da Autora (2017).

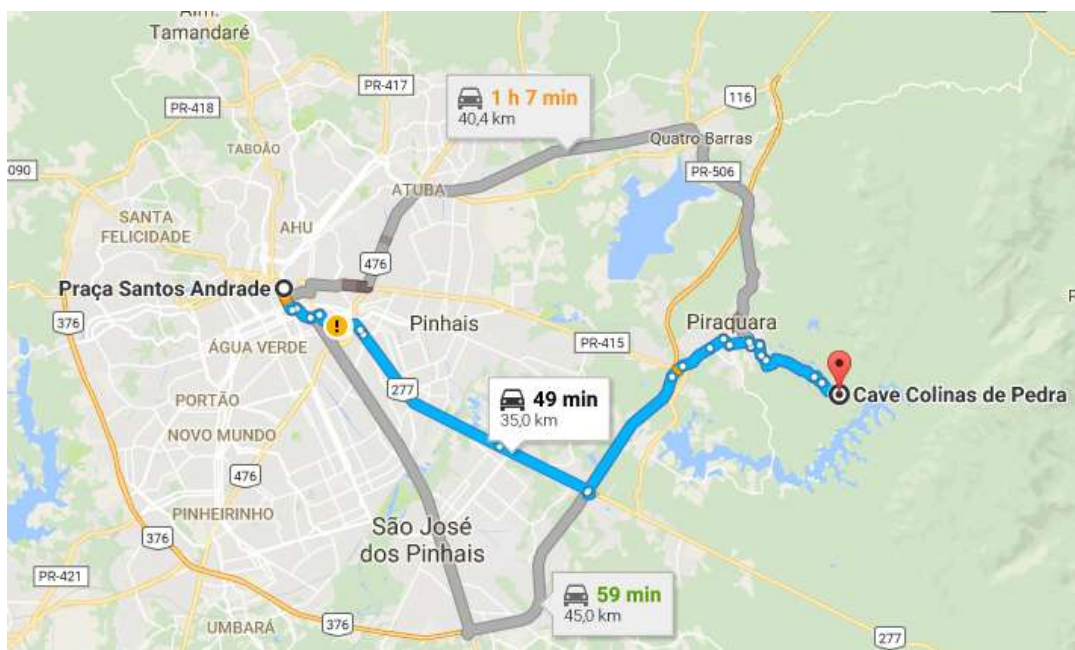


FIGURA 16: ESTIMATIVA DE TEMPO PARA CAVE COLINAS DE PEDRA  
 FONTE: Elaboração própria, com base em googlemaps (2017).

*Além do modo rodoviário de chegada a Cave, os visitantes podem optar pelo taxi aéreo. A Cave disponibiliza de forma terceirizada os serviços de um taxi aéreo de helicóptero para clientes que desejem este transporte. Segundo os relatos do gestor do empreendimento, é uma prática comum entre os consumidores, no entanto, no dia da visita não acompanhamos nenhum voo (A AUTORA, 2017).*

Conforme explica Lannoy (2016), existe uma extensa discussão sobre a utilização dos meios de transporte no *Slow Tourism*. Enquanto uma corrente mais radical condena a utilização de modais com altos índices de emissão de carbono como o aéreo (DICKINSON, LUMSDON, 2010), outros defendem a ampliação mais democrática deste uso, quando não há outras formas de chegar ao local, ou ainda quando se faz necessária a combinação para oportunizar maior tempo no destino. No entanto, ambas atribuem a responsabilidade sobre as escolhas ao consumidor, que deve refletir sobre as suas práticas de viagem com respeito ao meio ambiente e a maior interação com o meio. Neste sentido, Dickinson (2009), destaca que no turismo lento o meio de transporte deve ser considerado parte da experiência da viagem.



O trajeto para a Vinícola Franco Italiano é o mais rápido. O tempo médio de deslocamento durante o fim de semana é de 30 minutos, conforme a Figura 17. A estrada tem grande fluxo e é praticamente toda urbanizada existe apenas um pequeno trecho de estrada de chão, mas em boas condições e conta com muitos comércios, dando a sensação de estar localizada no meio urbano (A AUTORA, 2017).

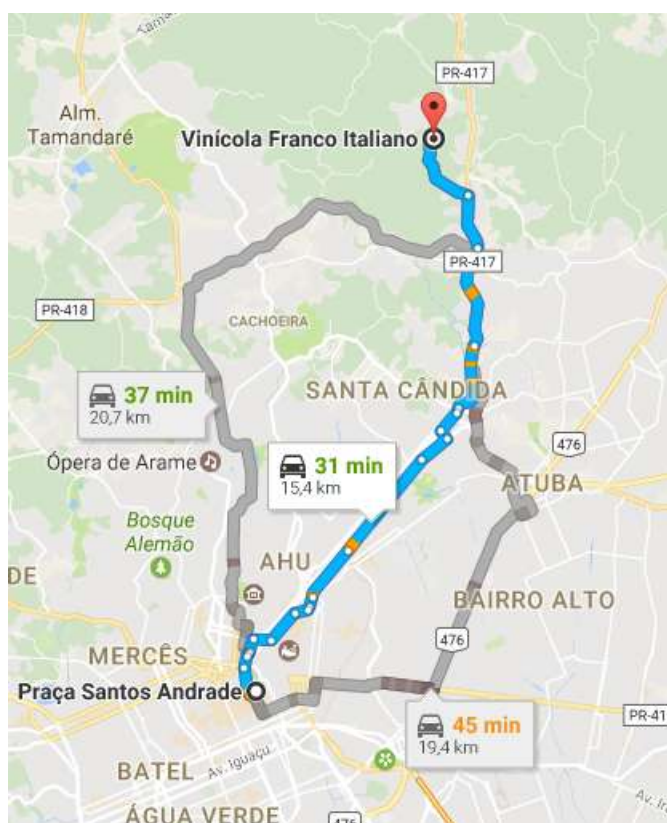


FIGURA 17: ESTIMATIVA DE TEMPO PARA VINÍCOLA FRANCO ITALIANO  
 FONTE: Elaboração própria, com base em googlemaps (2017).

Pecsek (2016) destaca a possibilidade do uso misto de meios de transporte quando os destinos são próximos a polos emissores, pois na grande maioria existe uma variedade de modos de transporte coletivo, incluindo alternativas mais amigáveis com o meio ambiente, como a bicicleta e a rede de transporte coletivo. Considerando que Curitiba é um importante polo emissor e que apresenta infraestrutura de destaque em relação ao sistema de transporte público, as vinícolas analisadas possuem potencial para promover a conciliação dos meios de transporte como sugere Pecsek (2016).

Dentro da perspectiva do uso de meios de transporte alternativos e/ou de formas mistas, fica evidente a necessidade de pesquisas adicionais para discutir a

mobilidade associada ao turismo lento. Contudo, denota-se que na observação qualitativa estes elementos surgiram como possibilidade de aproximação entre as temáticas.

De acordo com Caffyn (2012) o sucesso do turismo lento em criar a oportunidade para o maior número de pessoas a uma prática mais vagarosa, está diretamente relacionada com a criação de estratégias que viabilizem o acesso aos destinos de maneira realista e significativa. Assim, quanto maior o número de pessoas que experimente do contato e convívio em tempo lento, mais chances de repetir a prática e de valorizar o pensar lentamente (CAFFYN, 2012; PETRINI, 2005; HONORÉ, 2009).

#### 4.2.2.2. Experiência

A experiência é “um fato subjetivo que resulta da construção/transformação da pessoa, com ênfase nas emoções e no estímulo dos sentidos durante a imersão” (CARU, COVA, 2003, p. 273). De acordo com Caffyn (2012, p. 6) a experiência no *Slow Tourism* está associada em realizar conexões lentas onde o próprio turista se torne responsável em “fazer conexões reais e significativas com pessoas, lugares, alimentos, patrimônio e meio ambiente”.

De acordo com os critérios de análise empírica a experiência no *slow tourism* está relacionada ao convívio da prática e a interação com os elementos do lugar. Sendo assim, buscou-se neste quesito perceber de que forma existe a promoção de uma experiência de imersão e não simplesmente a visitação. Deste modo, os incentivos de conhecimento do produto, a interação com o processo de cultivo e produção da uva, a aprendizagem e conhecimentos sobre o preparo do vinho e outros fatores que proporcionem um sentido de evasão, como a degustação também foi considerada durante a observação.

Na análise e interpretação deste critério, os estudos sobre as dimensões da experiência de Pine e Gilmore (1999) foram fundamentais, com o dimensionamento a partir: da aprendizagem, do entretenimento, da estética atribuída à beleza dos atrativos e da evasão, atrelada a entrega e desligamento em relação ao tempo.

*O interesse pelo mundo dos vinhos ficou evidente no grupo que tive a oportunidade de acompanhar na visita a Vinícola Araucária. Numa conversa com um dos participantes, era a segunda vez que realizava a visita, porque da primeira não conseguiu desfrutar como gostaria, já que estava com um grupo de amigos falantes e empolgados, assim retornou somente com a esposa, para que ela também saboreasse e conhecesse sobre os processos. Um senhor aparentando uns 60 anos, que também aguardava pela visita guiada, ao perceber que conversávamos, se aproximou e quis relatar a experiência dele com os vinhos, disse que veio por indicação dos filhos e que queria justamente vivenciar e sentir novamente o cheiro da uva e do vinho; disse que conhecia sobre os vinhos coloniais e que quando criança ajudara seus pais a fazer o vinho, no interior de Santa Catarina. Enquanto ele relatava sua vivência passada, olhava para os tonéis de alumínio, falando que agora, mal pode se sentir o cheiro, já que é tudo tão moderno, com um ar nostálgico. Enquanto o guia nos explicava sobre as variedades de uvas trazidas da Europa e os procedimentos de cultivo, os métodos de plantio, formato das parreiras, distanciamento, exposição ao sol e outros detalhes, o senhor que relatou sua experiência buscava pela atenção do grupo, explicando que antigamente se plantavam de outra forma, que os parreirais eram dispostos de forma suspensa e que mesmo assim se cultivava muita uva. Pude perceber que ele estava em busca de reconhecimento em relação aos métodos antigos. O restante do grupo prestava a atenção e participava ativamente perguntado sobre curiosidades em relação ao plantio e também sobre as variedades das uvas (A AUTORA, 2017).*



FOTO 5: EXPLICAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO VINHO, NA VINÍCOLA ARAUCÁRIA.

FONTE: Acervo da autora (2017).

A dimensão do conhecimento e da aprendizagem ficou evidente na Vinícola Franco Italiano, onde os interessados em conhecer e aprender mais sobre os vinhos possuem um momento reservado. A vinícola oferece cursos introdutórios e generalistas de aproximação com o mundo do vinho geralmente nos sábados, antecedendo ao horário do almoço. O calendário é elaborado e divulgado semanalmente através das redes sociais da vinícola e promove o encontro dos interessados neste conhecimento. No dia da observação as inscrições estavam encerradas há alguns dias e novas inscrições não foram aceitas devido à capacidade na sala das barricas, onde são ministrados os cursos.

*Geralmente quem participa dos cursos já está acostumado a beber vinho e já apreciam e vem pra conhecer um pouco mais. Nunca estão sozinhos, fazem grupos de amigos ou parentes e já passam o restante do dia por aqui (IVONE, 2017<sup>24</sup>).*

---

<sup>24</sup> IVONE. Entrevista concedida para a realização da pesquisa. COLOMBO. 2017.



FOTO 6: MESA PREPARADA PARA O CURSO DE VINHOS.  
Fonte: Acervo da autora (2017).

*No que tange ao entretenimento na experiência, destaca-se a recepção na Cave Colinas de Pedra. Os clientes são recepcionados logo no portão de entrada, um a um e direcionados para a antiga estação de trem, que foi totalmente restaurada e transformada na sede principal. O espaço é muito bonito e todos se impressionam com as imagens passadas e a recuperação daquele patrimônio. Lá estão dispostos: o restaurante, uma sala de estar, os rótulos disponíveis à venda, um modesto acervo histórico com as fotos do período de restauração do empreendimento e um livro de registro de visitantes. Em meio a chegada dos visitantes, Sr Ari (pai) e Sr Rafaele (filho) interagem e demonstram preocupação que todos estejam à vontade. Presenciei uma família com crianças ser acolhida com uma cesta de pão de queijos quentinho, já que o almoço deveria demorar mais algum tempo. Após a chegada e organização do grupo, os proprietários convidam a todos para participar do registro do dia e assim uma foto com os visitantes foi realizada. Existe um esforço perceptível por parte dos gestores em que a visita seja marcada como um evento único e especial de lazer e descanso (A AUTORA, 2017).*



FOTO 7: RECEPÇÃO DOS VISITANTES NA SEDE DA CAVE COLINAS DE PEDRA  
FONTE: CAVE COLINAS DE PEDRA (2017).

*Temos a satisfação de ser lembrados com carinho pelos visitantes, as pessoas me chamam pelo nome. Aqui é a nossa casa, uma família acolhendo a outra. Recebo as pessoas aqui, como recebo na minha casa e todo mundo percebe. Depois voltam e trazem outros membros da família pra conhecer, isso é muito bacana. Quero que todos conheçam a Cave Colinas de Pedra e lembrem desse momento pra sempre, temos esta responsabilidade em atender bem aqueles que nos visitam (ARI, 2017<sup>25</sup>).*

A partir das relações sociais, relembram-se as considerações de Tuan (1983) sobre o lugar. De acordo com Tuan (1983) o lugar pode ser compreendido como o espaço que possui valor e significados construídos pela experiência. As relações que se iniciam em um espaço indiferente transformam-se em lugar, à medida que dotamos de valor, ou seja, no lugar estão as experiências e as relações do ser humano.

---

<sup>25</sup> ARI. Entrevista concedida para a realização da pesquisa. Curitiba. 2017.



FOTO 8: ACOLHIDA DOS VISITANTES NO INTERIOR DA SEDE  
FONTE: Acervo da autora (2017).

De acordo com Lannoy (2016), o turismo lento favorece a comercialização de formas de hospitalidade. Não se remete a um acolhimento dado pela recepção funcional ou a cordialidade formal, trata-se de espírito verdadeiro de hospitalidade, que é favorecido a partir do contato com o anfitrião, no entanto, é necessária cautela no sentimento de amabilidade, para que não transforme em artificialidade (LANNROY, 2016).

*Na Vinícola Araucária foi possível perceber que não há controle rigoroso na chegada dos visitantes, alguns se direcionam diretamente ao restaurante (prédio mais imponente do empreendimento) onde está localizado o estacionamento para os veículos e outros seguem o caminho pela estrada dentro da propriedade e direcionam-se até a loja da vinícola, onde são recepcionados. Como na maioria dos casos já está agendada a visita guiada pela vinícola, os visitantes chegam próximo do horário combinado e iniciam o seu passeio conhecendo o cultivo e os processos de preparação do vinho, que dura aproximadamente 1 hora, seguindo posteriormente para o almoço. As visitas guiadas são organizadas em dois períodos*

no sábado e no domingo, duas pela manhã e duas pela tarde, no entanto o responsável pela visita, disse abertamente que, existindo pessoas interessadas ele leva para conhecer e que atende sempre que é solicitado, independentemente do número de vezes. Foi possível perceber em relação a oferta dos serviços (almoço e visita guiada) que o visitante pode decidir de maneira mais autônoma pelo consumo de um serviço ou outro, ou dos dois. Não há por parte da vinícola a obrigatoriedade de conhecimento dos processos do vinho, assim como não há em relação ao desfrute do almoço. Na Vinícola Araucária, além da visita guiada e do restaurante, existe uma extensa área verde com trilhas e sinalização que levam até uma pequena cachoeira, estes elementos de entretenimento enriquecem o passeio e motivam os visitantes no contato com o meio natural, contribuindo para o desfrute de forma experiencial. Após o almoço, observou-se que as pessoas se dispersam entre a produção das uvas e o lago logo à frente do restaurante, as trilhas no interior da propriedade e as redes de descanso ao fundo do restaurante. Destaca-se que existe autonomia nas escolhas e no desfrute do espaço de maneira livre, sem interferência dos gestores ou funcionários (A AUTORA, 2017).



FOTO 9: SINALIZAÇÃO NA VINÍCOLA ARAUCÁRIA  
FONTE: Acervo da autora (2017).





FOTO 10: TRILHA E ÁREA DE DESCANSO  
FONTE: Acervo da autora (2017).

*Eu me preocupo em deixar as pessoas caminhando livremente pela vinícola, então estamos promovendo algumas melhorias, principalmente na segurança das trilhas e eu quero que eles aproveitem daquela paisagem, então já estamos melhorando os corrimões e colocando barreiras pra ninguém ir além de onde deve na cachoeira. É muito perigoso alguém se machucar. Eu também tenho seguro em toda a propriedade, caso alguém caia, se machuque eu tenho este serviço, é na verdade uma proteção pro meu visitante, que pode desfrutar sossegado de tudo, daquele pedaço da natureza (ADUR, 2017<sup>26</sup>).*

De acordo com Staciu (2014), o meio natural é um importante aliado para o *Slow Tourism*, uma vez que em contato com a natureza, o desligamento, a conexão e o relaxamento são mais efetivos. Quando a prática do turismo ocorre no meio natural, apresenta como impacto positivo as oportunidades de relaxamento cada vez mais difícil no meio urbano (STACIU, 2014). O meio natural é um importante motivador para promover a desconexão com as estruturas rígidas em torno do

---

<sup>26</sup> ADUR. Entrevista concedida para a realização da pesquisa. Curitiba. 2017.

tempo e permitir o aumento da profundidade, o retorno a lugares e tradições muitas vezes esquecidas pela rotina urbana (NISTOREANU *et al*, 2011).

*Na Cave Colinas de Pedra toda a expectativa da visita gira em torno do túnel de maturação dos espumantes. Embora não haja a obrigatoriedade de se realizar a visita, percebe-se que este é o principal elemento de entretenimento disposto dentro do empreendimento. A experiência da ida ao túnel histórico, da antiga estrada de ferro e o desfrute dos espumantes, pode ser considerada como o ponto alto da visita na Cave. Desta forma, é possível perceber que existe a motivação por parte dos gestores para que todos participem deste momento e certo ar de expectativa e ansiedade dos clientes (A AUTORA, 2017).*



FOTO 11: INTERIOR DO TUNEL NA CAVE COLINAS DE PEDRA  
FONTE: Acervo da autora (2017).

*A visita ao túnel é uma viagem ao tempo, embebida de mistério e de encantamento, reafirmada a todo momento pelo guia. O visitante não sabe ao certo, o que espera a partir da entrada, o deslocamento é feito em carro elétrico e uma porta de cofre guarda os segredos do espaço. As garrafas de espumante*

*descansam sob a umidade e pouca iluminação até o momento de serem saboreadas. Ainda em meio ao clima de expectativa se aprende sobre o processo de finalização dos espumantes e algumas poucas técnicas de como saborear o produto. Percebi nos olhos de quem visitava o empreendimento o encantamento pela história da ferrovia, o reconhecimento dos esforços para viabilizar o projeto e a admiração pelo vinho. Ao final da visita, o grupo estava mais descontraído e interagindo, alguns chamavam o guia pelo nome, denotando maior intimidade, fortalecidos pela experiência compartilhada (A AUTORA, 2017).*

As motivações baseadas em experiências podem ser ricas e intensas. Estas abordagens são semelhantes aos que foram identificados por Gardner (2009), que valoriza o turismo lento, com uma oportunidade de experimentar, viver e explorar as atrações resultando numa intensa experiência turística.

*Percebi que um grupo de amigos se dividiu, dois seguiram para o túnel e três optaram pelo desfrute do gramado, das redes, do vagão de litorina e das espreguiçadeiras. Em meio a tantos elementos de entretenimento e evasão, não percebi disputa entre os espaços, também foi possível perceber a relevância dos equipamentos e mobiliários, para motivar o desligamento dos visitantes em diferentes locais dentro da cave (A AUTORA, 2017), conforme demonstram as fotos 12, 13 e 14.*



FOTO 12: PRAÇA DE DESCANSO DA CAVE COLINAS DE PEDRA  
FONTE: Acervo da autora (2017).



FOTO 13: ÁREA DE DESCANSO NA CAVE COLINAS DE PEDRA  
FONTE: Acervo da autora (2017).



FOTO 14: VAGÃO DESATIVADO NA CAVE COLINAS DE PEDRA  
FONTE: Acervo da autora (2017).

A partir das colocações de Pine e Gilmore (1999), levou-se em consideração que o desenvolvimento de experiências por parte dos empreendimentos possa ser colocado como uma estratégia diferenciada de relacionamento e aproximação com o cliente. Nesta perspectiva os elementos colocados para o desfrute do tempo - redes, espreguiçadeiras, bancos e jardins, são percebidos pelo seu forte apelo estético, provendo a contemplação e motivando os visitantes à evasão. Todos os elementos que compõem os domínios da experiência de Pine e Gilmore (1999) aprendizagem, entretenimento, estética e evasão, são instrumentalizados como produtos de incentivo ao consumo do tempo lento, que em seu conjunto formam os estímulos necessários à experiência.

#### 4.2.2.3. Qualidade

A priori é preciso considerar que a qualidade é um quesito composto de subjetividade, em que prevalece a percepção de cada visitante sob o destino visitado (BIZINELLI *et al*, 2013; GONZALEZ, GÂNDARA, BREA, 2006). Como esta pesquisa não tem por objetivo analisar a perspectiva do visitante e sim do empreendimento, se ateve na observação empírica pela compreensão das possibilidades oferecidas ao turista para o desfrute do tempo e da lentidão, tendo

como referência os critérios de: segurança, privacidade, silêncio e autonomia (GERMANN MOLZ, 2009; MOGOLLÓN *et al*, 2012).

As observações nas vinícolas foram realizadas no período da manhã e da tarde, pois o fluxo de visitantes está geralmente associado ao horário do almoço. O atendimento ao público ocorre aos sábados, domingos e excepcionalmente em alguns feriados e a base para o atendimento é feito por meio de reserva prévia, por telefone, *email* ou redes sociais. Embora o sistema de reserva com antecedência, seja uma premissa para a organização dos empreendimentos, a Vinícola Franco Italiano limita o número de reservas a 60% da capacidade do restaurante, 130 lugares, para atender aos interessados sem reserva.

*Como reservamos parte do restaurante, é possível atender e girar mais, os que vão chegando depois do meio dia, ficam na lista de espera, a demora não é muito grande e o pessoal aproveita para tomar alguma coisa, vem até a loja, prova os vinhos e ficam por aí. Quando o tempo ajuda ficam no jardim, as crianças correm por aí e daí enquanto isso, os outros já desocupam o espaço e dá pra atender todo mundo. O restaurante tá muito bom! Bem variado (CECCON, 2017<sup>27</sup>).*



FOTO 15: SALÃO DO ESPAÇO GASTRONÔMICO – VINÍCOLA FRANCO ITALIANO  
FONTE: Acervo de Rodolfo Mantovani (2017).

*Especialmente na Vinícola Franco Italiano, existe um fluxo intenso de visitantes, expressos pelo atendimento no restaurante, o que denota certo distanciamento com os preceitos do Slow Tourism. Não há limite no número de visitantes, os estacionamentos foram sendo ocupados e o volume de pessoas na*

<sup>27</sup> CECCON. Entrevista concedida para a realização da pesquisa. Curitiba. 2017.

*espera foi gradativamente aumentando. Era um sábado de sol, o dia ensolarado propiciava que a espera fosse feita também no jardim da Vinícola deixando o público que aguardava se espalhar pelo gramado. Mesmo que a espera não fosse extensa, aproximadamente 20 minutos, notei um descontentamento nos clientes em permanecer em lista de espera e certa ansiedade que inibia o desfrute do lugar, comprometendo de certa forma a autonomia dos visitantes. No interior do restaurante, a disposição das mesas, e o sistema de serviço de buffet – corroboram para a diminuição da privacidade gerada pelo fluxo constante de pessoas (A AUTORA, 2017).*

Para Germann Molz (2009) outro ponto de destaque para eleger a qualidade do turismo lento é a autonomia do visitante. Autonomia que está relacionada ao atendimento voluntário dos seus desejos atribuindo a ele o papel de protagonista das suas escolhas, do seu roteiro e principalmente da administração do seu tempo.

*Na Vinícola Araucária, os pratos são servidos na mesa, de maneira individual, o que oportuniza menor movimentação no salão. As mesas estão dispostas de forma bem confortável, onde não é possível escutar as falas das mesas vizinhas. Percebi que embora o restaurante seja um espaço de convivência dentro da vinícola, as pessoas se mantêm intimistas e desfrutando de forma particular as suas refeições (A AUTORA, 2017)*



FOTO 16: DISPOSIÇÃO DAS MESAS – VINÍCOLA ARAUCÁRIA  
FONTE: Acervo da autora (2017).

*Chegando a Cave Colinas de Pedra a recepção acontece logo no portão, que permanece fechado, ali mesmo você é recepcionado pelo gestor e clientes sem reserva dificilmente são atendidos, pois a capacidade máxima do restaurante é de 60 pessoas. Todas as compras e preparo das refeições são realizadas para atender ao número já determinado, trabalha-se com o sistema de reserva prévia, onde há o controle da quantidade de pessoas que serão atendidas (A AUTORA, 2017).*

*Por estarmos em Piraquara, muita gente de Curitiba mesmo tinha certo receio em nos visitar, porque é uma região metropolitana sabe, era uma cidade que sofria com o preconceito do presídio e tal, tem muita gente que acha que o lugar é feio, eu não.... risos! Por isso acho importante destacar que estamos seguros aqui, o espaço é totalmente murado, tem portão e controle logo na entrada, sempre deixamos o portão fechado, assim a pessoa que entra aqui, sabe que está segura. E todo mundo se surpreende com a beleza da região. Estamos em meio à mata atlântica é uma maravilha de região, tanto que eu escolhi morar aqui (ARI, 2017<sup>28</sup>).*



FOTO 17: VISITA DA ENTRADA – CAVE COLINAS DE PEDRA  
FONTE: Acervo de Ari Portugal (2014).

Como destacam Bizinelli *et al* (2013) na experiência turística é possível considerar que a qualidade está no centro das histórias e experiências que são vivenciadas. Os empreendimentos devem concentrar as suas ações para que

---

<sup>28</sup> ARI. Entrevista concedida para a realização da pesquisa. Piraquara. 2017.



possam proporcionar aos consumidores experiências memoráveis no âmbito emocional, físico, intelectual e até espiritual.

#### 4.2.2.4. Consciência Socioambiental

No que tange o critério da consciência socioambiental, pela amplitude da temática, buscou-se observar empiricamente somente as ações implantadas pelos empreendimentos no sentido de promover a preservação socioambiental e a valorização do patrimônio histórico cultural, em que o empreendimento está inserido.

No entanto, cabe destacar que os estudos científicos que abordam a temática da consciência socioambiental estão presentes no *Slow Tourism* desde os primeiros esforços conceituais, primeiramente a partir da escolha dos meios de transporte, das formas de deslocamento, da emissão de poluentes e das mudanças climáticas (DICKINSON, LUMSDON, ROBBINS, 2010; LUMSDON, MCGRATH, 2011) ampliando até a valorização do patrimônio histórico e cultural e os modos de vida das comunidades locais (HALL, 2009; BUCKLEY, 2011; DICKINSON, LUMSDON, ROBBINS, 2010; 2011).

Quando perguntados sobre as questões que envolvem a consciência socioambiental do empreendimento, os entrevistados demonstraram preocupação com a temática e reforçaram a execução das suas ações:

*A Vinícola Araucária realiza o reaproveitamento dos seus dejetos orgânicos a partir de um tanque ambiental, desenvolvido justamente para atender a preocupação do empreendimento em não agredir o meio. Realizamos o replantio das Araucárias, árvore em extinção do Paraná, além do plantio de árvores frutíferas em torno de toda a vinícola e contamos com o monitoramento de um técnico engenheiro agrônomo ambiental, para assessorar nestas questões (ADUR, 2017).*



FOTO 18: TANQUE AMBIENTAL – VINÍCOLA ARAUCÁRIA  
FONTE: Acervo da autora (2017).

*A Vinícola Franco Italiano não possui ações específicas que envolvam as preocupações ambientais, embora aceite a devolução das garrafas para a reutilização. Quanto ao incentivo ao patrimônio histórico e cultural, destaca-se a revitalização da casa da família Rausis, que abrigou os imigrantes franceses recém-chegados ao Brasil em 1880. A construção serviu de residência para a família e foi restaurada para abrigar a entrada do atual restaurante da vinícola (A AUTORA, 2017).*



FOTO 19: ENTRADA DO RESTAURANTE NA VINÍCOLA FRANCO ITALIANO  
FONTE: Acervo da autora (2017).

*A Cave Colinas de Pedra, em relação ao patrimônio histórico e cultural, realizou a revitalização da antiga estação de trem Roça Nova, mantendo as características originais da estação. Além da recuperação da estação realizou a revitalização do túnel, utilizado atualmente para a maturação dos espumantes (A AUTORA, 2017).*



FOTO 20: ANTIGA ESTAÇÃO ROÇA NOVA  
FONTE: Acervo Pessoal de Ari Portugal (s.a).



FOTO 21: SEDE DA CAVE COLINAS DE PEDRA E ATUAL ESTAÇÃO ROÇA NOVA  
FONTE: Acervo da autora (2017).

*Em relação ao envolvimento e a participação da comunidade local nos empreendimentos, foi observada que há poucos funcionários que trabalham exclusivamente para as vinícolas. Conforme relato dos gestores, a mão de obra é da região próxima ao empreendimento e estão dispostos como freelance, prestadores de serviço autônomo, sem vínculo efetivo de trabalho e chamados conforme a necessidade do empreendimento. Geralmente são alocados em serviços de jardinagem, auxiliar de cozinha, garçons e serviços de limpeza e manutenção nos dias de funcionamento: sábados, domingos e feriados (A AUTORA, 2017).*

#### 4.2.2.5. Sabores

Para a análise empírica deste critério, buscou-se verificar as atitudes que denotam relevância a experiência alimentar (PERULLO, 2013) proporcionada pelo empreendimento. Assim elegeu-se como componentes da experiência alimentar: o

formato do serviço adotado pelo restaurante, a presença histórica e cultural nos pratos servidos e a forma que o conhecimento é compartilhado sobre o vinho. Acredita-se que desta forma os elementos centrais derivados do *slow food*, de incentivo as relações que se estabelecem e restabelecem ao redor da mesa, de espaços de diálogo sem a restrição do tempo cronometrado e de incentivo ao desfrute do prazer alimentar, estejam contempladas na análise.

*Cada empreendimento apresenta características específicas para o atendimento dos visitantes em relação aos “Sabores”:*

➤ **Espaço Gastronômico da Vinícola Franco Italiano**

*O serviço é de buffet e os pratos ficam dispostos em três mesas distintas, mesa de salada e antepastos, mesa de pratos quentes e mesa de sobremesa. Neste formato é comum formar filas e há grande fluxo de circulação de pessoas entre as mesas, podendo interferir na privacidade das mesas. O cardápio apresenta como base as referências da culinária italiana e da culinária francesa, respeitando a ascendência dos fundadores da Vinícola (A AUTORA, 2017).*



FOTO 22: BUFFET SERVIDO NA VINÍCOLA FRANCO ITALIANO  
FONTE: Acervo da Vinícola Franco Italiano (2017).

*Na vinícola as visitas não são acompanhadas, no entanto, os visitantes interessados podem circular livremente para conhecer todo o espaço. Não há*

*horários específicos para conhecer a vinícola, as portas são mantidas abertas e os visitantes podem circular no seu interior livremente. Existe como descrito no item 4.2.2.2 Experiência - um calendário de cursos rápidos de vinhos, promovido pela vinícola praticamente toda semana, que tem como objetivo atender aqueles que desejem conhecer com mais detalhe o universo do vinho. Durante todo o período de funcionamento do restaurante a loja da vinícola permanece aberta e lá os proprietários de forma cordial disponibilizam aos visitantes a prova dos seus vinhos e quando necessário fornecem informações adicionais sobre as especificidades de cada produto. Entre os produtos dispostos à venda, estão os vários rótulos da vinícola e produtos coloniais e artesanais de diferentes regiões do Brasil (A AUTORA, 2017).*

➤ **Vinícola Araucária**

*Estamos preocupados com o restaurante, sabemos da importância dele pro sucesso do nosso negócio, assim que é né? Um depende do outro. Por isso que sempre procuramos melhorar. O restaurante que valoriza nossos vinhos, então é uma troca que acontece, os pratos servidos ganham e os nossos vinhos também. (Adur, 2017<sup>29</sup>).*

*O serviço escolhido no Restaurante Galha Azul dentro da Vinícola Araucária é o empratado, ou seja, os pratos são servidos já montados prontos para o consumo, direto à mesa, o que traz maior conforto aos visitantes que permanecem sentados durante todo o período de permanência no restaurante. Este sistema atribui naturalmente aos visitantes maior comodidade e conforto, já que evita o deslocamento interno (A AUTORA, 2017).*

---

<sup>29</sup> ADUR. Entrevista concedida para a realização da pesquisa. Curitiba. 2017.



FOTO 23: ENTRADA SERVIDA NA VINÍCOLA ARAUCÁRIA  
FONTE: Acervo de Cruz (2017)

*O cardápio é composto de entrada, prato principal e sobremesa e foi elaborado para favorecer a harmonização dos vinhos produzidos na vinícola. As visitas guiadas acontecem ao menos 4 vezes ao dia, 2 pela manhã e 2 pela tarde, tendo como objetivo atender aos visitantes que possuem interesse em conhecer um pouco mais sobre os processos de cultivo das uvas e de preparo dos vinhos. Tem duração média de 90 minutos e inicia com a visita aos vinhedos e se encerra a degustação dos produtos. É acompanhada por um enólogo, que explica em detalhes sobre as etapas que envolvem a produção dos rótulos (A AUTORA, 2017).*

➤ **Cave Colinas de Pedra**

*O serviço adotado pelo restaurante é uma mistura entre buffet e empratado. Os pratos são montados individualmente em pequenas porções e dispostos numa mesa, denominada de “Mesa Gourmet” em que os visitantes se servem no formato de buffet. Conforme relata o administrador esta é uma forma de garantir o cuidado e carinho em cada pequeno pedaço, além de evitar o desperdício que geralmente existe em um buffet. O cardápio é fixo, sem variação e possui em sua essência influência da culinária italiana e da culinária regional, buscando enaltecer os produtos locais, entre eles o prato típico do litoral paranaense o “barreado” (A AUTORA, 2017).*



FOTO 24: EMPRATADOS EM PEQUENAS PORÇÕES – CAVE COLINAS DE PEDRA  
 FONTE: Acervo da Cave Colinas de Pedra (2017)

*- Passamos a semana organizando as visitas e agendamentos da próxima semana. A partir disso meu filho e minha esposa pessoalmente realizam as compras do que será servido. A Rosi faz tudo, desde a compra, prepara, cozinha, não tem preguiça e não deixa ninguém cuidar disso, faz questão porque sabe que é importante. E as pessoas valorizam o trabalho dela, é o carinho nos pratos isso não se transfere. E ela é reconhecida, tem muitos chef's que querem conhecê-la, querem saber como prepara e isso deixa a gente feliz (Portugal, 2017<sup>30</sup>).*

*As visitas até o túnel de maturação ocorrem em dois momentos, antes e depois do almoço e são realizadas pelo proprietário que faz questão de dividir seus conhecimentos e sua admiração pelo processo de maturação dos vinhos espumantes com os visitantes (A AUTORA, 2017).*

Percebe-se que a dimensão dos “Sabores” sob a relevância da experiência gastronômica, está atrelada de maneira expressiva com o desfrute do tempo lento. A partir dos relatos da observação dos serviços a mesa e o compartilhamento dos conhecimentos sobre os vinhos até a maneira como acontece a sua degustação, fica evidente o modo com que os estabelecimentos, constituem a sua relação com os

<sup>30</sup> PORTUGAL. Entrevista concedida para a realização da pesquisa. Curitiba. 2017.



clientes, demarcando de maneira efetiva como propõem as relações com o tempo lento ao visitante.

A partir da análise empírica, elaborou-se um quadro resumo com as principais evidências de aproximação e relação entre o Enoturismo e o *Slow Tourism*, conforme o Quadro 15.

<b>Elementos Fundamentais no <i>Slow Tourism</i></b>	<b>Aproximações com o Enoturismo, a partir da pesquisa empírica.</b>
<b>Lentidão</b>	
<p>A lentidão permeia a experiência de imersão no atrativo/produto, diretamente relacionado ao tempo disponível. Motivações de permanência dos visitantes e o conseqüente desligamento.</p>	<p>Percebeu-se que o tempo da visita leva em média 4 horas e atribui-se forte relação com a distância percorrida até o destino. Neste sentido, considera-se que a proximidade com o polo emissor de Curitiba, seja um fator relevante para o critério da Lentidão. Perceberam-se potencialidades quanto à forma de deslocamento – como o uso alternativo de meios de transporte, especialmente a bicicleta e o transporte coletivo – o que contribuiria para o desligamento e a prática mais vagarosa. Em relação às motivações por parte dos empreendimentos para o prolongamento da permanência dos visitantes, está sujeito ao ambiente natural e a estrutura física de cada vinícola.</p>
<b>Experiência</b>	
<p>Convívio e interação. Buscou-se neste quesito perceber de que forma existe a promoção de uma experiência de imersão e não apenas a visitação. Os incentivos de conhecimento do produto, interação com o processo de produção entre outros fatores que proporcionem um sentido de evasão durante a experiência.</p>	<p>O compartilhamento do conhecimento se demonstrou fundamental para a promoção da experiência. Compreender sobre o cultivo das uvas bem como das etapas e dos processos de preparo do vinho, envolvem os visitantes num clima de imersão, respeito e admiração pelo produto – que se consolida com a materialização da experiência completa na sua degustação. Assim considera-se que a aprendizagem é elemento de destaque para a experiência no Enoturismo.</p>
<b>Qualidade</b>	
<p>Diretamente relacionada às anteriores, requer que o foco esteja voltado intimamente ao usufruto da experiência voluntariamente eleita, com relativa autonomia do sujeito. Neste sentido, pretende-se perceber de que maneira essa autonomia se dá, compreendendo-a como parte de requisitos prévios como segurança, tranquilidade, silêncio, atenção e empatia</p>	<p>Respeitando a premissa de subjetividade, percebeu-se forte relação com o apelo estético do empreendimento e a disponibilização de autonomia ao visitante. Neste sentido, a disponibilização de equipamentos e objetos para o desfrute da tranquilidade e do silêncio são considerados fundamentais para fornecer autonomia aos visitantes.</p>
<b>Consciência Socioambiental</b>	

<p>Preocupação com a sustentabilidade. Exige ciência e consciência prévia à “aquisição” do produto <i>slow</i>, que carrega atributos de saudabilidade e bem-estar, com preocupação quanto a equidade e limitação dos recursos naturais e culturais. Para este quesito, pretende-se verificar de que maneira os atrativos remetem em seus produtos e serviços a preocupação com os atributos socioambientais.</p>	<p>As preocupações acerca da consciência socioambiental nos empreendimentos do Polo de Enoturismo não estão evidenciadas de maneira expressiva. Existem ações isoladas e projetos de implantação futura, no entanto percebe-se que esta temática não pertence ao eixo norteador das vinícolas. Apesar de existir uma preocupação especial na revitalização histórica da arquitetura e de enaltecer a utilização de elementos característicos da região para caracterização dos produtos consumidos.</p>
<b>Sabores</b>	
<p>Elementos centrais derivados do <i>slow food</i>, relações que se estabelecem e restabelecem ao redor da mesa, de espaços de diálogo sem a restrição do tempo cronometrado e sem a “concorrência” de elementos do turismo altamente massificado. Determinados pelo incentivo ao desfrute do prazer alimentar, no desenvolvimento da capacidade perceptiva que conquista as variáveis da experiência e as combina em um sentimento consciente.</p>	<p>Desde o plantio e cultivo da uva, o respeito com as forças da natureza, a necessidade do sol, da umidade, do calor e do frio denotam que as etapas e os processos de preparo do vinho, possuem estreita relação com a filosofia <i>slow</i>. Neste sentido, os sabores propostos pelos empreendimentos estão evidenciados no reconhecimento do vinho como produto principal da experiência gastronômica.</p>

QUADRO 15: EVIDÊNCIAS DE APROXIMAÇÃO ENTRE O *SLOW TOURISME* E O ENOTURISMO.  
Fonte: Elaboração própria (2017).

A partir de tal quadro percebe-se a aproximação existente entre os preceitos do *slow tourism* e do enoturismo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo de organização e desenvolvimento do turismo está pautado no atendimento e satisfação da demanda turística, especialmente pela representatividade econômica que os fluxos exercem sobre a atividade. Esta lógica, no entanto apresenta indicadores que passaram a ser questionados pelas correntes progressistas de desenvolvimento, lançando força inversa ao paradigma econômico e a acumulação de riquezas.

Sob esta perspectiva surge na década de 80 na Itália o movimento de desaceleração do tempo – *slow*. Este movimento apresenta a necessidade de valorizar o desfrute do tempo lento e do resgate do convívio e das relações humanas e sociais em torno do alimento. A partir desta filosofia o movimento se propaga para diferentes contextos sociais incluindo o turismo – *slow tourism*.

O movimento *slow* é uma temática nova e possui por este motivo uma larga fragilidade frente à construção teórica. Sabe-se, no entanto, que as práticas lentas estão se configurando como uma tendência, especialmente para estratégias de planejamento e desenvolvimento urbano, sustentabilidade socioambiental e cultura alimentar. Embora seja percebida como uma tendência contemporânea, as discussões científicas em torno desta temática ainda se demonstram incipientes e principalmente no turismo são discutidas aliadas a outras práticas já consolidadas de turismo.

Considerando a necessidade de aprofundamento teórico sobre esta discussão, elegeu-se como problemática central verificar como as dinâmicas *slow* se apresentam no turismo? Para compor a problemática, utilizou-se da aproximação com a prática já consolidada de Enoturismo, a partir do Pólo de Enoturismo da Região Metropolitana de Curitiba, cabendo estabelecer ainda outros questionamentos: As dinâmicas *Slow Tourism* possuem aproximação com o Enoturismo? De que forma é possível evidenciar o tempo lento no Pólo de Enoturismo da Região Metropolitana de Curitiba?

A fim de responder aos questionamentos propostos pela pesquisa, elegeu-se como objetivo geral: Analisar o *Slow Tourism* enquanto prática capaz de ressignificar o fenômeno turístico e para atender a este objetivo, definiu-se como objetivos específicos: Analisar os princípios norteadores da construção do conceito

*Slow Tourism* e elencar seus elementos fundamentais; Identificar e caracterizar os casos emblemáticos que denotem o *Slow Tourism* como movimento convergente em contexto mundial e Relacionar o *Slow Tourism* e o Enoturismo a partir do Pólo de Enoturismo da Região Metropolitana de Curitiba.

A partir da discussão teórica, foi possível definir e conceitualizar o *Slow Tourism* como prática de turismo que permeia a sustentabilidade e a convivencialidade e que prima pela relação e pela valorização do lugar e da hospitalidade, tendo como premissa a entrega e o desfrute do tempo para alcance da experiência turística. Os seus elementos fundamentais se demonstraram baseados na centralidade da Lentidão e na entrega do tempo lento, expressos a partir da: Experiência, Qualidade, Consciência Socioambiental, Sabores.

A pesquisa empírica nas vinícolas do Polo de Enoturismo da Região Metropolitana de Curitiba se demonstrou fundamental para considera-se que as dinâmicas *slow* estão presentes no Enoturismo. Nas vinícolas analisadas especialmente pela oferta e comercialização: da EXPERIÊNCIA, a partir do conhecimento, elementos estéticos e evasão, da QUALIDADE, com o silêncio, autonomia e segurança; dos SABORES com a degustação dos vinhos e harmonização da culinária e da CONSCIÊNCIA SOCIOAMBIENTAL disposta pela restauração e valorização dos atributos histórico-culturais.

Destaca-se, ainda, que embora se apresente os cinco elementos fundamentais do *Slow Tourism*, é necessário almejar a sua compreensão de maneira ampla. Neste sentido, enfatiza-se que existem inúmeras categorias que fornecem subsídios para a sua ampla discussão, indicativos de pesquisas futuras mais aprofundadas, especialmente ao que tange as relações teóricas com a ecogastronomia, a convivialidade e a hospitalidade.

A temática *slow* no contexto do turismo discute e revela novas oportunidades de reavaliação e de incorporação de valores a um campo mais amplo que consolida e fortalece a oferta turística. Dentre as vantagens do *Slow Tourism*, está explicitamente, a promoção do turismo sustentável e o incentivo às iniciativas locais, numa inversão sobre a preocupação com o bem-estar que converte do comportamento do turista para o destino turístico. Destaca-se que no *Slow Tourism*, a prioridade sobre as estratégias de organização estão voltadas para a satisfação interna da oferta turística, denotando caráter de qualificação da demanda turística e não de quantificação da oferta.

Neste sentido, a oferta turística se posiciona, estabelecendo seus limites e valorizando as condutas internas, incentivando a partir da determinação das suas condutas o respeito pelo lugar visitado, o reconhecimento da sua singularidade e dos processos que o cercam, em uma lógica distinta da habitual adaptação do lugar para receber a demanda turística.

Considera-se que o *Slow Tourism*, é mais que uma modalidade de turismo, é um modo de prática em que se valoriza a oferta do tempo lento e das relações sociais e humanas em torno dele, entende-se, portanto que ele seja capaz de promover a resignificação do turismo. Por esta lógica é capaz de consolidar uma forma de turismo mais compassiva e respeitosa, no que se refere aos modos de vida e produção, permitindo a sua aproximação com outras práticas já discutidas de turismo, como o Turismo Gastronômico, Turismo de Aventura e Turismo de Base Comunitária, pela forte similaridade com os preceitos *slow*, especialmente ao que tange a disposição e respeito aos limites e características da oferta turística.

Destaca-se, no entanto, que esta temática bem como os limites desta pesquisa, devam ser consideradas como oportunidades de aprofundamento científico. Reforça-se que a pesquisa ateve-se aos empreendimentos e a oferta do tempo lento, não compreendendo outras perspectivas sociais, culturais ou ambientais. Por ser uma pesquisa exploratória e possuir no seu cerne a preocupação em apresentar elementos suficientes para despertar a curiosidade e instigar novas discussões, julga-se que tenha fornecido subsídios suficientes para considerar a relevância do *Slow Tourism* para o turismo.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBACH, V. A difusão da pesquisa em Geografia do Turismo na Ibero-América. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- ALCANTARA, L; SOUZA, C; SAMPAIO, C; GESSER, J. Construção de conhecimentos de ação territorial: institucionalização da interdisciplinaridade em zonas de educação para o ecodesenvolvimento. *Simpósio Internacional sobre Interdisciplinaridade no Ensino, na Pesquisa e na Extensão – Região Sul*, 2014.
- ALCANTARA, L. *Projetos de desenvolvimento: processos de ensino-aprendizagem ou processos de instrumentalização?* Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Fundação Regional de Blumenau, Blumenau, 2015.
- AMARAL FILHO, J. A endogeneização no desenvolvimento econômico regional e local. *Planejamento e Políticas Públicas*, n. 23, p. 261-286, jun. 2001.
- ANDREWS, G. *The Slow Food Story*. Politics and Pleasure. London: Pluto Press, 2008.
- ASSOCIAÇÃO CITTASLOW. 2017. Disponível em: <<http://www.cittaslow.org/>>. Acesso em: 30 abr. 2017.
- BAGNOLI, L. Slow tourism and railways: a proposal for the Italian-French Roia Valley. *Dos Algarves*. A Multidisciplinary E-journal, vol.27, p. 120-136, 2016.
- BARQUERO, A. V. Desarrollo endógeno: Teorías y políticas de desarrollo territorial. *Investigaciones Regionales*, n. 11, p. 183-210, 2007.
- BARRETTO, M. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. *Horizontes antropológicos*, vol. 9, n. 20, p. 15-29, 2003.
- BATISTA, M; GRISCI, C; GALLON, S & FIGUEIREDO, M. *Slow movement*: trabalho e experimentação do tempo na vida líquido moderna. *Psicologia & Sociedade*, vol. 25, n. 01, p.30-39, 2013.
- BAUER, R. C., & PANOSSO NETTO, A. P. Princípios do Slow Travel aplicados ao Lazer Turístico Contemporâneo. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, vol. 1, n. 2, p. 23-38, 2014.
- BENI, M. C. Globalização do Turismo: comunicação e concorrência no mercado internacional. *Revista Turismo em Análise*, vol. 7, n. 01, p. 62-70, 1996.
- BIZINELLI, C; MANOSSO, F; GÂNDARA, J; VALDUGA, V. Experiências do Turismo Cervejeiro em Curitiba, PR. *Revista Rosa dos Ventos*, v. 5, n.2, p. 349-375, 2013.
- BDTD – BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES. 2017. Disponível em: <<http://bdtb.ibict.br/>>. Acesso em: 30 abr. 2017.
- BRANDAO, J. M.; MAHFOUD, M. GIANORDOLI-NASCIMENTO, I. F. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia*, vol.21, n.49, p.263-271, 2011.
- BREDS – TREASURE BEACH. 2017. Disponível em: <<http://www.breds.org/>>. Acesso em: 28 abr. 2017.
- BUCKLEY, R. Tourism under climate change: Will slow travel supersede short breaks? *AMBIO: A Journal of the Human Environment*, vol. 40, n. 03, p. 328-331, 2011.

- BUENO, M. S.O desafio da Hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, vol.13, p. 04-07, 2016.
- CAFFYN, A. Advocating and implementing slow tourism. *Tourism Recreation Research*, vol. 37, n.1, p. 77-80, 2012.
- CALEGARE, M. G. A; SILVA JÚNIOR, N. *Progresso, Desenvolvimento Sustentável e abordagens diversas de desenvolvimento: uma sucinta revisão de literatura. Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n 24, p. 39-56, 2011.
- CARLOS, A. O turismo e a produção do não lugar. In: YAZIGI *et al.* *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- CARP, J. The Study of Slow. In: GOLDSTEIN, B. E. *Collaborative Resilience: Moving from Crisis to Opportunity*. Boston: MIT Press, p. 99–126, 2012.
- CARU, A., COVA, B. Revisiting consumption experience: a more humble but complete view of the concept. *Marketing Theory*, vol. 3, n. 2, p.267-286, 2003.
- CARVALHO, M. M; PALADINI, E. P. *Gestão da Qualidade. Teoria e Casos*. Rio de Janeiro. Elsevier: ABEPRO, 2012.
- CMMAD – Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. *Nosso futuro comum*. Tradução de Our common future. 1a ed. 1988. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.
- CONWAY, D.; TIMMS, B. F. Re-branding Alternative Tourism in the Caribbean: The Case for 'Slow Tourism'. *Tourism and Hospitality Research* vol. 10, n. 4, p. 329-344, 2010.
- CONWAY, D.; TIMMS, B. F. Are slow travel and slow tourism misfits, compadres or different genres?. *Tourism Recreation Research*, vol. 37, n. 1, p. 71-76, 2012.
- COROLANO, L. N. Lazer e Turismo para o desenvolvimento na Escala Humana. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, vol. 01, n. 02, p. 126-141, 2013.
- CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre, Artmed, 2010.
- DALLABRIDA, V. R.; SIEDENBERG, D; FERNANDEZ, V. R. Desenvolvimento a partir da perspectiva territorial. *Desenvolvimento em questão*, ano 02, n. 4, jul./dez. 2004.
- DENCKER, A. F. M. *Pesquisa em turismo: planejamento, métodos e técnicas*. São Paulo: Futura, 1998.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Org.) *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DICKINSON, J. E.; LUMSDON, L. *Slow travel and tourism*. Earthscan, 2010. .
- DICKINSON, J. E.; LUMSDON, L. M.; ROBBINS, D. Holiday travel discourses and climate change. *Journal of Transport Geography*, vol. 18, n. 3, p. 482-489, 2010.
- DICKINSON, J. E., LUMSDON, L. M., ROBBINS, D. Slow travel: Issues for tourism and climate change. *Journal of Sustainable Tourism*, vol. 19, n. 3, p. 281-300, 2011.
- FEIBER, S. D. *O lugar: vivências e significados*. Cascavel: Assoeste, 2008.

- FERNANDES, M. Desenvolvimento Sustentável: antinomias de um conceito. In: \_\_\_\_\_; GUERRA, L. (Orgs.) *Contradiscursos do desenvolvimento sustentável*. Belém: UNAMAZ; NAEA-UFPA, 2006.
- FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FULLAGAR, S. *Slow Tourism: Experiences and Mobilities*. 2012.
- FULLAGAR, S., MARKWELL, K., WILSON, E. (Eds.). *Slow tourism: Experiences and mobilities*. Channel View Publications, 2012.
- GÂNDARA, J. M. G.; GIMENES, M. H. S. G.; MASCARENHAS, R. G. Reflexões sobre o Turismo Gastronômico na perspectiva da sociedade dos sonhos. In: PANOSSO NETTO, A.; ANSARAH, M. G. (Org.). *Segmentação do mercado turístico – estudos, produtos e perspectivas*. Barueri: Manole, 2009.
- GARDNER, N. A manifesto for slow travel. *Hidden Europe*, 25. 2009. Disponível em: <<http://www.hiddeneurope.co.uk/a-manifesto-for-slow-travel>>. Acesso em: 15 abr. 2017.
- GENTILE, C. *Slow food na Itália e no Brasil: História, projetos e processos de valorização dos recursos locais*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável), Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 412 p., 2016.
- GERMANN MOLZ, J. Representing pace in tourism mobilities: Staycations, slow travel and the amazing race. *Journal of Tourism and Cultural Change*, vol. 7, n. 4, p. 270-286, 2009.
- GIBBS, G. *Análise de dados qualitativos: coleção pesquisa qualitativa*. Bookman Editora, 2009.
- GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1991.
- GOHN, M. *Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- GONZÁLEZ, M. E. A., GÂNDARA, J. M. G., BREA, J. A. F. Explicación de las intenciones de comportamiento através de la calidad percibida y la satisfacción en el turismo termal de España. *Revista Turismo em Análise*, vol. 17, n. 02, p. 206-224, 2006.
- GOOGLE MAPS. 2017. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-25.4870555,-49.2366442,13z>>. Acesso em: 30 abr. 2017.
- GUIVER, J.; MCGRATH, P. Slow tourism: Exploring the discourses. *Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal*, vol. 27, p. 11-34, 2016.
- GUIVER, J.; MCGRATH, P.; TORKINGTON, K. Special Issue: Slow Tourism Editorial. *Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal*, vol.27, p 5-10, 2016.
- HABERMAS, J. *Teoria do agir comunicativo II*. São Paulo; Martins Fontes, 2012.
- HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. Bertrand Brasil, 2004.
- HAESBAERT, R. Do espaço ao território, estrutura e processo. *Economía, Sociedad y Territorio*, vol. 13, n. 43, p. 805-815, 2013.



- HALL, C. M. Degrowing tourism: Décroissance, sustainable consumption and steady-state tourism. *Anatolia: An International Journal of Tourism and Hospitality Research*, vol. 20, n. 1, p. 46-61, 2009.
- HALL, C. M. *The contradictions and paradoxes of slow food: Environmental change, sustainability and the conservation of taste*. Slow Tourism: Experiences and Mobilities, Channel View, Bristol, p. 53-68, 2012.
- HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 2002.
- HARVEY, D. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2006.
- HONORÉ, C. *In praise of slowness: Challenging the cult of speed*. Harper Collins, 2009.
- HONORÉ, C. *Devagar: como um movimento mundial está desafiando o culto da velocidade*. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- HOTEL SPRUCE. 2017. Disponível em: <<http://www.wild-norway.com/adventure/hotel-spruce-5-thousand-stars-hotel/>>. Acesso em: 28 abr. 2017.
- IBRAVIN – Instituto Brasileiro do Vinho. 2017. Disponível em: <<http://www.ibravin.org.br/>>. Acesso em 30 abr. 2017.
- LIICH, I. *Convivencialidade*. Lisboa: Francisco Lyon de Castro, 1976.
- KNOX, P.; MAYER, H. *Slow cities: sustainable places in a fast world*. Virginia Tech, 2006.
- LANNOY, P. The slowness I cherish. An attempt at sociological and political self-analysis. *Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal*, vol. 27, p. 53-72, 2016.
- LARSEN, G. R. The unappreciated slowness of conventional tourism. *Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal*, vol. 27, p. 35-52, 2016.
- LEE, K. H., SCOTT, N., PACKER, J. Where does food fit in tourism?. *Tourism Recreation Research*, vol. 39, n. 2, p. 269-274, 2014.
- LEFF, E. *Ecologia capital e cultura: a territorialidade da racionalidade ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- LEMOS, L. A. Os sete mitos do turismo: a busca de alguns conceitos fundamentais. In: GASTAL, Susana. (Orgs.) *Turismo: Nove propostas para um saber-fazer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- LIPMAN, M. B.; MURPHY, L. Make haste slowly: Environmental sustainability and willing workers on organic farms. *Slow tourism: Experiences and mobilities*, vol. 54, n. 84, 2012.
- LIPOVETSKY, G. *A felicidade paradoxal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LUMSDON, L. M.; MCGRATH, P. Developing a Conceptual Framework for Slow Travel: A Grounded Theory Approach. *Journal of Sustainable Tourism*, vol. 19, n.3, p. 265-279, 2011.
- MARRONE, G. Brand on the run: Mirada semiótica sobre Slow Food. *Tópicos del Seminario Benemérita*. Universidad Autónoma de Puebla, México, n. 26, p. 59-92, 2011.

- MARTINS, U; GURGEL, L; MARTINS, J. Experiências com a gastronomia local: um estudo de caso sobre movimento Slow Food e o turismo gastronômico na cidade de Recife – Brasil. *Revista PASOS*, vol. 14, n. 1, 2016.
- MASSEY, D. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. (Org.) *O Espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.
- MASSEY, D. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MASSUKADO, M. S. Análise comparativa de estratégias qualitativas de investigação: possibilidades para a pesquisa em turismo. *Revista Turismo & Sociedade*, v.1, n. 1, p. 09-27, 2008.
- MAX-NEEF, M. *Desenvolvimento à escala humana: concepção, aplicação e reflexões posteriores*. Blumenau: Edifurb, 2012.
- MAYER, H., KNOX, P. Slow cities: sustainable places in a fast world. *Journal of Urban Affairs*, vol. 28, n.4, p. 321-334, 2006.
- MCGRATH, P.; SHARPLEY, R. *Slow travel and slow tourism: New concept or new label. Slow tourism, food and cities: Pace and the search for the 'good life'*. London: Routledge, 2016.
- MOESCH, M. O fazer-saber turístico: possibilidades e limites de superação. In: GASTAL, S. (org.). *Turismo: 9 propostas para um saber-fazer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- MOGOLLÓN, J., M., H., DE SALVO, P., DI CLEMENTE. Una aproximación al concepto de slow tourism: el caso del territorio de Valle Del Jerte. *Journal of Tourism and Development*, vol. 3, n. 17/18, p. 1681-1693, 2012.
- MOORE, K. On the Periphery of Pleasure: Hedonics, Eudaimonics and Slow Travel. In: FULLAGAR, S. *Slow Tourism: Experiences and Mobilities*. 2012.
- MORIN, E.; KERN, A. B. *Terra-Pátria*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- NISTOREANU, P., DOROBANȚU, M. R., & ȚUCLEA, C. E. The trilateral relationship ecotourism – sustainable tourism – slow travel among nature in the line with authentic tourism lovers. *Revista de turism-studii si cercetari in turism*, vol.11, p. 35-38, 2011.
- OH ASSAF, H. A. G.; BALOGLU, S. Motivations and goals of slow tourism. *Journal of Travel Research*, vol. 55, n. 2, p. 205-219, 2016.
- PAKMAN, E. T. Sobre as definições de turismo da OMT: uma contribuição à História do Pensamento Turístico. In: Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. *Anais... XI*, 2014.
- PALADINI, E. P. *Gestão da qualidade: teoria e prática*. São Paulo: Atlas, 2010.
- PANOSSO NETTO, A.; NECHAR, M. C. Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, vol. 8, n. 1, p. 120-144, 2014.
- PARASECOLI, F; LIMA, P. Eat your way through culture: gastronomic tourism as performance and bodily experience. In: FULLAGAR, S; MARKWELL, K; WILSON, E. *Slow Tourism: Experiences and Mobilities. Aspects of Tourism*, 54. Canadá, 2012.

PECSEK, B. Revitalizing tourism in small regional towns through folklore-driven slow tourism: The example of Matyó land, Hungary. *Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal*, vol. 27, p. 94-119, 2016.

PERIÓDICO CAPES. 2017. Disponível em: <[http://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com\\_pcontent&view=pcontent&alias=missao-objetivos&Itemid=102](http://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pcontent&view=pcontent&alias=missao-objetivos&Itemid=102)>. Acesso em: 15 jun. 2016.

PERULLO, N. *O gosto como experiência: ensaio sobre filosofia e estética do alimento*. São Paulo: SESI-SP, 2013.

PETRINI, C. *Slow food: The case for taste*. Columbia University Press, New York, 2001.

PETRINI, C. *Buono, pulito e giusto*. Principi di nuova gastronomia. Torino: Einaudi, 2005.

PETRINI, C., PADOVANI, G. *Slow Food revolution: Da Arcigola a Terra Madre. Una nuova cultura del cibo e della vita*. Milan, Italy: Rizzoli, 2005.

PETRINI, C. *Slow Food: Princípios de uma nova gastronomia*. São Paulo: Editora SENAC, 2009.

PETRINI, C. *A centralidade do alimento*. Documento do VI Congresso Internacional do Slow Food (2012 - 2016). Roma, 2012. Disponível em: <<http://www.slowfoodbrasil.com/campanhas-e-manifestos/598-a-centralidade-do-alimento>>. Acesso em 30 mai. 2017.

PINE II, B. J.; GILMORE, J. H. *The Experience Economy – work is theatre & every business a stage*. Massachusetts: Ed. Harvard Business School Press, 1999.

PUBLICAÇÕES DE TURISMO. 2017. Disponível em: <<http://www.publicacoesdeturismo.com.br/>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

REJOWSKI, M. *Turismo e pesquisa científica: Pensamento internacional x situação brasileira*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

REJOWSKI, M. *Turismo e pesquisa científica*. São Paulo: Papirus, 1999.

REJOWSKI, M. *Turismo no Percurso do Tempo*. São Paulo: Ed. Aleph, 2002.

REDALYC. 2017. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

RESEARCH GATE. 2017. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/>>. Acesso em: 07 ago. 2016.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 2011.

RODRIGUES, A. Património Território y Empreendedorismo: pilares del desarrollo del turismo en base local. *Aportes y Transferencias*, vol. 07, n. 02, p.11-30, 2003.

SACHS, I. *Espaços, tempos e estratégias do desenvolvimento*. São Paulo: Ed. Vértice, 1986a.

\_\_\_\_\_. *Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir*. São Paulo: Vértice, 1986b.

\_\_\_\_\_. *Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente*. São Paulo: Studio Nobel: Fundap, 1993.

\_\_\_\_\_. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

\_\_\_\_\_. *Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SACK, R. Human territoriality: it's theory and history. *Annals of the Association of American Geographers*, vol. 73, n. 1, p. 55-74, 1983.

SANTOS, M. *Por uma epistemologia existencial*. Questões territoriais na América Latina. São Paulo: Clacso, 2006.

SANTOS, M. *Técnica, Espaço e Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, M. A cidade e o urbano como espaço-tempo. Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, *Anais...* N. 2, vol. 1, p. 241-244, 2012.

SAMPAIO, C. A. C. Gestão organizacional estratégica para o desenvolvimento sustentável: uma metodologia alternativa para o planejamento turístico. *Revista Turismo e Ação*, vol. 02, n. 06, p. 97-115, 2000.

SAMPAIO, C. A. C. *Planejamento para o desenvolvimento sustentável: um estudo de caso e comparativo de municípios*. Florianópolis (SC): Bernúncia, 2002.

SAMPAIO, C. A. *Turismo como fenômeno humano: princípios para se pensar a socioeconomia e sua prática sob a denominação turismo comunitário*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SAMPAIO, C. A. C. *Gestão que privilegia outra economia: ecossocioeconomia das organizações*. Blumenau: Edifurb, 2011.

SAMPAIO, C. A. C. *El turismo como fenómeno humano*. Saarbrücken: Editorial Académica Española, 2012.

SEBASTIANI, R., MONTAGNINI, F.; DALLI, D. Ethical consumption and new business models in the food industry. Evidence from the Eataly case. *Journal of business ethics*, vol. 114, n. 3, p. 473-488, 2013.

SCOPUS. 2017. Disponível em: < <https://www.elsevier.com/solutions/scopus>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

SEN, A. K. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SLOW FOOD. 2017. Disponível em: < <http://www.fondazionielowfood.com/en/ark-of-taste-slow-food/>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

SLOW FOOD BRASIL. 2017. Disponível em: <<http://www.slowfoodbrasil.com/>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

SLOW FOOD INTERNATIONAL. *Slow Food International Statute*. 2012. Disponível em: <[http://slowfood.com/filemanager/official\\_docs/SLOW\\_FOOD\\_STATUTE\\_2012.pdf](http://slowfood.com/filemanager/official_docs/SLOW_FOOD_STATUTE_2012.pdf)>. Acesso em: 09 mar. 2017.

SLOW FOOD INTERNATIONAL. *Our Network*. 2016. Disponível em: <<https://www.slowfood.com/our-network/>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

SLOW FOOD INTERNATIONAL. 2017. Disponível em: <<http://www.slowfood.com/>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

SLOW FOOD INTERNATIONAL. *Slow Food Manifesto*. 2017. Disponível em: <[http://slowfood.com/filemanager/Convivium%20Leader%20Area/Manifesto\\_ENG.pdf](http://slowfood.com/filemanager/Convivium%20Leader%20Area/Manifesto_ENG.pdf)>. Acesso em: 30 abr. 2017.

SLOW FOOD TRAVEL. 2017. Disponível em: <<http://www.fondazione Slow Food.com/en/slow-food-travel/>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

SMITH, M. *The emerging consumption of, and demand for slow travel: Just another niche travel adjective?* (Tese de Mestrado Não Publicada). Exeter University: Exeter, 2012.

STACIU, M. Analysis of Touristic Development Potential of Some Natura 2000 Sites. *Scientific Papers Series Management, Economic Engineering in Agriculture and Rural Development*, vol. 14, n. 01, 2014.

TENCATI, A., ZSOLNAI, L. The Collaborative Enterprise. *Journal of Business Ethics*, n. 85, p. 367-376, 2009.

TENCATI, A., ZSOLNAI, L. The collaborative enterprise and Sustainability: The Case of Slow Food. *Journal of Business Ethics*, vol. 110, n. 03, p. 345–354. 2012.

THER RÍOS, F. Antropologia del territorio. *Polis* (Santiago), vol. 11, n. 32, p.493-510, 2012.

TIMMS, B. F.; CONWAY, D. Slow tourism at the Caribbean's geographical margins. *Tourism Geographies*, vol. 14, n. 03, p. 396-418, 2012.

TREASURE BEACH. 2017. Disponível em: <<http://www.treasurebeach.net/guide/>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

TRIBE, J. Tourism: A Critical Business. *Journal of Travel Research*, vol. 46, pp. 245–255, 2008.

TRIGO, L. G. G. *Turismo e qualidade: tendências contemporâneas*, 1993.

TRIGO, L. G. G. *A sociedade e o profissional em Turismo*, 1999.

TUAN, Y. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Y. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

UNISG – Università degli Studi di Scienze Gastronomiche. *History e Mission*, 2017. Disponível em: <<http://www.unisg.it/en/administration/storia-e-missione/>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

UNWTO – Organização Mundial do Turismo. *Annual Report 2015*. 2015. Disponível em: <[http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/pdf/annual\\_report\\_2015\\_lr.pdf](http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/pdf/annual_report_2015_lr.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2017.

UNWTO – Organização Mundial do Turismo. *Gastronomy network plan*. 2016. Disponível em: <<http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/docpdf/gastronomyactionplaneweb.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

UNWTO – Organização Mundial do Turismo. *A UNESCO e o Ano Internacional do Turismo Sustentável*. 2017. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/prizes-and-celebrations/2017-international-year-of-sustainable-tourism/>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

WEB OF SCIENCE. 2017. Disponível em: <<https://login.webofknowledge.com>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

VALDUGA, V. *Raízes do turismo no território do vinho: Bento Gonçalves e Garibaldi-1870 a 1960 (RS/Brasil)*. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

VALDUGA, V. Sujeito turístico e espaço turístico: possibilidades teórico-metodológicas para os estudos do turismo. *Journal of Tourism and Development*, vol. 3, n. 17/18, p. 481–492, 2012.

VALDUGA, V. El Enoturismo em Brasil: un análisis territorial en el Estado de Rio Grande do Sul (Brasil) desde 1870 hasta 1970. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, v. 23, n. 02, p. 278-304, 2014.

VALDUGA, V., DARTORA, J. D. S., BABINSKI, L. R. Economia da experiência: vivências na região Uva e Vinho/RS. Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. *Anais... IV*. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2007.

VARLEY, P., SEMPLE, T. (2015). Nordic slow adventure: Explorations in time and nature. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, vol. 15, n. 1-2, p. 73-90, 2015.

VIZEU, F; MENEGUETTI, F; SEIFERT, R. Por uma crítica ao conceito de desenvolvimento sustentável. *Caderno EBAPE - BR*, v. 10, n. 03, p. 570-583, 2012.

ZARUCH, J. Polo de Enoturismo é atração da grande Curitiba. *Diário Indústria & Comércio*, 2016. Disponível em: <<http://www.diarioinduscom.com/335567-2/>>. Acesso em: 27 mai. 2017.